

**VII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA**

<https://www.even3.com.br/7simpppghis/>



PPGHIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM **HISTÓRIA** REGIONAL E LOCAL



VII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS

09 A 12/11/2021

CADERNO DE RESUMOS

SALVADOR

2021

VII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

REALIZAÇÃO

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Reitor
José Bites de Carvalho

Vice-Reitor
Marcelo Ávila

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Marcea Andrade Sales

Departamento de Ciências Humanas – Campus V

Diretor
João Evangelista Nascimento Neto

Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local - PPGHIS

Coordenador
José Ricardo Moreno Pinho

COMISSÃO ORGANIZADORA

José Ricardo Moreno Pinho (Coordenação Geral)
Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes
Edinaldo Antonio Oliveira Souza
Fabricio Lyrio Santos
Maria das Graças de Andrade Leal
Priscila Gomes Correa

SECRETARIA DO EVENTO

Viviane Sales

APOIO

ASCOM
Assessoria de Comunicação do DCH – V

Lael Brito Rebouças
Lana Lessa dos Santos Hora
Rairon dos Santos

EDIÇÃO, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

Deise Gabriela Carmo de Souza
Maria das Graças de Andrade Leal
Fabricio Lyrio Santos

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriana Dantas Reis
Ana Maria Veiga
Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Dailza Araujo Lopes
Danilo Ferreira da Fonseca
Dayane Nascimento Sobreira
Edinélia Maria Oliveira Souza
Emily de Jesus Machado
Erivaldo Sales Nunes
Fabricio Lyrio Santos
Gabriel José Brandão de Souza
Geraldo Magella de Menezes Neto
Gilson Souza de Jesus
Idalina Maria Almeida de Freitas
Ione Celeste Jesus de Sousa
Isabel Cristina Ferreira dos Reis
Ítalo Nelli Borges
Ivaldo Marciano de França Lima
Jacimara Souza Santana
Jose Ricardo Moreno Pinho
Josivaldo Pires de Oliveira
Laila Brishta
Lais Viena de Souza
Luciana Falcão Lessa
Marcela de Oliveira Santos Silva
Márcia Gabriela de Aguiar Barreto
Maria das Graças de Andrade Leal
Maria Hilda Baqueiro Paraíso
Nancy Rita Sento Sé de Assis
Priscila Gomes Correa
Rafael Xucuru Kariri
Raiza Cristina Canuta da Hora
Renata Ferreira de Oliveira
Rodrigo Castro Rezende
Sara Oliveira Farias
Stefanie Rocha Carneiro Pinho
Suzana Maria de Sousa Santos Severs
Tânia Mara Pereira Vasconcelos
Tânia Maria Pinto de Santana
Vânia Nara Pereira Vasconcelos
Wellington Pereira Santos
Wilson Roberto de Mattos

APRESENTAÇÃO

O **Simpósio de História Regional e Local** é atividade acadêmica promovida pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS), da Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Ciências Humanas, Campus V. É realizado a cada dois anos e acontece na sede do Programa, na cidade de Santo Antônio de Jesus. Este ano, de forma extraordinária, em sua 7ª edição, o evento acontece no formato remoto, em função da pandemia do COVID-19.

O evento acontece no período de 9 a 12 de novembro 2021, tendo por tema: **“DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS”**. Pretende ser um espaço de reflexões acerca do momento atual da política brasileira e mundial, no qual o estado democrático de direito vem sendo constantemente ameaçado, com ascensão de ideias opostas às liberdades individuais e coletivas, ataques às instituições, à liberdade de cátedra e à ciência.

Como já é tradição, o Simpósio conta com historiadoras e historiadores de diversas instituições da Bahia e outros Estados, bem como um público diversificado envolvido com a História, a Educação, os movimentos sociais e culturais da região. Trata-se de um importante espaço acadêmico, onde discentes de graduação e pós-graduação, docentes e demais pessoas interessadas têm a oportunidade de acessar conhecimentos inovadores e estabelecer diálogos sobre temas variados de interesse nacional e regional, através das atividades programadas.

Por se tratar de um evento que abre um importante leque de debates historiográficos e educacionais, especialmente em função de ser tradicionalmente realizado em uma cidade do interior da Bahia, a participação de estudantes e professores das redes municipal e estadual de ensino se caracteriza em oportunidade ímpar de formação e informação que contribui para a qualificação da Educação Básica da região e inserção da universidade na comunidade.

Neste sentido, entende-se que o **VII Simpósio de História Regional e Local** caracteriza-se em ação de extensão universitária, de caráter social, cultural e educacional, por congrega profissionais da educação e estudantes de diversas instituições e regiões da Bahia, em particular, e do Brasil. Além disso, este evento se constitui em uma das atividades acadêmicas que visa a democratização de acesso ao conhecimento científico qualificado, significando, em contrapartida, mais uma ferramenta necessária à consolidação do PPGHIS e à sua atuação nos debates contemporâneos que mobilizam a sociedade brasileira e baiana.

A UNEB

A atuação do PPGHIS e vincula-se à política institucional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), maior instituição estadual de ensino superior da Bahia, fundada em 1983, cujo funcionamento foi autorizado pelo Decreto Presidencial n.92.937 de 17 de julho de 1986, que busca assegurar a expansão de projetos de formação qualificada que responda às demandas da atualidade que exigem ações comprometidas com a resolução dos graves problemas acumulados historicamente, especialmente nas cidades interioranas. A UNEB vem se empenhando na construção de espaços diversificados, tanto nas diferentes áreas do conhecimento, quanto nos diferentes territórios geograficamente localizados em micro-regiões espalhadas no estado da Bahia, para a produção, reflexão e intervenção sobre as políticas públicas de educação superior na Bahia. É constituída por 24 campi e 29 Departamentos que abrangem todas as regiões do estado, estando localizados em Salvador e 23 centros regionais de médio e grande porte, com distâncias que variam de 100 a 850 km da Administração Central, situada na capital baiana.

A UNEB, nesse sentido, atua há mais de 30 anos na interiorização do ensino superior na Bahia. Destaca-se, ainda, que o pioneirismo da Universidade na implantação dos diversos Departamentos em diferentes regiões do estado, vincula-se à concepção estratégica do desenvolvimento regional e local, propiciando retornos diretos para as comunidades nas quais se encontra instalada, possibilitando avanços nos indicadores gerais do ensino e impulsionando os processos de transformação social, política, econômica e cultural regional e local.

A Universidade possui mais de 169 cursos de graduação (nas modalidades presencial e à distância) e 26 programas de pós-graduação recomendados pela CAPES (mestrado acadêmico e profissional, e em rede, e doutorado) ofertados a cerca de 51.836 alunos (graduação e pós-graduação), conforme dados retirados do Anuário UNEB de 2017.

Dentre as ações de impacto adotadas desde 2002 pela UNEB, destaca-se a política de inclusão pelo sistema de cotas, considerada pioneira no Brasil e implantada pela primeira reitora negra a dirigir uma universidade no país, nos cursos de graduação e pós-graduação. Desde então a Universidade vem aperfeiçoando a política de cotas que culminou na Resolução Nº 1.339/2018 (Publicada no D.O.E. 28-07-2018, p. 32) em que “Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgênero (...)” A respectiva Resolução estabelece “a reserva de vagas e sobrevagas para populações histórica e socialmente discriminadas, nos processos seletivos realizados para o preenchimento das vagas dos cursos de graduação e pós-graduação ofertados pela UNEB, com o objetivo de promover a diversidade de gênero, a equidade étnico-racial e a inclusão no ensino superior”, conforme seu Art. 1º. No que se refere à política de cotas no PPGHIS, do total de 177 ingressos no período de 2007 a 2018, 60 optaram pelas cotas, representando 33,89% dos mestres e mestrandos inseridos na Pós-graduação. Assim, o Programa atua de forma sistemática para a ampliação de oportunidades para a qualificação de profissionais em nível de mestrado de forma inclusiva.

Dessa forma, a atuação do PPGHIS em muito tem contribuído para a consolidação do papel social da UNEB enquanto instituição voltada para o desenvolvimento das diversas regiões em que está inserida, em particular no Recôncavo baiano.

Para maiores informações acesse: <https://portal.uneb.br/>

O PPGHIS

O Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS), em nível de mestrado, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vinculado ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus V (Santo Antônio de Jesus), situado no Recôncavo baiano, foi o primeiro programa stricto-sensu em História implantado no interior da Bahia, cujas atividades foram iniciadas em 2007. O PPGHIS integra ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de promover a formação qualificada de docentes e pesquisadores para a produção e socialização do conhecimento historiográfico, com ênfase em estudos no âmbito da História Regional e Local, proporcionando condições que incidam na melhoria dos indicadores de qualidade do ensino, na expansão da pesquisa, na produção de conhecimento científico e no impacto sócio-econômico e cultural nas regiões em que os discentes e egressos do Programa atuam.

O PPGHIS tem como área de concentração a História Regional e Local, entendida a partir de uma concepção sistêmica, onde o local é considerado unidade de conhecimento ou objeto delimitado de estudo interligado às dinâmicas e diversidades de outros espaços articulados, de forma a ampliar as possibilidades interpretativas que compõem as dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas, cotidianas, individuais e coletivas de trajetórias de populações localizadas nas regiões e territórios do Brasil, em múltiplas temporalidades históricas, observando as suas peculiaridades e as similaridades no mosaico histórico, político, étnico e cultural em que se constituíram. Assim, está estruturado em duas linhas de pesquisa - Estudos Regionais: Campo e Cidade e Estudos sobre Trajetórias de Populações Afro-brasileiras - que tomam o local como ponto de partida para refletir sobre temáticas diversas do conhecimento histórico como cultura e diversidades culturais e étnico-racial, práticas cotidianas e religiosidades, memória e esquecimento, narrativas e oralidade, mundos do trabalho, relações de gênero, escravidão e pós-abolição, racismo, África e africanidades. Considerando os doze anos de atuação do PPGHIS, entendemos que o mesmo vem se constituindo em referência de Pós-Graduação em História na região do Recôncavo sul baiano, tendo em vista ser o primeiro mestrado na área instituído no interior da Bahia pela UNEB e que vem atendendo um expressivo público e já contando com mais de cem dissertações concluídas.

Para mais informações acesse: <https://ppghis.uneb.br/>

PROGRAMAÇÃO GERAL

09/11/2021 (Terça-feira)	10/11/2021 (Quarta-feira)	11/11/2021 (Quinta-feira)	12/11/2021 (Sexta-feira)
9:30-10:00 Mesa de abertura			9:30-12:00 Mesa 04: Direitos Humanos e democracia: lutas, denúncias e resistências
10:00-10:30 Exibição do filme: Marco Zero – Santo Antônio de Jesus			
10:30-12:00 Conferência de abertura Prof. Dr. João Carlos Salles (UFBA) Moderação: Prof. Dr. José Ricardo Moreno Pinho (UNEB)			9:00-12:00 MINI-CURSOS OFICINAS
INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
14:00-18:00 Simpósios Temáticos (1ª sessão)	14:00-18:00 Simpósios Temáticos (2ª sessão)	14:00-18:00 Simpósios Temáticos (3ª sessão)	14:00-18:00 ATO DE ENCERRAMENTO: Em defesa da democracia, das diversidades e da liberdade de cátedra.
INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	
19:00-21:30 Mesa 01: O papel da ciência e da liberdade de cátedra na construção da democracia Prof. ^a Dr. ^a Tania Hetkowski (UNEB/SBPC) Prof. ^a Dr. ^a Ronalda Barreto (UNEB/ADUNEB) Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (ANPUH) Moderação: Prof. Dr. Fabricio Lyrio Santos (UFRB/UNEB)	19:00-21:30 Mesa 02: Poder e sociedade local no debate historiográfico Prof. Dr. Erivaldo Neves (UEFS) Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva (UFRJ) Prof. Dr. Frederico Castro Neves (UFC) Moderação: Prof. ^a Dr. ^a Maria das Graças de Andrade Leal (UNEB)	19:00-21:30 Mesa 03: Ensino de História, democracia e cidadania Prof. ^a Dr. ^a Iris Verena Oliveira (UNEB) Prof. ^a Dr. ^a Josineide da Silva Bezerra (UFPB) Prof. ^a Dr. ^a Luciana Rossato (UDESC) Moderação: Prof. ^a Dr. ^a Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes (UNEB)	

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
A UNEB.....	6
O PPGHIS.....	7
PROGRAMAÇÃO GERAL.....	8
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS.....	15
SIMPÓSIO TEMÁTICO 1: A HISTÓRIA REGIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS.....	16
ENTRECRUZANDO SABERES: CONSTRUINDO DIÁLOGO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NAS COMUNIDADES EM CRUZ DAS ALMAS-BA.	17
A FORMAÇÃO CONTINUADA: A QUALIDADE DO ENSINO PARA O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	18
ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA.....	18
A TRAJETÓRIA DE MARIA DA CRUZ: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL.....	19
HISTÓRIA LOCAL NO CONTEXTO LEGISLATIVO: UM MAPEAMENTO DAS NORMATIVAS EDUCACIONAIS DOS ESTADOS BRASILEIROS (1990-2019).....	20
A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELÉM E A POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL NO PERÍODO PÓS-DITADURA (DÉCADAS DE 1980 E 1990).....	21
HISTÓRIA REGIONAL E HISTÓRIAS DE VIDA: TRABALHANDO CONCEITOS JUNTO A TURMAS DA DISCIPLINA HISTÓRIA ORAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.....	22
O ENCRUZO MATEENSE: A (TRANS)FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO ONDE HOJE É O BAIRRO LITORÂNEO EM SÃO MATEUS/ES.....	22
THEODORO BRAGA E A CONSTRUÇÃO DO IDEAL REPUBLICANO EM BELÉM (1900-1910).....	23
O DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS QUADRINIZADAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	24
SIMPÓSIO TEMÁTICO 2: ARTE E RESISTÊNCIA EM TEMPOS SOMBRIOS: PESQUISA, ENSINO E HISTÓRIA PÚBLICA.....	26
DIÁLOGOS SOCIAIS COMO MANEIRAS DE EFETIVAR O DIREITO AO LETRAMENTO VERNACULAR: OS (DES)CAMINHOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E JURÍDICOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA EM TEMPOS DÍSPARES.....	27
DANÇA DA ABAYOMI: TECENDO ANCESTRALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA.....	28
QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO: UMA OUTRA LINGUAGEM PARA ENSINAR HISTÓRIA.....	29
“O SHOW DO ENCONTRO”: CAETANO, CHICO, CENSURA E RESISTÊNCIA NA BAHIA.....	30
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E AS RESISTÊNCIAS À DITADURA CIVIL-MILITAR DE 1964: ARTE, ESTÉTICA E COMPORTAMENTOS.....	30
O CINEMA BRASILEIRO A CONTRAPELO DA HISTORIOGRAFIA: GLAUBER ROCHA VISTO PELOS CRÍTICOS ANTAGONISTAS.....	31

“ELA ESTAVA CENSURADA, MAS FOI LIBERADA”: UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DA MÚSICA REVOLUÇÃO POR MINUTO FRENTE À ABERTURA POLÍTICA NO BRASIL.....	32
ÁLBUNS PATRIMONIAIS: UMA PROPOSTA PARA O FOMENTO LITERÁRIO E CULTURAL NO RECÔNCAVO	33
O MONSTRO E A BANCA: AS CANÇÕES COMO TESTEMUNHOS AUDITIVOS DE TEMPOS SOMBRIOS.....	33
SIMPÓSIO TEMÁTICO 3: ATLÂNTICO E DIÁSPORAS: DIÁLOGOS EM TORNO DE HISTÓRIAS, FONTES E NOVOS CONCEITOS.....	34
NO PORTO E PELO PORTO: OPÇÕES DE TRABALHO NA ZONA PORTUÁRIA DE ILHÉUS E SUAS ILUSTRAÇÕES NA LITERATURA BAIANA (1920-1945).....	35
"AS TRADICIONAIS FESTAS SEBASTIANAS": A PROMOÇÃO DAS FESTAS EM PROL DE SÃO SEBASTIÃO PROMOVIDA PELOS ESTIVADORES DE ILHÉUS (1927-1942)	35
UM PORTO-QUATRO TEMPOS - HISTÓRIA DO PORTO DA BAHIA E AS DINÂMICAS DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	36
AS CORDAS SONORAS DA AFRO-AMÉRICA: TOCADORES DE ARCOS MUSICAIS NA FICÇÃO ANGOLANA E BRASILEIRA.....	37
CINEMA E CARTOONS NA AMÉRICA DO SUL: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA POLÍTICA NO SÉCULO XX	37
CACHAÇA E TRÁFICO ATLÂNTICO DE AFRICANOS PARA O BRASIL: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA.....	38
VIAGENS, VIAJANTES E O PORTO DE SALVADOR COLONIAL	39
SIMPÓSIO TEMÁTICO 4: DAS MARGENS: GÊNERO E AS INTERSECÇÕES COM RAÇA/ETNIA, CLASSE, SEXUALIDADE E TERRITORIALIDADE.....	40
REBELDIAS E RUPTURAS: AS INSUBMISSAS MULHERES DE MARILENE FELINTO E MARIA VALÉRIA REZENDE	41
PODE A SERTANEJA FALAR? UMA PROVOCAÇÃO A PARTIR DE TERRITORIALIDADES NÃO CENTRAIS.....	41
PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA FEMININA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, EM SOUSA-PB (1960-1980).....	42
“EU SOU UM MACACO ORGULHOSO”: ZOOLOGIZAÇÃO DA VIDA E TAXIDERMIA DOS HOMENS NEGROS	42
“O QUE DIZER QUANDO ENCONTRÁ-LO PELA PRIMEIRA VEZ?”: ANÁLISE DO FENÔMENO DOS “CASAMENTOS POR FOTOGRAFIA”, A PARTIR DA OBRA “O BUDA NO SÓTÃO”, DE JULIE OTSUKA.....	43
ENTRE RUAS, GUETOS, UNIVERSIDADE E ONGS: AS DIVERSAS SOCIABILIDADES QUE CONSTRUÍRAM O MOVIMENTO GLBT EM FEIRA DE SANTANA ENTRE OS ANOS DE 1999 A 2016	44
DONA FINHA: MEMÓRIAS DE UMA ANTIGA DONA DE PENSÃO EM ITABAIANA- PB (1968-1988).....	45
NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA MATA NORTE PERNAMBUCANA.....	46
ANÁLISE SOBRE O FEMINISMO TÁTICO DE MULHERES PASTORAS	47
ENTRE A TRANSGRESSÃO E A ARMADILHA DO CASAMENTO: MOÇAS “MAL COMPORTADAS” E SUAS FUGAS COM HOMENS CASADOS NO SERTÃO DA BAHIA (1940-1950)	47

ESCUTANDO MULHERES: POR UMA ESCUTA APRENDENTE NA PESQUISA HISTÓRICA.....	48
SIMPÓSIO TEMÁTICO 5: ENTRE A ESCRAVIDÃO E O PÓS-ABOLIÇÃO: SUBALTERNIDADES, PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E LUTA POR CIDADANIA NEGRA.....	50
“CRIADINHAS MAL ARRANJADAS”: CIVILIDADE, CORPO E RAÇA EM SALVADOR (1925-1926)	51
“A RAÇA NEGRA ESTÁ REPRESENTADA”: ALINE FRANÇA E A LITERATURA AFROFUTURISTA	52
ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A MULHER NEGRA BRASILEIRA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1920-1940) ATRAVÉS DA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO	52
ENTRE ILHAS, MARES E MONTES: TERRITÓRIO E IDENTIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GALEÃO-BA.....	53
COMUNIDADE QUILOMBOLA CANTO FAZENDA FRADE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA (OEIRAS - PIAUÍ).....	54
REPRESENTAÇÕES E HISTÓRIAS SOBRE O ESCRAVO LUCAS DA FEIRA: “UMAS MAL CONTADAS” E “OUTRAS TECIDAS PELAS IMAGINAÇÕES APAVORADAS” NA FEIRA DE SANTANA (1885-1915).....	55
TRADIÇÃO ORAL AFRO-BRASILEIRA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA ESCOLAR.....	56
MALUNGOS NO MUNDO NA MEDICINA: AS TRAJETÓRIAS DOS MÉDICOS NEGROS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1808-1888).....	56
“CHAMEM OS AGUADEIROS À POSTURA”: TENTATIVAS DE CONTROLE DOS AGUADEIROS NO PÓS-ABOLIÇÃO - FEIRA DE SANTANA (1900-1940).....	57
SABERES E FAZERES DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE LAGOA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980: REFLEXÕES INICIAIS DA PESQUISA	58
TRANÇADOS DA MEMÓRIA: TRABALHO, IDENTIDADE E CULTURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAMPO GRANDE (1925-2007)	58
EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE LUTA PELA LIBERDADE DE TRABALHADORAS ESCRAVIZADAS EM PEQUENAS POSSES – UM ESTUDO DE CASOS (CAMPINAS, SÉCULO XIX)	59
NOTAS DE PESQUISA SOBRE AS ALFORRIAS CARTORIAIS NO TEMPO DA LEI DO VENTRE LIVRE (1870-1872)	60
NEGRAS MEMÓRIAS: TRABALHO E FAMÍLIA DAS CHARUTEIRAS NO RECÔNCAVO BAIANO ENTRE 1950 - 1990.....	61
SIMPÓSIO TEMÁTICO 6: ESTUDOS COLONIAIS: A BAHIA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS.....	62
AS MULHERES NEGRAS NO ATLÂNTICO MODERNO: UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DECOLONIAL E INTERSECCIONAL PARA A HISTÓRIA DO BRASIL.....	63
O “PECADO” DA SODOMIA: PERSEGUIÇÃO E CONDENAÇÃO ÀS PRÁTICAS SODOMÍTIAS ENTRE OS INDÍGENAS PELO OLHAR DA INQUISIÇÃO NA COLÔNIA PORTUGUESA – SÉC. XVII	63
É FIADO OU EM DINHEIRO DE CONTADO? O NÍVEL DE LIQUIDEZ MONETÁRIA NA BAHIA COLONIAL.....	64
GOVERNADORES E MINISTROS DA RELAÇÃO E OS PROBLEMAS NO GOVERNO DA	

CAPITANIA DA BAHIA (1753 - 1777).....	64
AS DENÚNCIAS DE FEITIÇARIA CONTRA AS PESSOAS DE COR EM MARIANA: UMA BREVE ANÁLISE DOS CADERNOS DO PROMOTOR DE MEADOS DO SÉCULO XVIII	65
AS MULHERES DITAS SODOMITAS PROCESSADAS NA PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO À BAHIA: GÊNERO E INTERSECÇÃO	66
TRAJETÓRIAS DE AFRICANOS LIBERTOS NA BAHIA SETECENTISTA: CASAMENTOS, STATUS E CONDIÇÕES MATERIAIS	66
SIMPÓSIO TEMÁTICO 7: EXPANSÃO PORTUGUESA NO PERÍODO MODERNO: RELIGIOSIDADES, CONFLITOS E INTERAÇÕES SOCIAIS.....	68
VIDA E MORTE EM PROCISSÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CULTO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE.....	69
AS VÁRIAS ESPOSAS DOS “HOMENS DO MAR”: INQUISIÇÃO, BIGAMIA E RELAÇÕES FAMILIARES NO ATLÂNTICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII	70
ENTRE A MISSA E A JUREMA: RESISTÊNCIAS E ADAPTAÇÕES NOS ALDEAMENTOS JESUÍTICOS DA BAHIA ÀS VÉSPERAS DA EXPULSÃO (1758-1759)	71
A IGREJA DE TAFARÉU: PRÁTICAS DE CURA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO DOS CAMPOS - BA (1999- 2018).....	72
A NEGAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX EM SÃO FELIPE, BAHIA.....	72
O LIVRO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA E A ESCRITA CARTORIAL NA BAHIA NOS TEMPOS DA COLÔNIA E DA PROVÍNCIA	73
A CURA PELA FÉ: PRÁTICAS DE CURA POR MEIOS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIXA GRANDE EM MURITIBA - BAHIA	74
CRENÇAS E DEVOÇÕES NA ZONA RURAL DE MURITIBA-BA (1970-2000).....	75
REZADEIRAS, RELIGIOSIDADE E PRÁTICAS DE CURA EM MUNIZ FERREIRA - BA	76
IRMÃOS NA VIDA E NA MORTE: O BEM MORRER NOS COMPROMISSOS DAS IRMANDADES DE NEGROS DA BAHIA (SÉCULO XVIII)	77
SIMPÓSIO TEMÁTICO 8: GÊNERO, RAÇA E HISTÓRIA: QUESTÕES INTERSECCIONAIS	79
MULHERES ESCRAVIZADAS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS DOS ANÚNCIOS DO JORNAL O PUBLICADOR NA PARAHYBA DO NORTE (1864-1869).....	80
DISCUTINDO INTERSECCIONALIDADE: O CASO DA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DA BAHIA	80
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SALVADOR: A ATUAÇÃO DAS ESTUDANTES DO COLÉGIO CENTRAL DA BAHIA NA RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR	81
AQUILOMBAMENTO, ESCRIVIVÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCRITA DA HISTÓRIA DE MULHERES QUILOMBOLAS NA BAHIA.....	82
SIMPÓSIO TEMÁTICO 9: HISTÓRIA DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA E DO TEMPO PRESENTE: PROJETOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	83
OS INDESEJÁVEIS DO PASSEIO: SEGREGAÇÃO ESPACIAL EM LOURENÇO MARQUES (1938-1953).....	84
CENTROS DE MEMÓRIA E ENSINO: A FRENTE PATRIÓTICA RUANDESA E A DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO GENOCÍDIO DE RUANDA	84

A RENASCENÇA INTELECTUAL AFRICANA DOS FILHOS DO PAÍS: RACISMO, NAÇÃO E CRÍTICA ANTICOLONIAL (1880-1890).....	85
O REINO DO CONGO VIVE? ALGUMAS QUESTÕES SOBRE MEMÓRIAS E DISCURSOS	86
MOÇAMBICANIDADE E CURRÍCULO LOCAL: QUESTÕES, CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS	86
SIMPÓSIO TEMÁTICO 10: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS: ENTRE PESQUISAS, SABERES E AFETOS.....	88
A VIRADA AFETIVA NAS CARTAS INDÍGENAS: CORRESPONDÊNCIAS DE APOIO AOS GUARANI KAIOWÁ.....	89
DOCUMENTOS DA VIDA: POR UMA HISTÓRIA DAS NARRATIVAS INDÍGENAS	89
TEKOHA.....	90
O QUE SÃO CARTAS-IMAGENS? UMA LEITURA DA “CARTA AO VELHO MUNDO” DE JAIDER ESBELL	90
A LEI 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO RECÔNCAVO BAIANO: PROBLEMATIZANDO AS REPRESENTAÇÕES PRESENTES ENTRE EDUCADORES.....	91
RECÔNCAVO AFRO INDÍGENA: REFLEXÕES EM TORNO DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS PRIMEIROS MOCAMBOS	92
LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEITO DE AUTORIA A PARTIR DE DAVI KOPENAWA	92
O REGULAMENTO DE CATEQUESE E CIVILIZAÇÃO INDÍGENA E SUA APLICAÇÃO NA REGIÃO DO RIO JEQUITINHONHA	93
HISTÓRIAS QUE MINHA AVÓ NÃO ME CONTOU: A LITERATURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	94
SIMPÓSIO TEMÁTICO 11: HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA EM PESQUISAS COM FONTES CRIMINAIS.....	95
O VAQUEIRO QUE NÃO ERA MARCA DE GENTE: UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS MASCULINIDADES SERTANEJAS EM FEIRA DE SANTANA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	96
“DECAÍDAS”, “EMBRIGADAS” E “RAIVOSAS”: O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO SOTEROPOLITANA SOB A ÓTICA DA DELEGACIA DE JOGOS E COSTUMES (1960- 1970).....	96
O CRIME DE PELOTAS: A MORTE INFAME DE JOÃO SINHÁ (1897)	97
“VAES MORRER!” UM ESTUDO DE CASO DE CRIME PASSIONAL EM RAMOS (DÉCADA DE 1930).....	98
ALAYDE, ERUDINA, IZABEL, NORBERTA E OUTRAS: OS CRIMES SEXUAIS E A INVISIBILIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA MASCULINA	99
SIMPÓSIO TEMÁTICO 12: INFÂNCIAS E JUVENTUDES: GÊNERO, SEXUALIDADES, EDUCABILIDADES E RAÇA E TRABALHO: ANTIGUIDADE, OUTROS PERÍODOS E TEMPORALIDADES BRASILEIRAS	101
A MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO BAIANO: PRÁTICAS E PRESCRIÇÕES NA REFORMA GÓES CALMON (1925)	102
“DESAPARECEO HUM MULEQUE POR NOME...”: FUGAS ESCRAVAS NA CAPITANIA DA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX	103
A FIGURA DAS BACANTES NA REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE ATENAS NO SÉCULO V AEC	103

SAMBA JUNINO NO BEIRU: TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL NA HISTÓRIA DO CABULA.....	104
SIMPÓSIO TEMÁTICO 13: NOS CAMINHOS DO TEMPO: (AUTO) BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS ENTRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS	105
DO ESQUECIMENTO AO PROTAGONISMO: AMÉLIA REGINALDO PELAS LENTES DE UMA HISTORIADORA	106
DO ENSINO SECUNDÁRIO À LUTA ARMADA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES BAIANAS NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA	106
“UM POLÍTICO DA ANTIGA ESCOLA”: A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO CORONEL ANTÔNIO PESSOA DA COSTA E SILVA E AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NA REGIÃO CACAUEIRA.....	107
SOB O OLHAR DOS SEUS BIÓGRAFOS: AS REPRESENTAÇÕES DA TRAJETÓRIA FEMININA NAS BIOGRAFIAS DA PRINCESA ISABEL (1941-1989).....	108
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE FRANZ STANGL EM “NO MEIO DAS TREVAS” DA AUTORA GITTA SERENY, EM 1981.....	109
“TERMINAR NOSSAS VELHAS COISAS”: ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE E. P. THOMPSON A PARTIR DE AGENDA PARA UNA HISTORIA RADICAL	109
A TESSITURA DO PASSADO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO	110
NO MEIO DE EXALTAÇÕES E DESPREZOS: AS HISTÓRIAS DO GÊNERO BIOGRÁFICO.....	110
COLÉGIO LUZIA SILVA: PRÁTICAS DISCIPLINARES, NORMATIZAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NO CONTEXTO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA-BA (1950-1980).....	111
SIMPÓSIO TEMÁTICO 14: RELIGIOSIDADES, TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL	113
AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA (1892-1930).....	114
EXPERIÊNCIAS COM A FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE RELIGIOSIDADES E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	114
PRESERVAR PRA QUÊ? A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA	115
O CANDOMBLÉ NO TERREIRO ILÊ AXÉ ALÁ OFUN: O LEGADO NA MEMÓRIA DE UM POVO NO BAIRRO CANSANÇÃO EM JEQUIÉ-BA	116
PROGRAMAÇÃO DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS.....	117

VII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 1:
A HISTÓRIA REGIONAL NA
EDUCAÇÃO BÁSICA:
POSSIBILIDADES, DESAFIOS
E EXPERIÊNCIAS**

COORDENAÇÃO:

GERALDO MAGELLA DE MENEZES NETO

**ENTRECRUZANDO SABERES: CONSTRUINDO DIÁLOGO PARA A
EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NAS COMUNIDADES
EM CRUZ DAS ALMAS-BA.**

Adriana da Silva Oliveira
profadrianaoliveira39@gmail.com

A história das comunidades que se denominaram Quilombos no Brasil está demarcada em diversas nuances que dizem respeito ao processo de encontro de um grupo étnico que, por séculos, foi, e ainda é, relegado a inferiorizações, ou situado e engessado num passado escravagista, de discriminações, estereótipos e constantes lutas pelo direito ao mínimo de sobrevivência, qual seja, acesso à terra, subsistência, preservação e transposição cultural, dentre outros, podendo, assim, situar-se nas concepções que vão de categoria colonial, até a sua ressemantização e atuação como movimento social contemporâneo. Com os avanços alcançados pelas comunidades quilombolas no Brasil neste início de século, sobretudo, por meio dos aparatos legais, emergiram as discussões acerca das possibilidades de efetivação de garantias de direitos, pautadas por demandas que lhes foram secularmente comprometidas e/ou negligenciadas. Este estudo tem o objetivo de analisar as discussões em torno da proposta do Programa de (Re)Elaboração dos Referenciais Curriculares dos Municípios da Bahia, iniciada no primeiro semestre de 2020, que teve por objetivo a produção autoral dos referenciais curriculares a serem implementados nas cidades baianas, através das mobilizações das Secretarias de Educação Municipais. Cruz das Almas - BA teve a oportunidade de construir por meio de participação coletiva e autônoma, de gestores, técnicos, coordenadores e corpo docente a escrita deste documento, que será o orientador das práticas educativas e das relações estabelecidas nas vivências escolares. Aqui destaco, especificamente, a modalidade da Educação Escolar Quilombola. Destarte, se destacam-se as ausências e discussões acerca da temática, tendo em vista que o município possui duas comunidades certificadas e que não possuem políticas públicas que efetivem de fato as prerrogativas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. A metodologia utilizada se constrói através da análise do documento e das rodas de discussão promovidas através da Secretaria Municipal de Educação para ampliar e fomentar a construção do documento. Para que efetivamente o currículo escrito se torne práticas pedagógicas é necessário que os/as estudantes quilombolas sejam visibilizados. É necessária a identificação destes/as nas unidades escolares em que são atendidos/as, tendo em vista que um mapeamento das informações relativas aos/as estudantes proporcione dimensionar um perfil dos/das quilombolas e quais os enfrentamentos.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Identidade. Experiência.

A FORMAÇÃO CONTINUADA: A QUALIDADE DO ENSINO PARA O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Antonio Carlos Coqueiro Pereira
antoniocarloSCOQUEIRO@gmail.com

O referido artigo tem como objetivo mostrar a necessidade da formação continuada para os professores, como condição para ser um profissional da educação com qualidade para desempenhar o papel de agente transformador e fazer com que tenha maior dinamismo na prática de metodologia inovadora para fazer com que a escola e a educação sejam libertárias, democráticas, igualitárias, fazer com que diminua o distanciamento social das camadas elitizadas para as camadas intermediárias e da camada inferior da pirâmide etária social. Tem como ponto de pesquisa bibliográfica qualitativa através da leitura de livros que abordam o tema. São destinados para professores, alunos e quem tiver interesse de saber o que realmente passa por trás da efetivação de uma educação de qualidade no país e as suas consequências em atender um determinado grupo social.

Palavras-chave: Educação Básica. Formação Continuada. Pirâmide Etária.

ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Antonio Vilas Boas
vilasbencao@gmail.com

Pensar o ensino de História na Educação Básica nunca foi uma tarefa tão simples como se imagina e isso se deve, sobretudo, às inúmeras representações construídas pelos estudantes acerca dessa disciplina. Elas vão de algo amorfo, sem vida, a coisas do passado que para nada serviriam, exceto, memorizá-las a fim de ser bem sucedido nas avaliações realizadas. Mendes (1935, p. 41) já havia enfatizado esta situação ao destacar o “ódio entranhado dos alunos”, bem como a vingança desses “decorando o mínimo de conhecimentos que o ponto exige ou se valendo levemente da cola para passar nos exames.”. Diante de tal situação, o professor recomendava a “absolvição dos infratores”. Óbvio que esse já não é o cenário com o qual convivemos, entretanto, isso não significa afirmar que muitas das práticas com as quais os alunos dos idos de 1935 se defrontavam não estejam presentes no nosso cotidiano e, diga-se de passagem, com muita insistência. Foi a partir dessa constatação, do fato de sermos docentes em um curso de formação de professores, de atuarmos na Educação Básica, das lacunas oriundas dos currículos quanto à História Local/Regional, mas sobretudo, da possibilidade de pensar ensino com pesquisa, que coordenamos, junto aos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) a construção de material didático para o ensino de História no ensino fundamental/médio. Para a realização da empreitada, resolvemos dividi-la em etapas que mantiveram relações umbilicais entre si. Elas foram desde pensar o lugar do aluno nas aulas de História, baseado nos estudos de Fávero

Sobrinho (2010), até à produção final do Fascículo “Das sesmarias à capela: o nascimento de Conceição do Coité”, passando pela discussão do que é a História Regional/Local e do seu silenciamento nos currículos. Foi possível concluir, a partir da execução do trabalho, um outro lugar para o estudante de hoje (FAVÉRO SOBRINHO, 2010) que deixa de ser, apenas ouvinte, assumindo o papel de pesquisador e autor. Mudam também as relações entre docentes e discentes, já que o trabalho exige a interação e questionamentos constantes tal qual a pedagogia da pergunta (FAUNDEZ; FREIRE, 1985). Consulta de fontes documentais e imagéticas, bem como o estímulo à leitura e a escrita, pesquisas bibliográficas, foram algumas das habilidades desenvolvidas durante a atividade.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa, História. Currículo. Resistências.

A TRAJETÓRIA DE MARIA DA CRUZ: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL

Douglas Novais da Silva
douglasufob2017@gmail.com

O trabalho com trajetórias de vida no ensino de história configura-se enquanto uma rica possibilidade pedagógica para o desenvolvimento de práticas educativas atinentes às especificidades da Educação Escolar Quilombola em conformidade com a História Regional e Local, de modo que permite compreender as experiências vividas por uma determinada pessoa, como também suas relações com o território, os saberes e as tradições. Nesse sentido, trazer as trajetórias de vida de mulheres e homens quilombolas para a sala de aula significa, antes de qualquer coisa, descortinar uma história que por séculos foi negligenciada e silenciada em detrimento de uma história branca e eurocêntrica, que persiste até os dias de hoje nos materiais didáticos. Em paralelo a isso, apresentar trajetórias de vida de pessoas quilombolas na aula de história significa permitir a constituição e a reafirmação das identidades dos/das estudantes quilombolas, bem como dos demais estudantes da localidade e da região. Partindo desse pressuposto e da reflexão acerca da necessidade de materiais didáticos voltados para o trabalho atinente a História Regional e Local, foi-se construído um livro paradidático intitulado “Maria da Cruz: Uma Rainha Quilombola”, o qual apresentou em suas páginas a trajetória de Maria Pereira dos Santos, conhecida popularmente como Maria da Cruz (in memoriam), esta que foi uma das principais personagens no processo de luta pelo reconhecimento do território quilombola de Sacutiaba e Riacho de Sacutiaba, localizado às margens do Rio Grande no município de Wanderley - BA. O livro narra com detalhes a trajetória da matriarca Maria da Cruz, desde a chegada do seu avô ao território para trabalhar enquanto vaqueiro dos Pinto então proprietários da Fazenda Sacutiaba, até ao período de confronto e luta com os fazendeiros. Sendo assim, ao ler a vida dessa importante liderança, as crianças e adolescentes também terão contato com a história do próprio território. O que possibilita aos estudantes a compreensão da importância do território, tendo em vista que este é o elemento de construção da identidade étnica. Assim, o estudante ao ter contato com a luta de

Maria da Cruz pelo território em que eles residem atualmente, a identidade étnica poderá ser recriada. Entendemos o território enquanto o lugar essencial para à reprodução da vida da comunidade e da região, sendo que a identidade se constrói sempre na relação mútua com seu território. É da relação com o território, os seus saberes e práticas que emerge a identidade quilombola e regional. Trazer a história de Maria da Cruz para a escola e para o ensino de História pode ser um elemento ativo na construção de pertencimento vivo à comunidade e a região. Portanto, uma das possibilidades para o ensino de História Regional e Local é a inclusão de trajetórias de mulheres, as quais, que como Maria da Cruz, representam a luta e resistência às diversas opressões vividas e a força da mulher negra quilombola.

Palavras-chave: Ensino. História Regional. Mulheres. Quilombo. Trajetórias.

HISTÓRIA LOCAL NO CONTEXTO LEGISLATIVO: UM MAPEAMENTO DAS NORMATIVAS EDUCACIONAIS DOS ESTADOS BRASILEIROS (1990-2019)

Gabriel Costa de Souza
gabrielcts000@gmail.com

O Brasil é um território de múltiplas expressões culturais, sociais, políticas e regionais que marcam distintos processos históricos. Nesse ambiente de multiplicidade e diferenças, a escola se torna um espaço que necessita reconhecer e valorizar a diversidade como o fundamento da vida social. O processo de ensino-aprendizagem, no entanto, apresenta um significativo conflito representativo em que as instituições escolares das variadas regiões brasileiras estruturam o seu cotidiano escolar a partir de determinações e normativas construídas por indivíduos e organizações que nunca estiveram ou vivenciaram os seus territórios. Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo central compreender o processo de territorialização e desterritorialização experienciado nos últimos trinta anos no aprendizado de História Local no Brasil. Nesse sentido, a investigação identificará o espaço da História Local nas legislações estaduais, analisará a concepção teórica, metodológica e conceitual do localismo nessas normativas, além de refletir sobre os objetivos pedagógicos mobilizados por essas leis para o aprendizado na temática. Para alcançar os objetivos aqui propostos e abranger a amplitude documental optou-se por dois procedimentos metodológicos com as fontes: o mapeamento estatístico dos dados e a análise de conteúdo. O mapeamento estatístico dos dados das legislações estaduais propiciará um original panorama do espaço da História Local nas normativas educacionais, relacionando a temporalidade e os objetivos engendrados para o letramento dos estudantes. Essa escolha metodológica é importante por evidenciar estatisticamente os territórios, dos estados e das regiões, que dedicaram um espaço ao localismo em suas determinações curriculares, ou seja, que tiveram a preocupação de legislar sobre o ensino de História Local. A partir da contribuição de exímios intelectuais – Haesbaert (1997, 2004), Schmidt (2004, 2007), Barros (2005, 2013), Bittencourt (2008), Graça Filho (2009), Guimarães

(2009) e Cerri (2010) é possível compreender que a legislações, observadas em uma lente estatística, evidenciam um movimento de territorialização em que o local e o regional são valorizadas por determinado conjunto de estados. No entanto, essas normativas fragilizam a ideia do local ou do regional, restringindo o ensino aos recortes concretos e eliminando a complexificação das escalas que a História evidentemente constrói em sua constante relação pluriterritorial. Esta investigação, portanto, realiza uma profícua contribuição ao detalhar complexo processo de territorialização e desterritorialização que o ensino de História Local tem experienciado nos últimos trinta anos na educação brasileira. Refletir sobre a (des)territorialização é, necessariamente, refletir sobre os currículos, as legislações, a autonomia docente, as concepções teóricas, o território, enfim, um integrado modelo educacional consciente, crítico e constantemente reavaliado para reconhecer as multiplicidades que o cercam.

Palavras-chave: História Local. Legislações Educacionais. Ensino de História.

A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELÉM E A POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL NO PERÍODO PÓS-DITADURA (DÉCADAS DE 1980 E 1990)

Geraldo Magella de Menezes Neto
geraldoneto53@hotmail.com

O contexto do final da ditadura militar no Brasil (1964-1985) foi marcado, no campo educacional, por iniciativas de renovação do currículo escolar. A principal crítica na época era de que o modelo utilizado pelo governo militar esvaziava a função crítica da História, com uma narrativa de glorificação de fatos e sujeitos, sem abordar a diversidade, os conflitos e desigualdades presentes ao longo da história do Brasil. No Estado do Pará, a Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), a partir das demandas dos professores da educação básica, buscou uma reformulação do currículo escolar que valorizasse a História regional da Amazônia e do Pará. A crítica realizada pelos professores de Belém no final da década de 1980 e início dos anos 1990 era de que os livros didáticos disponíveis priorizavam narrativas com temáticas das regiões Sudeste e Sul do Brasil, sem ligação com as discussões sobre a Amazônia e o Pará, sendo assim uma história distante da realidade dos alunos de Belém. Assim, a Secretaria promoveu várias ações, como: formação continuada para os professores de História da rede municipal e a criação de disciplinas regionais como “Estudos de Questões Regionais”, “Literatura Paraense” e “História do Pará”. Acerca desta última, o principal marco foi a produção do livro “História do Pará: Amazônia”. Lançado em 1992, o livro buscava uma abordagem regional, valorizando sujeitos excluídos como os indígenas e os negros, temas da cultura amazônica e as questões ambientais. Desse modo, considerando a importância da iniciativa da SEMEC naquele contexto, nosso objetivo neste trabalho é analisar a política de valorização da História regional pela secretaria municipal de Belém após a ditadura militar, nas décadas de 1980 e 1990. Entendemos que a proposta regional da SEMEC está relacionada ao contexto de

rejeição à História ensinada na ditadura, sendo dessa forma, uma invenção, uma criação do que entendia ser mais condizente com o contexto de retorno à democracia. Assim, dialogamos com autores que problematizam a ideia do “regional”, como Pierre Bourdieu, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Marcos Lobato Martins e José D’Assunção Barros Dessa maneira, algumas questões nos orientam em nossa análise: qual a ideia de História regional para a SEMEC? Quais acontecimentos e personagens regionais são valorizados e como eles são abordados? Quais as influências teóricas e bibliográficas para a construção de um currículo regional do Pará e da Amazônia? Este trabalho é parte de nossa pesquisa desenvolvida na tese de doutorado intitulada “Da ‘História do Pará’ aos ‘Estudos Amazônicos’: os livros didáticos regionais entre produções e usos (séculos XX-XXI)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA no ano de 2020.

Palavras-chave: Amazônia. Ensino de História. História regional.

HISTÓRIA REGIONAL E HISTÓRIAS DE VIDA: TRABALHANDO CONCEITOS JUNTO A TURMAS DA DISCIPLINA HISTÓRIA ORAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Leonardo Soares dos Santos
leossga@gmail.

Entre 2017 e 2019 pude trabalhar conceitos essenciais do campo de estudos da História Oral junto a turmas de estudantes do curso de História da Universidade Federal Fluminense. Durante o desenvolvimento da disciplina mencionada, os discentes desenvolveram uma reflexão sobre tais conceitos e elaboraram entrevistas junto a familiares. Articulada às perguntas sobre as trajetórias de vida, o tema da História Regional se apresentava como pano de fundo das narrativas tecidas pelos entrevistados e entrevistadas. Procuo compartilhar por meio deste trabalho algumas conclusões desse verdadeiro exercício de reflexão, apontando para as possibilidades de utilização dessa experiência junto às discussões das aulas.

Palavras-chave: Campos dos Goytacazes. História Oral. História Regional. Universidade Federal Fluminense.

O ENCRUZO MATEENSE: A (TRANS)FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO ONDE HOJE É O BAIRRO LITORÂNEO EM SÃO MATEUS/ES

Lucas Borghi Felisberto
lucas.borghifelisberto@gmail.com

Compreende-se por Encruzo o território onde hoje é o bairro Litorâneo localizado em São Mateus/ES, na altura da BR 101 norte, nas proximidades do cruzamento entre a estrada que liga a Boa Esperança (ES 315). Entretanto, no decorrer da

pesquisa, pode vir a se demarcar com mais precisão esta área. Esta pesquisa pretende experienciar-se em São Mateus/ES, o segundo município mais antigo do Espírito Santo e o oitavo mais antigo do Brasil. A justificativa para a elaboração desta pesquisa com esta temática e recortes espaciais, parte inicialmente de motivação pessoal calcada na necessidade do conhecimento das histórias locais de São Mateus/ES que partam de suas populações originárias e/ou grupos tradicionais, visto que grande parte dos acervos encontrados nas bibliotecas e escolas municipais reforçam a construção destes territórios, a partir do início do processo de colonização. A escassez de pesquisas dentro da universidade a respeito do Encruzo Mateense, suscita a necessidade de investigar este território de importância histórica, econômica e social no norte do estado capixaba. Este fato por sua vez, abre possibilidades para um campo de pesquisa com potencialidades, uma vez que as poucas produções encontradas, não dão conta de ler a complexa realidade deste território. Esta pesquisa, em seu objetivo geral, propõe em seu fazer, investigar o processo de (trans)formação do Encruzo, território compreendido hoje como bairro Litorâneo localizado em São Mateus/ES. A escolha da história oral como metodologia de pesquisa se dá por levar em consideração as pessoas, suas histórias de vida, suas vivências, suas trajetórias, suas participações em mobilizações e ações locais, fazendo assim emergir uma outra narrativa sobre as histórias. Nesse caminho, serão priorizadas as narrativas que deem ênfase nos momentos históricos que marcam os processos iniciais da construção do território chamado Encruzo, hoje bairro Litorâneo, bem como as que apresentem as movimentações da sociedade civil local na defesa de seus interesses. Este movimento revela-se importante na medida em que passa a privilegiar a oralidade e a audição na construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Encruzo. São Mateus. Território.

THEODORO BRAGA E A CONSTRUÇÃO DO IDEAL REPUBLICANO EM BELÉM (1900-1910)

Vinicius Machado Ferreira
viniprofh@gmail.com

Este trabalho busca compreender o processo que construiu o ideal de República em Belém no início do século XX. A partir deste estudo, investigamos a contribuição do intelectual paraense Theodoro Braga ao ideal republicano que criou símbolos dentro de uma História oficial. Através da arte e das cartilhas de educação, produzidas pelo intelectual, o Pará alcançou um lugar de destaque dentro da intelectualidade nacional, pelo investimento do Intendente de Belém Antônio Lemos em troca de propaganda do seu governo. Edilson da Silveira Coelho contribui em nosso trabalho ao percebermos a atuação de Theodoro Braga dentro do cenário da arte nacional; Emília Viotti em seus estudos sobre a República nos fez perceber a participação política ideológica das elites na construção de um novo regime; Alain Choppin ao tratar de manual didático conceitua este objeto como um agente modificador da realidade, fazendo perceber a importância desse material

como meio de dominação das classes dirigentes. O presente trabalho conversa com os estudos da História cultural, tendo como base de análise o autor Pierre Bourdieu utilizando o seu conceito de poder simbólico. Ainda existem reminiscências do pensamento dominante do período aqui abordado, por isso a necessidade de leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008 que instituem a obrigatoriedade do ensino da História e cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena no currículo escolar. Portanto, a figura de Theodoro Braga, associado ao poder político em Belém, nos fez perceber o papel da influência de grupos sociais dominantes na escrita da História.

Palavras-chave: Theodoro Braga. Ideal republicano. Manual didático. Escrita da História.

O DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS QUADRINIZADAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Wilker Marcos Franceschi
wilkerbm@yahoo.com.br

Neste texto apresentaremos um pequeno fragmento da pesquisa, por nós desenvolvida no ProfHistória da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No decorrer de nossa pesquisa, analisamos a possibilidade de os docentes da Educação Básica desenvolverem histórias em quadrinhos que abordem a história da localidade onde lecionam. Este estudo aborda duas temáticas ainda subexploradas pela academia, são elas a “linguagem quadrinística” e a “história local”. Acreditamos que o caráter *sui generis* da linguagem quadrinística, a qual alia a linguagem textual e a imagética, possibilita uma maior retenção da atenção dos alunos, além de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o muito mais estimulante e prazeroso. Definimos a “história local” como temática central destas narrativas quadrinísticas por dois motivos centrais. Primeiro porque o recorte “local” possibilita a desconstrução da imagem que muitos ainda carregam sobre a História (disciplina escolar), como sendo uma simples narrativa do passado, cujo objetivo central é a memorização de nomes dos grandes vultos, bem como dos principais acontecimentos da narrativa histórica tradicional. Segundo porque acreditamos que ao ver a história de sua localidade ilustrada nas páginas de uma história em quadrinho, os discentes possam se perceber como agentes históricos e passem a se interessar mais pelas aulas desta disciplina. Embrenhar-se na complexidade formada pelo entrelaçar dos campos da Educação, da Comunicação e da História, é uma tarefa árdua e delicada, em razão das singularidades de cada um destes ramos epistemológicos. Destarte, para alcançarmos nossos objetivos, desenvolvemos um vasto estudo bibliográfico, consultando importantes pesquisadores destes três diferentes campos. Ao final de nosso curso, juntamente com a dissertação, apresentaremos um tutorial destinado aos docentes de História que desejam se enveredar pelo mundo da pesquisa de História Local e do

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

desenvolvimento de narrativas quadrinísticas. Apesar de nossa pesquisa ainda se encontrar inconclusa, acreditamos que ao final da mesma conseguiremos comprovar o potencial didático-pedagógico da utilização de histórias em quadrinhos no processo de ensino-aprendizagem de história local.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Ensino de História. História Local. Educação Básica.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 2:
ARTE E RESISTÊNCIA EM
TEMPOS SOMBRIOS: PESQUISA,
ENSINO E HISTÓRIA PÚBLICA**

COORDENAÇÃO:

**PRISCILA GOMES CORREA
ÍTALO NELLI BORGES**

**DIÁLOGOS SOCIAIS COMO MANEIRAS DE EFETIVAR O DIREITO
AO LETRAMENTO VERNACULAR: OS (DES)CAMINHOS
LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E JURÍDICOS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA EM TEMPOS DÍSPARES**

Alexandra Gomes dos Santos Matos
allmattos@yahoo.com.br

O presente trabalho demonstra como o ensino da Literatura Brasileira (LB) contribui sobremodo no processo de construção da aprendizagem, ao longo da formação escolar do educando que, ao vivenciar o encantamento pela leitura, não mais vai deixar de se valer dos fins a que se destina um texto literário, no decorrer da sua existência humana, seguindo a perspectiva de Compagnon (2009). Por meio da análise dos diferentes gêneros discursivos literários, que permeiam os inúmeros momentos da LB, o aprendiz pode compreender a vivência humana, à luz de períodos históricos distintos. Desse modo, potencializa-se a reflexão que conduz à criticidade, necessária para pensar a vida, em consonância com os interesses que presidem cada momento da história brasileira, como forma de efetivar o direito ao letramento vernacular ao longo de toda a educação básica. Por essa premissa, o aluno vai refletindo que conceitos como “certo”, “errado” ou, ainda, “legal” e “ilegal”, dependem dos objetivos perseguidos pelo homem dentro do seu entorno histórico, ressalvadas as possibilidades de a compreensão humana destoar da de sua época, conforme ensina Bakhtin (2014). Como o homem não se encerra no momento em que vive, mantendo constante diálogo com o passado, além de poder prever o futuro, por meio da literatura, conforme seja o seu conhecimento de mundo, a definição das palavras exemplificadas acima (certo, errado, legal e ilegal) pode diferir também, em uma mesma era, se demarcada por enunciações e/ou interlocutores distintos. Ademais, é possível, até mesmo, que a semântica dessas e de outros vocábulos seja engendrada, de forma diversa, em um mesmo contexto enunciativo, desde que envolva pessoas com pretensões díspares, por não apresentarem, à guisa de exemplo, a mesma visão de mundo. Episódios sociais, demarcados pela ação humana, que muito bem ilustram esse panorama da história, sobre o qual a LB se deleita, é a escravidão, a homofobia, o patriarcalismo, dentre outros evocados por esta pesquisa. Todos esses seres humanos não apenas vivem à margem da história brasileira, mas também têm o seu direito linguístico negado. Tanto assim que o idioma oficial do Brasil é o do colonizador, não uma das línguas indígenas ou africanas, por exemplo. O direito ao letramento vernacular desvela a sua forma inclusiva de educação ao possibilitar que esses marginalizados tenham a sua língua respeitada, enquanto patrimônio histórico de um povo, em consonância com os direitos linguísticos, ambos de matrizes constitucionais. Mas, essa defesa deve ser empreendida, sobretudo, pela escola pública, sem perder de vista a necessidade de que a norma padrão de Língua Portuguesa seja aprendida de forma crítica e significativa por esse público. Dessa maneira, pode-se falar em uma inclusão justa e efetiva que possibilita acesso desses marginalizados aos lugares de “poder”, com vistas a mudar as cores de que ele se faz impregnado, cooperando para a construção de uma sociedade mais justa e equânime.

Palavras-chave: Democracia. Direito ao Letramento. Vernacular. Língua Portuguesa. Literatura Brasileira. História Do Brasil.

DANÇA DA ABAYOMI: TECENDO ANCESTRALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA

Arilma de Sousa Soares
arilmagirassol@yahoo.com.br

Abayomi, retalhos de tecido preto e colorido que desvela um corpo negro, sua tessitura inventiva, no tocante da roda trocas de saberes com o corpo, sobre gênero, ancestralidade, racismo, e outras, para assim, entrelaçar com os saberes da dança e da literatura, das maneiras do corpo que dança na escola, gosta de movimento, é na escola que surgem modos de brincar, e que pode envolver a todos, suas memórias, o reencontro com a infância numa relação dialógica tecendo o poder de reinventar caminhos. Nesse propósito de partilha que denominamos de convivência, desejamos alcançar, nessa proposta, professores e estudantes do ensino fundamental. Considerando a importância de aproximar diversos debates e troca de saberes através das artes negroreferenciadas, afrografias, construção de práticas, a partir das rodas dançadas. O momento da confecção do corpo preto desvela a importância à feitura, da escolha dos tecidos, sendo essa uma potência do brincar/criar/ viver a infância, momentos que entrelaça arte e memórias afetivas, pensamos na potência desse encontro como momento de empoderamento/autoafirmação, ações que abordem a temática da estética negra como posicionamento político, autoestima e relações de afeto, debates sobre racismo, gêneros, com seu corpo e do outro como novas estratégias de ensino. No modo presencial e no modo virtual. Por isso, acreditamos na importância de fortalecer a negritude na escola pública, para criar um espaço interativo como campo de partilha e interação, sentimento muito presente no cosmo percepção afro-brasileira e que precisa ser resgatado por atores sociais na escola. Dança da Abayomi instaura uma atmosfera de reciprocidade que tece passos de dança ao mesmo tempo em que conhecem seu corpo, memória, sua ancestralidade, desde as artes cênicas, constrói narrativa que vislumbra por história positivada da trajetória de vidas dos participantes, sendo esse um espaço de escuta e formação artística pedagógica, desde a primeira e a segunda convivência, construiremos material teórico a partir das rodas de conversas dançadas, do mesmo modo que formam estímulos criativos para inspirar estética do corpo negro da Abayomi.

Palavras-chave: Abayomi. Ancestralidade. Atores sociais. Escola, Negritude.

QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO: UMA OUTRA LINGUAGEM PARA ENSINAR HISTÓRIA

Artur Nascimento dos Santos
artur.uneb@hotmail.com
Tainara Silva Azevedo
Taisilva.azevedo@hotmail.com
Joab de Oliveira Jesus
Joabjob123@gmail.com

Discutir sobre a utilização de quadrinhos no ensino de História é o nosso objetivo com esta comunicação. Conforme salientam Faustino e Gasparin (2001), ainda é predominante a prática de se ensinar esta disciplina estimulando a memorização, isso a despeito das inúmeras críticas que são feitas a concepções, posturas e metodologias dessa natureza. Como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Núcleo História, procuramos utilizar da elaboração das histórias em quadrinhos para abordar objetos de aprendizagens desse componente curricular, bem como realizar discussões acerca de temas importantes da sociedade. Utilizamos o “Pixton”, um recurso tecnológico que permite a criação online de quadrinhos. No site do programa é possível encontrar uma diversidade de cenários, personagens, possibilidade de inserção de falas, bem como o foco que cada personagem deve assumir de acordo com a intenção do autor da história. A utilização dessa ferramenta, durante o processo formativo dos bolsistas Pibid, permitiu-nos constatar que há um deslocamento do lugar do aluno nas aulas (FÁVERO SOBRINHO, 2010, p.5), pois ele deixa de ser um ouvinte passivo e assume a posição de autoria, pensando sobre a narrativa, escrevendo sobre ela e, caso a atividade seja em dupla ou trio, argumentando com os demais colegas como deve ser a sua produção. Elementar para o desenvolvimento do pensamento crítico. Nós bolsistas do Pibid, a partir do referido recurso tecnológico “Pixton”, criamos, dentre outras, uma história em quadrinhos que se preocupa em discutir a questão do racismo, pensada para servir como ferramenta de conscientização para alunos da Educação Básica, de modo que possibilite a leitura e compreensão de um assunto sério a partir de um material lúdico. Para a construção da história, realizamos leituras acerca do tema, a exemplo das obras Pequeno manual antirracista de Djamila Ribeiro e Racismo estrutural de Silvio de Almeida, que nos proporcionaram uma perspectiva mais expressiva acerca do tema.

Palavras-chave: Quadrinhos. Ensino. História. Pixton. Racismo.

**“O SHOW DO ENCONTRO”: CAETANO, CHICO, CENSURA E
RESISTÊNCIA NA BAHIA**

George Genesis Alves Gama
genesisuneb2019@gmail.com

A finalidade da respectiva comunicação oral é apresentar o “Show do Encontro”, que é o nome dado ao primeiro espetáculo juntos de Caetano Veloso e Chico Buarque, que eram nos anos de 1960 dois ídolos marcados pela rivalidade de emepistas e tropicalistas, e é justo por isto que se consagra como uma espécie de símbolo da reconciliação dos artistas. A apresentação aconteceu no Teatro Castro Alves (TCA), situado na cidade de Salvador, capital baiana, entres os dias 10 e 11 de novembro de 1972, em meio à outra grande tensão, além de rivais históricos ambos eram vistos como subversivos pelo governo militar, pois dividia o mesmo palco um ex-presos político e um dos cancionistas mais censurados no Brasil, e que haviam retornado ao país após viver experiências distintas no exílio político. Há poucos anos foi descoberta uma documentação até então sigilosa a qual possuímos acesso em que agentes do regime civil-militar brasileiro trocam toda sorte de informações que revelam que existiram episódios que feriam a moral das famílias que estavam ali presentes, bem como a legislação censória vigente, assim transformando o espetáculo em alvo de duras represálias. Em vista disso nos propusemos a uma investigação que visa entender como o “Show do Encontro” acabou representando uma ameaça à política e aos padrões morais e comportamentais vigentes na ditadura civil-militar brasileira, por conseguinte, desencadeando todo um processo de censura ao show, aos artistas e as canções por eles exibidas.

Palavras-chave: Caetano Veloso. Chico Buarque. Censura musical. Ditadura civil-militar. MPB.

**A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E AS RESISTÊNCIAS À
DITADURA CIVIL-MILITAR DE 1964: ARTE, ESTÉTICA E
COMPORTAMENTOS**

Isadora Nadinne Ribeiro da Palma
isadora.nadinne@hotmail.com

Tendo em vista o intenso período repressivo pelo qual enfrentava o Brasil no início da década de 1960 com a instauração da Ditadura Civil-militar, o país passava por uma reconfiguração em diversos aspectos políticos, culturais e sociais, justificadas com a intenção de conter o avanço comunista no Brasil. Em contraposição a esse cenário, começam a despontar em diversas partes no mundo, principalmente Europa e Estados Unidos, movimentos de contracultura, que consistia em propor uma transformação no ideário político onde estavam inseridos, opondo-se a instituições que interferiam no direito à na liberdade de expressão e não levavam em conta as

pluralidades culturais. Com a influência dessas ideias contraculturais, passa a haver uma forte movimentação nos campos artísticos, enfocando aqui a música, propondo um novo modo de contestação utilizando de uma transformação estética, sonora e comportamental como enfrentamentos à Ditadura. Assim como aponta Napolitano (2002), torna-se fundamental o estudo da música enquanto fonte histórica para perceber como as relações entre artista e público são importantes já que esta também expressa uma mentalidade, e assim permite perceber variadas dinâmicas em determinado contexto histórico. Com a censura de muitas canções, buscou-se outros métodos de contestação e tanto os comportamentos quanto a estética tiveram um papel significativo de desconstruir estereótipos e levantar discussões sobretudo no público jovem. Diante disso, esse trabalho busca compreender quais pensamentos circundavam a classe artística brasileira durante o período ditatorial do Brasil, além de perceber como esses indivíduos subverteram as imposições do governo através de uma nova sonoridade, estética, e comportamentos, e puderam de algum modo influenciar não apenas as juventudes, mas reafirmar o papel da música engajada no país. Para isso, fez-se uma análise da sonoridade dos discos, das letras de canções, fotografias, documentários, matérias de jornais, bem como um levantamento bibliográfico teórico e de artistas da música popular no Brasil. Desse modo, este trabalho reforça as discussões referentes à música no Brasil e de que modo isso impactou e gerou transformação na cultura do país nos anos de repressão militar.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira. Estética. Comportamentos. Contracultura.

O CINEMA BRASILEIRO A CONTRAPELO DA HISTORIOGRAFIA: GLAUBER ROCHA VISTO PELOS CRÍTICOS ANTAGONISTAS

Italo Nelli Borges
italo.nborges@gmail.com

Glauber Rocha, sem dúvida, é uma das figuras mais estudadas do cinema brasileiro. Dono de uma personalidade singular, gênio artístico feroz e engajamento político notável, adicionando sua morte trágica e precoce, não é surpreendente a constatação de que o referido cineasta é objeto de monumentalização na arte brasileira. Desse modo, a historiografia do cinema brasileiro consolida a matriz glauberiana de concepção cinematográfica e arte engajada como um poderoso paradigma interpretativo da história do cinema brasileiro aliando, neste processo, todo o caldo cultural produzido pelo Cinema Novo, movimento cinematográfico da década de 1960 que buscava uma profunda transformação na sociedade brasileira utilizando o cinema como ferramenta de ação que teve em Glauber Rocha seu principal agente. Levando tudo isto em consideração, esta comunicação, baseada em minha tese de doutorado em História recém defendida, busca compreender a concepção de cinema político de Glauber Rocha através de fontes ainda pouco exploradas pela historiografia resididas em críticos de cinema avessos ao cineasta e a tudo que ele representava enquanto projeto de sociedade. Neste sentido, novos olhares e

possibilidades de interpretação histórica se revelam ao nos voltarmos para o processo histórico do cinema brasileiro na década de 1960, período em que alguns projetos de modernidade estavam em plena disputa contribuindo, assim, para um enriquecimento das reflexões históricas sobre estas temáticas.

Palavras-chave: Glauber Rocha. Cinema Novo. Recepção.

**“ELA ESTAVA CENSURADA, MAS FOI LIBERADA”: UMA BREVE
ANÁLISE A PARTIR DA MÚSICA REVOLUÇÃO POR MINUTO
FRENTE À ABERTURA POLÍTICA NO BRASIL**

Layane de Lima do Amaral Gonçalves
layanelima97@gmail.com

Ao longo das últimas décadas, a música passou a ser vista muito mais do que uma produção de massa, mas como uma importante fonte de pesquisa, a qual nos possibilita traçar caminhos diferentes de análises, ao mesmo tempo em que nos aproxima de sentimentos e pensamentos do período em que foi composta, nos trazendo novas formas de se analisar e de compreender o passado (NAPOLITANO, 2001). Nos finais dos anos 1950, o gênero musical rock surgiu nos E.U.A no período pós guerra, sendo um ritmo que irá romper as normas conservadoras daquela época, tanto na própria sonoridade, como no estilo e na atitude visual. Sua chegada ao Brasil ocorre, inicialmente, como trilha sonora de filme americano, mas não demorou muito para conquistar as baladas e festas desse período, e assim surgindo artistas que passaram a se dedicar ao gênero, como por exemplo, a Jovem Guarda (anos 1960), Raul Seixas (1963-1989), entre outros. Ao longo dos anos, o ritmo vai se construindo e ganhando elementos típicos brasileiro, mas, somente nos anos 1980, o rock conquistará as paradas musicais. Destaque-se o contexto em que o país vinha de um processo de ditadura Militar, desde 1964, e começa o processo de abertura lenta e gradual de uma retomada democrática, que só de fato irá de concretizar a partir de 1985, com as primeiras eleições governamentais e a nova constituição. No cenário cultural, surgem várias bandas inspiradas no punk ou no pós punk, com uma sonoridade mais pesada e letras que vão da crítica política à social. Compreendendo isso, optamos por escolher a canção "Revoluções por minuto" da banda RPM, produzida em 1984 e foi impossibilitada de ser lançada no EP de divulgação. Somente um ano depois irá integrar e ser título do primeiro álbum da banda. Mesmo com a proibição de radiodifusão, ele passou a tocar normalmente em várias rádios, conquistando ouvintes. Assim, a partir dessa fonte, buscamos compreender como a canção conversa sobre esse período e, para isso, dialogamos com a História, música, história cultural e política.

Palavras-chave: Redemocratização. Rock. História. Música.

ÁLBUNS PATRIMONIAIS: UMA PROPOSTA PARA O FOMENTO LITERÁRIO E CULTURAL NO RECÔNCAVO

Paula Amalia Anias Rodrigues
paulaanias@hotmail.com

Os Álbuns Patrimoniais se constituem em uma proposta de metodologia de ensino desenvolvida na cidade de Sapeaçu, situada no Território de Identidade do Recôncavo da Bahia, com o objetivo de facilitar conteúdos, resgatar e salvaguardar a historiografia, memória e identidade da cidade, porém reverberou em produtos no âmbito do campo audiovisual, literário e cultural trazendo para o cenário da cultura aspectos singulares da cultura da Bahia, fortalecendo a nossa escrivência.

Palavras-chave: Patrimônio. Memória. Salvaguarda. Pesquisa. Fomento.

O MONSTRO E A BANCA: AS CANÇÕES COMO TESTEMUNHOS AUDITIVOS DE TEMPOS SOMBRIOS

Priscila Gomes Correa
cbcvpgc@gmail.com

Tantas paisagens conceituais nos são oferecidas por acadêmicos, tantas imagens nos são apresentadas imbuídas de significações que desconhecíamos, de modo que as paisagens de geográficas à sonoras aparecem como uma perspectiva instrumental privilegiada de análise histórica. Pode-se observar essa “paisagem”, digamos emocional, em diversas canções brasileiras percorrendo uma verdadeira “rede de recados” que se define como uma elástica rede de interlocução entre artistas, críticos, intelectuais e público. Neste trabalho visamos identificar as paisagens sonoras/históricas que, sob o frescor da entonação do cotidiano, podem ser vislumbradas ao confrontar canções de resistência a tempos sombrios: as canções “A Banca” (Kleber Albuquerque) e “O Monstro” (Paquito/Chico Cesar) emitem vozes de diferentes cantos do Brasil e, embora às margens da grande mídia, são testemunhos que ecoaram importantes sociabilidades e anseios coletivos gestados sob transformações político-sociais pelas quais passava o Brasil sob o processo de impeachment presidencial no ano de 2016.

Palavras-chave: Paisagens Sonoras. Rede de Recados. Canções.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 3:
ATLÂNTICO E DIÁSPORAS:
DIÁLOGOS EM TORNO DE
HISTÓRIAS, FONTES E NOVOS
CONCEITOS**

COORDENAÇÃO:

**MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL
LAILA BRISHTA**

**NO PORTO E PELO PORTO: OPÇÕES DE TRABALHO NA ZONA
PORTUÁRIA DE ILHÉUS E SUAS ILUSTRAÇÕES NA LITERATURA
BAIANA (1920-1945)**

Bruna Santos Lima
bslima.his@uesc.br
Flávio Gonçalves dos Santos
fgsantos@uesc.br

Este trabalho tem como objetivo geral identificar as ocupações e as relações de trabalho presentes na zona portuária de Ilhéus utilizando a literatura como fio condutor da investigação. A zona portuária de Ilhéus já foi ilustrada por autores tais como Adonias Filho e Jorge Amado. Estes autores abordam questões relativas ao mundo do trabalho em suas relações com o Porto de Ilhéus, o que nos permite comparar os dados coletados em fontes - como os anuários estatísticos, jornais e periódicos, iconografias entre outras - com as descrições feitas em obras ficcionais, possibilitando uma inferência de como esses autores baianos enxergam a zona portuária e de que forma utilizam a figura do porto dentro de suas histórias. O marco cronológico escolhido é entre os anos de 1920 e 1945, por referir-se à grande efervescência no comércio marítimo da cidade, com a alta nas produções de cacau e o desejo de Ilhéus em realizar suas exportações de forma independente ao porto de Salvador. A data final marca o declínio do “antigo porto” de Ilhéus, que entra em obsolescência devido seus problemas de assoreamento e dificuldades de expansão. Propomos que a literatura constantemente descreve o espaço do porto e sua zona portuária, seja enquanto simples pano de fundo num enredo, ou, mais frequentemente, como um local capaz de sugerir especificidades nos indivíduos, do mesmo modo que pode servir de guia e oferecer indícios das problemáticas trabalhistas daquela conjuntura histórica e as relações entre porto e cidade.

Palavras-chave: História, Porto, Literatura.

**"AS TRADICIONAIS FESTAS SEBASTIANAS": A PROMOÇÃO DAS
FESTAS EM PROL DE SÃO SEBASTIÃO PROMOVIDA PELOS
ESTIVADORES DE ILHÉUS (1927-1942)**

Érika Luanna da Mota Alcântara
erikamotaalcantara@hotmail.com

Durante o processo de colonização dos territórios que hoje entendemos como Brasil, a junção do Estado e da Igreja Católica foi o principal catalizador das conquistas da coroa portuguesa, com isso vemos até hoje a forte expressão da Igreja Católica na sociedade. Os festejos religiosos em torno dos Patronos das cidades são reflexos disto, à medida que essas celebrações se sobressaem sobre o calendário administrativo do Estado. A Celebração em torno do dia de São Sebastião em Ilhéus é considerada, de acordo com o artigo 216 da constituição de 1988, como um patrimônio imaterial, já que contribui para a revitalização das tradições, à memória

de grupos, e suas manifestações artístico-culturais. A promoção das festividades em torno de um santo patrono, por muitas décadas esteve como principal característica das organizações de ofício, como relata Cláudio Batalha (2000). Em 1927, após um conturbado período de incertezas políticas e trabalhistas, os estivadores associados à Sociedade União Operária dos Estivadores de Ilhéus, tomaram para si a promoção e custeio da festa de São Sebastião. Anteriormente, a realização da comemoração Sebastiana era realizada pela Sociedade do glorioso Mártir São Sebastião. O periódico Correio de Ilhéus escreve sobre esta mudança, em 19 de janeiro de 1927, ao dizer que: “O dia de amanhã é consagrado ao glorioso São Sebastião, embora atualmente sem o esplendor e pompa de outros tempos”, e ainda acrescenta sobre o custeio da festa: “Era o desejo dos modestos homens do trabalho”. Em 1935, o periódico Diário da Tarde, ao falar sobre as comemorações sebastianas, escreve sobre “a festa dos estivadores” e como “Os festejos populares e as cerimônias religiosas se vestirão de excepcional brilhantismo”, ficando evidente a mudança, ao longo do tempo, da forma como eram vistos os estivadores e o festejo por eles promovido. Este trabalho tem como intuito compreender como as festas de São Sebastião, amplamente divulgadas pelos periódicos da cidade, promoveram e fortaleceram a associação dos estivadores, no cenário político e cultural da cidade de Ilhéus entre os períodos de 1927- 1942, assim como pretende traçar as contradições e modificações da festa ao longo do tempo, assim como perceber os conflitos e barganhas que envolveram sua promoção à medida que esses estivadores colocavam sobre ela a sua visão de mundo e suas tradições.

Palavras-chave: Festas. Estivadores. Associação.

UM PORTO-QUATRO TEMPOS - HISTÓRIA DO PORTO DA BAHIA E AS DINÂMICAS DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

José Ricardo Moreno Pinho
josericardomoreno@hotmail.com

Sugere uma cronologia para o porto de Salvador considerando quatro tempos históricos: o porto colonial; uma fase de transição compreendendo características próprias do porto colonial, mas também com novas relações que ali se estabelecem devido a penetração de relações capitalistas; o porto organizado; e finalmente o porto com operações de containers.

Palavras-chave: Bahia. Porto. Capitalismo.

**AS CORDAS SONORAS DA AFRO-AMÉRICA: TOCADORES DE
ARCOS MÚSICAIS NA FICÇÃO ANGOLANA E BRASILEIRA**

Josivaldo Pires de Oliveira
jospoliveira@uneb.br

Neste trabalho, analiso a representação de tocadores de arcos musicais nas narrativas literárias angolana e brasileira. Trata-se de um estudo sobre o romance *A Khonkhava de Feti* (1979), do escritor angolano Henrique Abranches e do conto *Ataliba, o vaqueiro* (1878), do escritor brasileiro Francisco Gil Castelo Branco. O arco musical aqui referido, se trata de um instrumento monocórdio de caixa acústica constituída por uma cabaça, o qual faz parte da música autóctone angolana (*mbulumbumba*) e que surgiu no Brasil (*urucungo/berimbau*) como elemento da cultura musical africana, conseqüente da diáspora atlântica. Aqui, procuro explorar os significados culturais e étnicos desses instrumentos manuseados por personagens das respectivas narrativas, analisando o contexto histórico e político de sua produção tanto em Angola quanto no Brasil e qual relação pode ser estabelecida entre essas formas musicais, seus autores e a realidade social da época nas respectivas sociedades apartadas pelo Atlântico, mas ligadas pela partilha da cultura material sonora.

Palavras-chave: História da África. Diásporas africanas. Brasil. Literatura. Música autóctone.

**CINEMA E CARTOONS NA AMÉRICA DO SUL: ASPECTOS
METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA POLÍTICA NO
SÉCULO XX**

Laila Brichta
lailabrichta@gmail.com

Esta comunicação tem como objetivo fazer uma reflexão sobre aspectos metodológicos da construção do conhecimento historiográfico a partir do uso e manuseio de fontes artísticas produzidas na América do Sul, com ênfase em produções cinematográficas e nos cartoons durante o século XX. A América do Sul é um continente rico e variado culturalmente, produtor de uma gama de manifestações artísticas provocativas e que geram impactos e proposições políticas no espaço em que circulam. Essa produção artística muitas vezes é consumida aqui no Brasil e outras tantas são desconhecidas do público em geral, por isso é preciso pensar em seus processos de produção e circulação para se discutir as reflexões críticas que elas trazem e provocam, perfazendo importantes elementos da história cultural e política do continente. Partindo do fato de que muitos de nós colocamos mais ênfase nas produções que nos chegam da Europa ou dos EUA, o que promove preconceitos e desconfiças sobre as realidades latino-americanas pelo desconhecimento que se tem de suas histórias, essa comunicação tem por recorte inicial a América do Sul, da qual se selecionará algumas obras fílmicas e alguns

cartoons e seus autores, que serão utilizados como propositores de uma reflexão crítica da história política do continente no século XX.

Palavras-chave: História Política. Arte. América Latina.

CACHAÇA E TRÁFICO ATLÂNTICO DE AFRICANOS PARA O BRASIL: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA

Marcelo Loyola de Andrade
malandre@usp.br

Os estudos históricos sobre a cachaça no Brasil avançaram nas últimas décadas, ampliando-se as linhas de investigação com uso de metodologias renovadas. Uma das vertentes que cresceu diz respeito à presença histórica da cachaça no atlântico e suas vinculações com o tráfico de africanos e a escravidão. Este produto circulou pelo atlântico em diversos momentos da era moderna, assumindo importância como mercadoria, sendo utilizada como moeda de troca pelos traficantes, abastecendo os reinos africanos e contribuindo para dinamizar o sistema colonial como um todo. Esta comunicação pretende abordar um pouco destes aspectos a partir do diálogo com a historiografia brasileira, especialmente os estudos voltados para o período colonial. De modo geral, os estudiosos da economia brasileira reconhecem a presença da cachaça nas trocas comerciais entre o Brasil e a África, no entanto, normalmente este produto é tratado como item secundário neste processo, carecendo de estudos específicos. Não pretendemos refutar as premissas dos estudiosos do tema nem esgotar as discussões, nosso propósito nesta comunicação consiste em dialogar com a historiografia para ampliar os debates sobre o assunto, apresentando alguns avanços. Durante a colonização a cachaça se tornou um componente importante da vida econômica e social do Brasil e da África. Parte da bebida era utilizada como moeda de troca no tráfico de africanos, mas sua importância não se restringiu a isso. Africanos e brasileiros estabeleceram casas comerciais especializadas na venda da bebida em Angola, por exemplo. A Coroa portuguesa, por sua vez, apesar das retaliações, também lucrou com a arrematação dos contratos de venda da bebida, estipulando quantias a serem pagas pelo direito de comercialização. Nesse sentido, a cachaça atendeu aos interesses da Coroa, que negociava os contratos de venda da bebida, aos contratadores, os agentes do tráfico e à sociedade brasileira e africana, envolvidas de diversas formas com a produção, consumo e comercialização do destilado.

Palavras-chave: Cachaça. Brasil. África.

VIAGENS, VIAJANTES E O PORTO DE SALVADOR COLONIAL

Maria das Graças de Andrade Leal
gal.leal@yahoo.com.br

No século XV, sob a hegemonia portuguesa, as navegações atlânticas se estenderam, para além da Europa, sobre três continentes - América, Ásia e África. A partir do século XVI, Salvador se destacou como o mais importante polo comercial que promoveu a expansão colonial portuguesa na América. O porto de Salvador, na Bahia, em especial, exerceu excepcional papel, o que lhe imprimiu o título de 'Porto do Brasil', por ser considerado o mais importante ancoradouro de toda a Colônia. Por ser o espaço portuário eixo dinamizador de acesso de diferentes trocas, este estudo apresenta, a partir de narrativas de viajantes, como as do Pe. Fernão Cardim (1583), do engenheiro militar Francois Frèzier (1714), dos comerciantes Thomas Lindley (1802-1803) e L. F. de Tollenare (1817) e de uma mulher britânica, Maria Graham (1821), visões e versões representadas sobre o porto da Bahia e seu entorno no período colonial. O propósito é destacar a importância do porto não somente para estabelecer relações comerciais, mas para fazer despertar estranhamentos por parte de viajantes que chegaram e se depararam com o Outro, a partir do que revelaram em descrições registradas em textos, diários e relatórios de viagens.

Palavras-chave: Literatura de viagem, Porto de Salvador Colonial, narrativas de viajantes estrangeiros, fontes históricas.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 4:
DAS MARGENS: GÊNERO E AS
INTERSECÇÕES COM
RAÇA/ETNIA, CLASSE,
SEXUALIDADE E
TERRITORIALIDADE**

COORDENAÇÃO:

**VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS
ANA MARIA VEIGA
DAYANE NASCIMENTO SOBREIRA**

**REBELDIAS E RUPTURAS: AS INSUBMISSAS MULHERES DE
MARILENE FELINTO E MARIA VALÉRIA REZENDE**

Ana Claudia Félix Gualberto
anacfgualberto@gmail.com

As mulheres ao serem excluídas dos espaços públicos, políticos, estão, a priori, impossibilitadas de exercerem a inquietude de si, a prática de si, o cuidado de si, condições determinantes para ocupar um lugar de sujeito, conforme Michel Foucault (1982). No entanto, o processo de subjetivação para as mulheres parece ser possível a partir da transgressão. Para cuidar de si, nós necessitamos romper com as normas determinadas pelo sistema falocêntrico, já que não somos convidadas, estimuladas à subjetivação. Ao contrário, somos impedidas, desencorajadas a encararmos este autoconhecimento, assumindo, por vezes, a condição de margem. Assim, busco, neste trabalho, evidenciar as rebeldias e rupturas vivenciadas pelas personagens femininas de “As mulheres de Tijucupapo” (1982), de Marilene Felinto, e “A guerra de Maria Raimunda” (2001), de Maria Valéria Rezende, a fim de driblar os não e os silêncios impostos poder hegemônico.

Palavras-chave: Marilene Felinto. Maria Valéria Rezende. Territorialidade. Transgressão.

**PODE A SERTANEJA FALAR? UMA PROVOCAÇÃO A PARTIR DE
TERRITORIALIDADES NÃO CENTRAIS**

Ana Maria Veiga
anaveiga.ufpb@gmail.com

Um questionamento que instiga essa proposta é pensar o que se entende por história regional e local. Desse modo, busca-se posicionar o foco da análise nas vivências de mulheres sertanejas e na constituição de um universo de saberes que tem sua localização territorial deslocada à medida em que mudam os eixos de poder-saber na história brasileira. Territorialidades não centrais passam a ser discutidas à luz dos estudos decoloniais e interseccionais, no intuito de encontrar uma resposta à pergunta “pode a sertaneja falar”, que traz uma provocação ao conceito de subalternidade, inspirado por Spivak, para uma reflexão sobre os espaços em que as vozes dessas mulheres sertanejas e suas sertanidades podem se manifestar de modo a serem recebidas e acolhidas com respeito e valorização. E esse espaço pode ser a academia. O projeto Fala Sertaneja – webdocumentário sustenta metodologicamente a discussão proposta.

Palavras-chave: Fala Sertaneja, Sertanidades, Territorialidades, Saberes sertanejos, Local-Global.

PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA FEMININA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, EM SOUSA-PB (1960-1980)

Ana Paula Estrela
anapaulaestrel@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas da educação católica feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB, no período de 1960 a 1980, no qual o ensino era destinado apenas para meninas. Nesse sentido, buscamos pensar como era produzido os discursos em torno da formação da trajetória de vida e da construção das identidades de gênero a partir das vivências educacionais no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Para isso, utilizamos como metodologia a História Oral, com entrevistas gravadas e transcritas de ex-alunas, ex-professoras do educandário, assim como da memória da ex-diretora e uma ex-funcionária. Além dos depoimentos orais, temos como fontes documentais o Regimento Escolar, Revistas do educandário e os livros memorialistas que relatam acerca da história do educandário e sua filosofia educacional. Nossa pesquisa se baseia no referencial teórico da História Cultural, da História das Instituições escolares, articulando com as categorias de educação católica, gênero e memória, debatendo com os seguintes autores: Foucault (2014), Barros (2005), Louro (1997), Scott (1995), Dominique Julia (2001), Pollak (1989) e Nora (1993). A construção das identidades dessas mulheres está contida na filosofia do educandário e tem como intuito a construção de atitudes e comportamentos necessário para a disciplina confessional dos sujeitos. Trabalhamos com as trajetórias de vida, pensando na construção e nos ensinamentos que elas absorveram dentro do espaço e analisamos a profissionalização docente dessas mulheres, pois isso era uma realidade existente nesse espaço, assim como o caminho de seguir na formação da família. A metodologia da pesquisa foi desempenhada pela discussão das memórias dessas mulheres, preocupando-se com essas vivências, pensando nas produções de verdades que essas pessoas estavam envolvidas construíram para elas.

Palavras-chave: Educação feminina. Gênero. Memória.

“EU SOU UM MACACO ORGULHOSO”: ZOOLOGIZAÇÃO DA VIDA E TAXIDERMIA DOS HOMENS NEGROS

Daniel dos Santos
imperadormacu@gmail.com

Este trabalho compreende um breve estudo sobre o processo de animalização simbólica dos homens negros a partir do regime iconográfico de representação racial e sua genealogia imagética. Desenvolvendo um exercício de leitura e análise de um conjunto específico de fontes audiovisuais, pretende-se problematizar as poéticas da estereotipagem das masculinidades negras, centralizando o macaco enquanto signo de codificação existencial do negro. Estabelecendo diálogos críticos

inter e multidisciplinares, o objetivo deste estudo é compreender como o dispositivo da imagem é acionado e manipulado para o asselvajamento, taxidermização e zoologização da vida dos homens negros, fascinantes monstros, bestas e criaturas protagonistas do grande espetáculo da anti-humanidade. Este estudo também é uma amostra do processo de investigação da segunda fase do #TheGangstaProjectII, projeto de tese sobre as masculinidades negras na obra audiovisual do rapper Kendrick Lamar. O gangsta enquanto o selvagem das florestas de asfalto e concreto do século XXI é uma figura dotada de riqueza simbólica e poética de estereotipagem altamente passível de extrativismo e exploração, tal qual o selvagem africano no sistema escravocrata colonial, figura-chave que impulsiona os mecanismos de funcionamento das estruturas e dinâmicas do capitalismo, propiciando seu desenvolvimento e consolidação. A performance de Kendrick Lamar na cerimônia da premiação Grammy Awards no ano de 2016 expõe as novas configurações daquilo que o filósofo Achille Mbembe (2018) identifica como “corpo-objeto”, “corpo-extração” e “corpo-moeda” do sujeito outrificado e racializado pela Modernidade europeia, o único sujeito submetido ao status pleno de mercadoria na história da humanidade. O gangsta enquanto o novo selvagem reinventa o pânico racial em nossos tempos e justifica a necessidade da existência do complexo industrial-prisional, da implementação dos aparatos e instrumentos de vigilância e controle, bem como dos aparelhos e instituições de disciplinarização, brutalização, encarceramento e extermínio das populações negras pelo Estado necropolítico e invenção de novas tecnologias pós-modernas de exploração, violência e opressão para conter seus instintos atemorizantes de destruição que ameaçam cotidianamente a integridade da civilização estadunidense do século XXI. O gangsta manifesta-se diante do heterocispatriarcado de supremacia branca enquanto o novo selvagem, produto da reelaboração simbólica do estereótipo do selvagem africano, dinâmica de resignificação de um protótipo imagético estigmatizador criado pelo delírio sistematizado da paranoia colonial, um “corpo habitado veladamente pelo animal”, em termos mbembianos.

Palavras-chave: Raça. Gênero. Representação.

**“O QUE DIZER QUANDO ENCONTRÁ-LO PELA PRIMEIRA VEZ?”:
ANÁLISE DO FENÔMENO DOS “CASAMENTOS POR FOTOGRAFIA”,
A PARTIR DA OBRA “O BUDA NO SÓTÃO”, DE JULIE OTSUKA**

Daniela Lumi Nascimento Watanabe
watanabe_uneb@hotmail.com

O romance “O buda no sótão” aborda a trajetória de imigrantes japonesas que viajaram com destino aos Estados Unidos para conhecerem seus esposos, com quem casaram por fotografia, no início do século XX. No navio, paixões impulsionadas pelos galanteios e pelas promessas de alguns tripulantes, teriam influenciado a desistência de algumas delas do seu compromisso matrimonial, especialmente quando ocorria gravidez. Uma delas se atirou ao mar em suicídio após se envolver com um marinheiro. Outra, porém, apesar de apaixonada e de ser seduzida a deixar

o casamento que havia formalizado ainda no Japão para assumir o que sentia, alegou: “prefiro permanecer fiel ao meu destino” (OTSUKA, 2014, p. 21). É literatura, uma versão possível do real. Muito possível, eu diria, tendo em vista que as fontes também sugerem essa concepção fatalista do casamento entre as mulheres japonesas, embora esta não seja uma exclusividade delas. Essa obra nos permite analisar o fenômeno dos casamentos “por fotografia” ou “por procuração”, que marcou a trajetória de muitos/as imigrantes japoneses/as que se estabeleceram na América, a partir do século XX. Jovens interessados em se casar recorriam à essa prática sob o argumento da afinidade cultural, pois, havia certo receio em casar-se com alguém que pertencesse a uma cultura diferente. Em geral, os casamentos eram formalizados por procuração e sem a presença de um dos cônjuges, de modo que, durante a cerimônia, as noivas posavam ao lado de uma fotografia dos respectivos noivos, para oficializarem a união. Antes de se conhecerem pessoalmente, em geral, os nubentes trocavam cartas e fotografias no sentido de suprir a lacuna do contato físico. No Brasil, essa prática também foi identificada entre imigrantes que se fixaram na Bahia, a partir da segunda metade do século XX. Assim, me aproprio de narrativas literárias, enquanto versões possíveis da realidade para apreender o caráter polissêmico dessa prática, observando como o processo imigratório impôs ressignificações a práticas matrimoniais da tradição japonesa, bastante marcadas pelas hierarquias de gênero. Dessa forma, cumpre verificar como a conjugalidade compulsória operou nesse contexto diaspórico, em que homens e mulheres atravessaram o oceano para se casar com pessoas cujo único vínculo era a conterraneidade.

Palavras-chave: Imigração. Casamento. Literatura. Gênero.

ENTRE RUAS, GUETOS, UNIVERSIDADE E ONGS: AS DIVERSAS SOCIABILIDADES QUE CONSTRUÍRAM O MOVIMENTO GLBT EM FEIRA DE SANTANA ENTRE OS ANOS DE 1999 A 2016

Fabio de Jesus Ribeiro
assistentesocial.fabioribeiro@gmail.com
Maria Aparecida Prazeres Sanches
prazerescidal@gmail.com

Para melhor compreender a importância do surgimento do movimento organizado em Feira de Santana, a partir dos anos de 1999, quando surge o GAIH (Grupo Ação e Integração Homossexual) até 2016, data que ocorreu a última parada do Orgulho LGBT realizada pelo GLICH (Grupo Liberdade Igualdade e Cidadania Homossexual). É fundamental retroceder algumas décadas, com o intuito de desvendar influências relevantes que construíram formas de sociabilidades que contribuíram para aquela formalização e que apresentaram características distintas fundamentais, mas que determinaram a organização de grupos com pautas de lutas bem definidas contra as LGBTfobias. A documentação digital, somada às entrevistas de sujeitos que vivenciaram aquele momento histórico, evidenciaram

que o nascimento de um movimento organizado em Feira de Santana esteve atrelado a diversas formas de sociabilidades vivenciadas em espaços como: bares, boates, bailes de pré-micaretos, assim como a ocupação de ruas e praças onde gays e travestis encontravam-se e vivenciavam suas sexualidades e identidade de gênero com liberdade. Tais espaços de sociabilidade abriram caminho para o ativismo que se institucionalizou no final da década de 1990 em Feira de Santana. Investigando as diversas fontes de documentação, percebemos que, desde a década de 1970, a ocupação de ruas e praças do centro, a frequência nos bares, boates, teatros foram fundamentais para a organização do movimento, naquela época, chamado de Movimento Gay. Foram nesses ambientes diversificados que diferentes indivíduos performaram suas experiências. A Universidade Estadual de Feira de Santana foi indispensável para despertar nos ativistas da época a consciência pela luta por direitos, principalmente influenciados pelos professores que debatiam as questões do gênero e sexualidade. Considerando a importância dos diversos espaços de sociabilidade vivenciados pelos LGBTQIAP+ em Feira de Santana, é possível considerar que, sem essas vivências, não seria possível, naquele momento, a organização de grupos com perspectiva de luta coletiva e social por direitos. O surgimento do movimento organizado com pautas de reivindicações na luta por direitos civis para LGBTQIAP+, foram precedidas por construções de afirmações indenitárias constituídas nas diferentes formas de sociabilidades vivenciadas por sujeitos que criaram redes solidárias, e ali vivenciavam a sua sexualidade ao mesmo tempo se reconhecendo enquanto parte de grupo. Quando nos referimos à criação dos grupos organizados que surgiram na cidade, percebemos que foram frutos de influências internas e externas que os antecederam. Esses grupos foram importantes na luta por direitos, pois suas agendas pautavam direitos como: casamento, adoção, direito de doação de sangue por LGBTQIAP+, criminalização da LGBTfobia, alteração do nome e registro de pessoas trans e despatologização da transexualidade, como as principais bandeiras de luta que esse movimento organizado liderava naquele período.

Palavras-chave: Sociabilidades. Movimento LGBTQIAP+. Lutas sociais.

DONA FINHA: MEMÓRIAS DE UMA ANTIGA DONA DE PENSÃO EM ITABAIANA- PB (1968-1988)

Flaviano Batista Ferreira
flavianomaximus@gmail.com

A História Social possibilita adentrar em histórias de sujeitos que até então eram desconhecidos pela historiografia tradicional. Conhecida como a história dos que vem de baixo, nas últimas décadas, encontramos a história das mulheres sendo campo de investigação historiográfica articulada a temas variados como: família, sexualidade, trabalho, corpo, e, como neste estudo, à prostituição feminina. Os excluídos foram ganhando vez e voz na escrita de pesquisadores que buscavam refletir sobre o cotidiano dessas pessoas. Consideramos a prostituição como uma das profissões mais antigas do mundo, multifacetada e que faz parte das atividades

social e urbana das cidades. Sua prática geralmente está voltada para o comércio sexual e de trocas de favores, fazendo parte de um sistema completamente dotado de códigos e transgressões morais que somente quem está inserido no meio contexto consegue distinguir as relações intrínsecas de poder. Este trabalho tem como objetivo analisar as marcas de solidariedades e sociabilidades da prostituição feminina marcadas na história de Josefa da Silva Pereira, negra, 83 anos, vulgarmente conhecida como Dona Finha, por muitos homens que frequentaram seu estabelecimento comercial. Ela relata que sua trajetória profissional foi marcada por dificuldades e lutas, e que para sobreviver teve que construir alianças e derrubar barreiras em uma sociedade extremamente excludente e preconceituosa. Com essas diferenças ela encontrou dificuldades em encontrar seu lugar de pertencimento em uma sociedade predominantemente heteronormativa, cisgênero, branca e elitista. Assim sendo, buscaremos relacionar sua história de vida com o conceito de interseccionalidade utilizado por mulheres negras como Akotirene, bell hooks, Ângela Davis e outras autoras que se tornaram referências para a temática de gênero, raça e classe social no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Sociabilidades. Solidariedades. Sobrevivência.

NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA MATA NORTE PERNAMBUCANA

Janaina Guimarães da Fonseca e Silva
guimaraes.janaina@gmail.com
Gabriela Soares
gabimariass@hotmail.com

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar como se dá, em algumas escolas da Mata Norte Pernambucana, o ensino de história por e sobre Mulheres Negras. Entendendo a forma eurocentrada de construção do conhecimento histórico que pauta nossos currículos, livros e noções do que ensinar, nossas indagações se voltam para: ensinar qual História? E para quem? A maioria dos alunos que frequentam essas escolas é composta por meninas negras, corpos negros que não se reconhecem nas figuras do livro didático, exceto na Imagem da escrava ama de casa, ou naquela explorada sexualmente pelo senhor. Nos interessa saber como as professoras negras se veem diante dessas presenças sempre negativas, ou do total silenciamento. E, ainda, como os demais docentes percebem e trabalham o papel das mulheres negras na história. Para nos aproximar dessas respostas, nossa pesquisa de iniciação científica tem como instrumentos, formulários e entrevistas, que estão sendo aplicados e realizados com professoras e professores de escolas de Carpina e Nazaré da Mata, tendo as mulheres negras como foco. E, também, buscando compreender a noção de história desses sujeitos, para sabermos de que forma uma pedagogia antirracista, decolonial e descolonizada pode vir a ser construída.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Ensino de história. Decolonialidades.

ANÁLISE SOBRE O FEMINISMO TÁTICO DE MULHERES PASTORAS

Polyana Jéssica do Carmo de Souza
poly_jessyca@hotmail.com

O objetivo dessa comunicação é trazer uma reflexão acerca das táticas narrativas de mulheres pastoras na Igreja do Evangelho Quadrangular em Feira de Santana, utilizando as categorias de tática, gênero e construção de si para analisar a maneira como Paula Silveira e Flora Amaranto, pastoras da Igreja do Evangelho Quadrangular, entendem suas trajetórias até alcançarem a ordenação, buscando compreender a forma como elas se constroem em suas narrativas orais dando ênfase aos aspectos sobrenaturais que confirmaram o pastorado delas enquanto mulheres. As personagens dessa trama são mulheres de destaque, pois são pastoras presidentes em suas congregações. Além de pertencerem à primeira geração de pastoras baianas ordenadas pela instituição, marcando o início do pastorado feminino da Igreja do Evangelho Quadrangular na Bahia. O marco temporal dessa análise está localizado entre os anos de 1990-2000, período em que essas mulheres se destacam em diversos cargos leigos, sendo também o período em que são ordenadas ao pastorado e assumem o cargo de pastoras presidentes. A partir da metodologia da História Oral que possibilita o acesso a testemunhos vivos dos eventos históricos e a utilização de suas memórias na construção da pesquisa e análise histórica, as falas dessas pastoras são trazidas como fontes e problematizadas na perspectiva de compreender a maneira como elas fazem a construção de si tecendo narrativas que sinalizam práticas feministas não hegemônicas, mas que apontam construções de feminismo tático, voltado muito mais à criatividade e à desobediência sutil.

Palavras-chave: Feminismo Tático. Pastorado Feminino. Narrativas.

ENTRE A TRANSGRESSÃO E A ARMADILHA DO CASAMENTO: MOÇAS “MAL COMPORTADAS” E SUAS FUGAS COM HOMENS CASADOS NO SERTÃO DA BAHIA (1940-1950)

Tânia Mara Pereira Vasconcelos
taniahisto@yahoo.com.br

O rapto consensual configurava um crime contra os costumes presentes no Código Penal de 1940. Considerado por muitos juristas como uma ameaça à segurança da família e ao pátrio poder, na prática ele constituía uma fuga de uma moça menor de 21 anos com o namorado. A comunicação propõe analisar quatro processos de rapto em que emergem rebeldias femininas, uma vez que todos os acusados eram casados e os raptos foram pactuados com as ofendidas. Ela é um desdobramento de minha tese que analisa concepções e práticas relativas a vivências sexoafetivas de mulheres pobres da comarca de Jacobina, na Bahia, nas décadas de 1940 e 1950, focalizando a importância da virgindade feminina e as representações sociais de gênero em processos de crimes contra os costumes. No contexto da pesquisa diversas tramas que aparecem nos processos judiciais destacaram-se pela

insubordinação feminina aos padrões morais daquela sociedade, com destaque para a rebeldia contra a autoridade paterna, muito valorizada nas representações acerca da cultura sertaneja. Procurei colocar luz sobre essas transgressões com o intuito de questionar uma visão estereotipada, ainda recorrente no Brasil, acerca das mulheres sertanejas, vistas como submissas ou deserotizadas. Na comunicação pretendo trazer uma releitura de algumas dessas tramas, dando maior ênfase aos condicionamentos culturais que de algum modo aprisionavam as mulheres em determinados lugares sociais. Ao fugirem com homens casados, as quatro ofendidas dos processos de rapto desobedeceram a autoridade de suas famílias e desacatarem os padrões de recato e pudor esperados de uma mulher, aparentemente sem se preocupar em ocupar o lugar da “outra” perante a esposa oficial. No entanto, o desejo de se casar com o “raptor” foi manifestado por três delas que depuseram nos processos, o que aponta que os mecanismos de controle e coerção que configuravam a “armadilha do casamento” não foi totalmente subvertido. Pretendo discutir os paradoxos que marcam a agência feminina nessas histórias, considerando que embora elas representassem uma insurgência feminina contra a moral vigente, marcada por um ideal de conjugalidade normativa, em certa medida, também reafirmavam esse ideal.

Palavras-chave: Processos judiciais. Rapto. Gênero. Agência feminina. Conjugalidade normativa.

ESCUTANDO MULHERES: POR UMA ESCUTA APRENDENTE NA PESQUISA HISTÓRICA

Vânia Nara Pereira Vasconcelos
vaniauneb5@gmail.com

Na presente comunicação me proponho a refletir sobre a importância de desenvolver uma escuta aprendente na pesquisa que desloque a/o pesquisadora/or do lugar de única/o sujeita/o produtora/or de conhecimento. A partir de uma experiência de pesquisa com História Oral para a construção da biografia de Dona Farailda, uma mulher afro-indígena, não escolarizada, pertencente às camadas populares e moradora do sertão baiano, problematizo as possibilidades de rebeldias epistêmicas na produção do conhecimento a partir de uma perspectiva feminista. Na reconstrução do processo investigativo, visto através de um olhar metodológico, procurarei colocar a rebeldia no centro do debate. A rebeldia será pensada aqui como exercício epistemo-metodológico para a pesquisa. Aprender as lições de Dona Farailda para driblar as amarras contextuais tanto quanto aprender com teóricas e teóricos inspiradoras/es de reflexões libertadoras e insurgentes para driblar as amarras epistemológicas a que estamos submetidas/os. Para tecer um diálogo sobre metodologias insurgentes abordarei três aspectos da minha experiência como pesquisadora: a busca de uma escuta aprendente a partir da História Oral, a pesquisa como construção coletiva e a importância de uma devolutiva à comunidade dos resultados da investigação, no sentido de romper com

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

os extrativismos epistêmicos. Quais os limites e possibilidades de romper com as hierarquias na pesquisa, herdadas por uma academia que se funda em bases da ciência moderna? Como construir uma intervenção respeitosa, considerando que o fato de propor o estudo da vida de uma pessoa por si só já significa uma intervenção? Como enfrentar o desafio da horizontalidade tendo sido formada/o por concepções de conhecimento de bases eurocêntricas na qual a hierarquia de saberes está no centro? Como fugir dos extrativismos epistêmicos, que reproduzem a lógica da extração econômica colonial na produção do conhecimento acadêmico? Em diálogo com as Epistemologias do Sul e com os feminismos pós-colonial e decolonial procuro dialogar com estas questões para fazer emergir possibilidades de construção de metodologias insurgentes que abram espaços para o agenciamento de sujeitas e sujeitos tidos como subalternas/os.

Palavras-chave: Aprendizagem. Escuta. História oral. Rebeldia, Mulheres.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 5: ENTRE
A ESCRAVIDÃO E O PÓS-
ABOLIÇÃO: SUBALTERNIDADES,
PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E
LUTA POR CIDADANIA NEGRA**

COORDENAÇÃO:

**EDINELIA MARIA OLIVEIRA SOUZA
IDALINA MARIA ALMEIDA DE FREITAS**

**“CRIADINHAS MAL ARRANJADAS”: CIVILIDADE, CORPO E RAÇA
EM SALVADOR (1925-1926)**

Driele Gonçalves Santos
drielegoncalves07@gmail.com

“Programma da revista feminina de arte, elegancia, literaturas, vida social e doméstica: Revista de elegância e de literatura nos moldes práticos das modernas publicações congeneres, vem a UNICA preencher uma lacuna em nosso meio feminino culto e progressista... Instructiva e recreativa a um tempo”. Esse enunciado estava inserido na primeira edição da revista feminina Única, publicada na cidade do Rio de Janeiro, que circulava mensalmente entre os periódicos da capital Paulista, Baiana e Mineira no período de 1925 a 1953, e possuía sua assinatura anual no valor de 30\$000 e para o interior o valor era 36\$000 réis. O editorial foi assinado pela Diretora e Proprietária, a senhora Francisca de Vasconcellos Bastos Cordeiro, e contava com a exclusividade feminina em suas diretrizes e colaboração. O presente exercício tem como objetivo refletir como as construções das imagens de mulheres negras foram refletidas e alicerçadas de forma direta ou indireta nos ideais de civilidade e progresso forjados na Primeira República, o que resultou numa série de imposição aos corpos das mulheres negras com base em ideias higiênicas orientadas pela raça. A metodologia investida foi a escolha e seleção das fontes seguida de transcrição, com base na leitura, entendimento e catalogação de dois exemplares que compõem a revista feminina Única nos anos de 1925 a 1926, bem como a interpretação e problematização do Decreto nº 4.144, do código sanitário do Estado da Bahia, seguida de uma aproximação das referências bibliográficas no contexto do pós-abolição na Bahia em conjunto com a história das mulheres na Primeira República. Em linhas gerais, por meio do reconhecimento das contribuições históricas dessas mulheres negras, pardas e de classe popular através do tempo, compreendemos como a sociedade subalternizou, estereotipou e marginalizou essas mulheres através de práticas impostas por uma cultura do progresso. Percebe-se também que as vidas das mulheres negras nas cidades foram bem diferentes em comparação à vida no campo. Nas cidades, essas mulheres foram subjugadas a uma ordem de civilidade perversa que as inferiorizaram por pertencerem à camada pobre e negra da população dos “incivilizados”.

Palavras-chave: Revistas femininas. Civilidade. Corpo, Raça.

**“A RAÇA NEGRA ESTÁ REPRESENTADA”: ALINE FRANÇA E A
LITERATURA AFROFUTURISTA**

Edinélia Maria Oliveira Souza
edisouza7@hotmail.com

A narrativa de Aline França - escritora baiana que em 1981 publicou o romance *A mulher de Aleduma* -, é povoada por diferentes marcas da literatura afrodiáspórica e faz alusão ao passado escravocrata e ao sofrimento que ele provocou. Paralelamente, a autora desconstrói a versão branca da criação do mundo, substituindo-a por um Gênesis negro no qual se impõe um ponto de vista afrodescendente, cujos deuses são seres negros e de inteligência superior. Outro elemento que se destaca na obra é a superioridade feminina representada tanto pela posição dominante da deusa Salópia, que governa IGNUM, o planeta originário da raça negra, quanto pelo status de outras personagens que aparecem ao longo da narrativa, como Maria Vitória e Irisan - mulheres escolhidas como intercessoras entre IGNUM e a ilha de Aleduma -, a quem os demais habitantes devem respeito e obediência. A trama do romance vem articulada a uma ampla discussão sobre raça, gênero, classe e diversidade. Nessa obra, Aline França projeta um lócus futurístico e se lança no campo da ficção científica, um gênero da literatura que se popularizou nos anos de 1950 através das obras de Philip K. Dick e Ray Bradbury.
Palavras-chave: História. Literatura. Diáspora. Futurismo.

**ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS: UMA REFLEXÃO
SOBRE A MULHER NEGRA BRASILEIRA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1920-
1940) ATRAVÉS DA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO**

Gleissia Sales Santos
gleissiasales05@gmail.com

A comunicação proposta é parte da pesquisa em andamento sobre a Realidade da Mulher Negra Brasileira nas décadas iniciais do pós-abolição (1920-1940), tendo como base a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. O estudo visa corroborar com pesquisas na área do pós-abolição, mulheres negras e literatura e história afro-brasileira. O desenrolar do trabalho terá como base a História Social e Cultural e se associa com importantes conexões entre a conjuntura do pós-abolição com a relação de gênero, raça e classe, assim sendo pertinente para pensar os diversos demarcadores sociais que cruzam o corpo negro feminino no pós-emancipação (GONZALEZ, 1984). Visa-se compreender como a obra *Ponciá Vivêncio* pode nos possibilitar uma análise crítica e reflexiva em relação a realidade da mulher negra no pós-abolição, partindo do pressuposto no qual a personagem principal da literatura possui uma narrativa que em vários pontos se assemelha com as vivências de personalidades negras que estavam imersas no contexto social, político, cultural e histórico das décadas iniciais que se sucederam após o fim da

escravidão. Para que essa relação seja possível, já que a obra Ponciá Vicêncio (2003) é uma literatura contemporânea, o processo da pesquisa está sendo desenvolvido de maneira cuidadosa e criteriosa a partir do cruzamento com as seguintes pesquisas: A Mulher Negra no Pós-abolição (2013), Mulheres Negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais (2018), Racismo e sexismo na cultura brasileira (1984), A mulher Negra na Sociedade Brasileira (1892). Na vertente teórica e metodológica, as referentes obras estão sendo acionadas: O uso de Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História (2015), Tendências e Debates: da escola dos Annales à História Nova (2010), O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura (2003), Relação entre História e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX) (1995), Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995), Experiências da emancipação: biografia, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980) (2011), Histórias do pós-abolição no mundo atlântico : identidades e projetos políticos (2014) . Para entender o período de transição entre o contexto escravista e o pós-abolição, bem como as características iniciais da Primeira República, estou aos seguintes aportes teóricos: “O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas” (2004), Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates (2007/2008), Da Monarquia à República (2007), Pós abolição: liberdade e cidadania (2015). Para articular com essas bibliografias, diversas fontes históricas de periódicos e de revistas estão sendo pesquisadas e analisadas: Vida Doméstica (RJ); Dom Casmurro (RJ); O Jornal (RJ); Gazeta de Notícias (RJ); Notícias (BA); Pequeno Jornal (PE); O Combate (SP); Jornal de Recife (PE).
Palavras-chave: Pós-abolição. Mulheres Negras. Literatura e História Afro-brasileira.

ENTRE ILHAS, MARES E MONTES: TERRITÓRIO E IDENTIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GALEÃO-BA

Iara Goncalves dos Anjos
iaraganjos@hotmail.com

Discute as experiências históricas da comunidade Quilombola de Galeão, localizada no município de Cairu, no Território do Baixo Sul Baiano. Considerando as narrativas de vida da população que recorre às marcas do passado, observadas na herança histórica de sua ancestralidade e na sua relação com o território, busca-se compreender como ocorreu a formação da Comunidade de Galeão, as vivências cotidianas nas relações de trabalho e familiares, nos costumes, nas tradições, na religiosidade e nas manifestações culturais presentes no local. Também é objeto de investigação o processo de reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de quilombos e as repercussões da certificação sobre as relações de identidade de sua população. Do mesmo modo, procura-se evidenciar o papel desempenhado pelas mulheres da Comunidade representado nas relações de trabalho e na manutenção das tradições locais. Nesses estudos, faz-se necessário, sobretudo, a investigação da memória, oralidade e tradição oral. Os procedimentos teórico-

metodológicos adotados passarão pela análise das fontes orais e no diálogo com as discussões bibliográficas que referenciam os estudos sobre Comunidade Quilombola, Território, lugar, Identidade, Pertencimento, Memória, Cultura, entre outros.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola. Território, Identidade. Memória. Cultura.

COMUNIDADE QUILOMBOLA CANTO FAZENDA FRADE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA (OEIRAS - PIAUÍ)

João Francisco Moreira Filho
jfranciscomoreira@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo central analisar o processo de formação histórica, econômica e cultural da comunidade quilombola Canto Fazenda Frade, que está situada a uma distância de 24 km do município sede, Oeiras - PI, e aproximadamente a 290 km da capital, Teresina - PI. Localiza-se, de acordo com o Planejamento Participativo Territorial do Estado aparente (Lei complementar nº 87/2007 – territórios do desenvolvimento), na macrorregião do semiárido, Território Vale do Canindé. Limita-se ao norte com as comunidades Buriti Queimado e Cabeça Chata, ao sul com Marrecas, ao leste com o município de São João da Varjota e ao oeste com a comunidade Soares. A pesquisa terá os testemunhos orais como principal fonte histórica “a partir da localização das lembranças conforme os grupos sociais e suas relações recíprocas.” Os relatos de memória, na condição de construções de espacialidades e temporalidades, serão interpretados com o objetivo de compreender a formação histórica, econômica e cultural da comunidade. Consideraremos aspectos tais como identidades, territorialidades, ofícios, modos de fazer, celebrações, formas de expressão, ressemantizações, ressignificações. Assim, pretendemos entender como se deu o processo de reconhecimento da comunidade como sendo território quilombola detentor de uma identidade específica e a forma como a comunidade interna e externa acolheu esta mudança para então pensar historicamente a comunidade negra rural Canto Fazenda Frade. Levaremos em conta também a historiografia das comunidades negras rurais brasileiras.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. História. Cultura. Memória.

**REPRESENTAÇÕES E HISTÓRIAS SOBRE O ESCRAVO LUCAS DA
FEIRA: “UMAS MAL CONTADAS” E “OUTRAS TECIDAS PELAS
IMAGINAÇÕES APAVORADAS” NA FEIRA DE SANTANA (1885-1915)**

Lázaro de Souza Barbosa
lazzosza@gmail.com

No contexto do pós-abolição em Feira de Santana/BA, foram elaboradas histórias e representações ancoradas no medo branco das elites agrárias e comerciantes de entre 1880-1915. Foram produzidas e instituídas práticas e representações articuladas ao Código de Posturas Municipal de 1893, ambientando assim o projeto de cidade às histórias desejadas pelo poder local. Como parte integrante desse processo, algumas histórias deveriam ser desqualificadas e projetadas enquanto antíteses da civilidade que se pretendia ali empreender. Investigar as histórias e representações no contexto do desmonte da escravidão é, no mínimo, tentar compreender as arquiteturas do silêncio e do medo produzidas na cidade. A documentação processada nessa pesquisa, fragmentos de periódicos e escritos de caráter científico, indica o contexto de produção dos letrados implicados nos processos de debates e tentativas de definição de qual lugar seria o do povo negro na relação entre as memórias e as histórias daquela região no pós-abolição. Seguindo as pistas do estudo de Lilia Moritz SCHWARCZ (2017, p. 24-26), Retrato em branco e negro, jornais, escravos e cidadãos, vale dizer que o que importa para os estudos sobre Lucas da Feira não é tanto discutir e optar pela qualificação do escravo “dócil” ou “rebelde” [...], herói ou bandido ou facínora, mas antes pensar a rebeldia, ou melhor, a forma como se fala e representa a condição negra e sua rebeldia. As elites feirenses – comerciantes, fazendeiros, letrados e cientistas – teriam combinado imagens de terror e de medo e direcionadas a Lucas e a Feira narrada como pertencente ao tempo histórico desse escravizado da família de um sacerdote, filho dos africanos Ignacio e Maria, que em dado contexto específico da história da Vila de Feira de Santana, idos da primeira metade do século XIX, e em ajuntamento com outros escravizados ruíram significativamente as ligaduras da escravidão. O conjunto de histórias e representações sobre Lucas foi elaborado a partir de filtros escudados num universo que já não pertencia mais ao rural escravista, e sim, em diálogo com PLASCIDO (2012, p. 17) num contexto de debate sobre os males urbanos e as utopias racionalizadoras. Pode-se inferir, por meio dessa investigação, que as representações erguidas sobre Lucas da Feira no contexto do final do século XIX e início do XX, desligam, esvaziam, sequestram o condicionante da escravidão nas leituras sobre esse escravizado. Esse movimento o desloca, no tempo, do século XIX para o XX, e no espaço, do rural para o urbano, como símbolo do crime e do criminoso, do bandido e das práticas descivilizadas a serem impedidas na gramática urbana que se materializava entre 1885 e 1915, em Feira de Santana, onde se buscava induzir e justificar os olhares criminalizantes, descivilizadores e demonizadores para os corpos pretos e pobres que, por via de migração intensa, povoavam aquela cidade.

Palavras-chave: Escravidão. Lucas da Feira. Pós-abolição.

TRADIÇÃO ORAL AFRO-BRASILEIRA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA ESCOLAR

Letícia Cavalcante Lima Silva
le18014@gmail.com

Este trabalho tem por finalidade fazer uma breve explanação acerca da tradição oral como uma marca da resistência dos afrodescendentes, que contribui para a manutenção da ancestralidade, dos seus saberes, bem como para preservação e criação de cultura, a exemplo da Casa de Oxumarê, do samba de roda e da Pedagogia Griô. Concomitantemente, discute algumas possibilidades de sua inserção na educação formal, de modo a valorizar o legado afrodescendente e operar no combate à cultura hegemônica. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, nos estudos de: Barros (2017); Dutra (2015); Hampatê Bá (2010); IPHAN (2006); Pacheco (2006), Souza (1983), entre outros.
Palavras-chave: Tradição Oral. Ancestralidade. Educação formal.

MALUNGOS NO MUNDO NA MEDICINA: AS TRAJETÓRIAS DOS MÉDICOS NEGROS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1808- 1888)

Mayara Priscilla de Jesus dos Santos
maypjs22@hotmail.com

Essa comunicação tem como principal objetivo discutir a trajetória do grupo de homens negros que se tornaram médicos, entre 1808 e 1888, na Faculdade de Medicina da Bahia. Para tanto, buscará observar as suas trajetórias de maneira coletiva. Essa análise nos permitirá perceber as possibilidades postas a esses homens, bem como o contexto em que os mesmos estavam inseridos, além de servir como lente para a investigação das mudanças e debates ocorridos durante o século XIX, principalmente na questão da escravidão e da luta pela cidadania da população de cor.

Palavras-chave: Raça. Medicina. Cidadania. Faculdade de Medicina da Bahia. Prosopografia.

**“CHAMEM OS AGUADEIROS À POSTURA”: TENTATIVAS DE
CONTROLE DOS AGUADEIROS NO PÓS-ABOLIÇÃO - FEIRA DE
SANTANA (1900-1940)**

Pedro Alberto Cruz de Souza Gomes
pedroalberto.gomes@gmail.com

O trabalho dos aguadeiros figura como importante em muitas das grandes cidades brasileiras ao longo do século XIX e na virada para o século XX. Em Feira de Santana não foi diferente. Com o crescimento da cidade, a ocupação adquiriu cada vez mais relevância. O trabalho dos aguadeiros em Feira de Santana foi duramente perseguido durante a primeira metade do século XX. O Código de Posturas de 1892 previa que todos os aguadeiros tivessem matrícula junto à intendência para trabalhar. Quem desobedecesse à regra, ficava sujeito à multa e interdição do trabalho. Para Mayara Silva, a medida fazia parte da tentativa das elites de controlar a população negra após a abolição da escravidão (SILVA, 2017). O pós-abolição será percebido enquanto um problema histórico (MATTOS; RIOS, 2004), visando entender as ações e reações de parte dos trabalhadores da cidade frente a nova ordem acenada pelas elites locais. Durante as primeiras décadas do século, os jornais locais publicavam chamativas para os carregadores de água atualizarem suas matrículas, além de tentarem disciplinar as práticas dos aguadeiros. Segundo Ivo Silva, os aguadeiros poderiam ser trabalhadores autônomos, prestar serviço “alugados” (SILVA, 2007). Em Feira de Santana, os aguadeiros trabalhavam de maneira exclusiva em alguma propriedade do entorno do ambiente urbano. A dinâmica de trabalho dos carregadores estava sujeita a alterações, devido a intempéries climáticas como secas e cheias, e geralmente as constantes secas do início do século XX proporcionavam a subida do preço da água. Buscaremos investigar as dinâmicas de trabalho dos aguadeiros e o processo de perseguição dessa prática de trabalho. Para isso, investigaremos o trânsito dos aguadeiros pelos tanques, públicos e privados, bem como sua interação com outros sujeitos sociais. A investigação em curso foi produzida a partir da análise de processos-crimes presentes no acervo do CEDOC/UEFS; jornais organizados no acervo da BSMG/MCS/UEFS (Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão/Museu Casa do Sertão): O progresso e Folha do Norte; e livros de memória: A Feira do século XX, de Antônio Moreira Ferreira (FERREIRA, 2006); A paisagem urbana e o homem, de Eurico Alves Boaventura (BOAVENTURA, 2006).

Palavras-chave: Trabalho. Controle. Aguadeiros. Pós-abolição.

SABERES E FAZERES DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE LAGOA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980: REFLEXÕES INICIAIS DA PESQUISA

Sandra Cristina Queiroz Pinheiro
scqpinheiro2008@hotmail.com

Trata-se das reflexões iniciais da nossa pesquisa, que tem como objetivo investigar, a partir das categorias memórias, experiências, saberes e poderes, o processo de construção das tramas históricas tecidas pelas mulheres quilombolas de Lagoa Grande, no distrito Maria Quitéria, Feira de Santana, BA. O recorte temporal ora analisado será entre as décadas de 1970-1980, período significativo de mobilização política e social dos sujeitos desse território. Iremos apresentar os primeiros diálogos com autores e autoras que trazem fundamentos teórico-metodológicos para o nosso trabalho. Destacamos aqui, Edward Palmer Thompson, utilizando seu conceito de experiência histórica, que nos ajuda a entender a elaboração das estratégias de sobrevivência das mulheres quilombolas do território de Lagoa Grande. Ainda abordaremos o conceito de quilombo, a partir das ideias da intelectual Beatriz Nascimento. E faremos uma discussão da metodologia da História Oral baseada nas ideias de Alessandro Portelli e Cléria Botelho da Costa, imprescindível em nossa análise, pois trabalhamos com as narrativas femininas quilombolas.

Palavras-chave: Mulheres. Experiências. Quilombo.

TRANÇADOS DA MEMÓRIA: TRABALHO, IDENTIDADE E CULTURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAMPO GRANDE (1925-2007)

Sandra dos Santos
sandra.s.17@hotmail.com

Esse texto tem como objetivo refletir acerca do protagonismo das mulheres quilombolas de Campo Grande, no município de Santa Terezinha – BA. Interessa aqui as relações de trabalho e a constituição das identidades dos sujeitos, a partir dos vestígios que a memória possibilitou acessar. Assim, fazendo uso das fontes orais, buscamos analisar, com rigor metodológico, os significados atribuídos às experiências sociais e culturais através das narrativas, que sinalizaram para importantes formas de sociabilidades vividas, como: o samba do palmeado, a produção artesanal, a religiosidade, o futebol e o exercício da liderança comunitária. Nesse sentido, apreende-se as estratégias de sobrevivência, de existência e de resistência vividas na localidade, privilegiando um cotidiano de fazeres e viveres femininos. Partimos das memórias dos sujeitos mais velhos e, ao longo da pesquisa, fomos acessando as narrativas de sujeitos pertencentes às novas gerações quilombolas, o que tornou possível dimensionar a convivência entre tradição e

modernidade nos modos de ser e de viver constituídos na comunidade de Campo Grande.

Palavras-chave: Quilombolas. Campo Grande. Memórias, Sociabilidades. Identidades.

**EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE LUTA PELA LIBERDADE DE
TRABALHADORAS ESCRAVIZADAS EM PEQUENAS POSSES – UM
ESTUDO DE CASOS (CAMPINAS, SÉCULO XIX)**

Talison Mendes Picheli
talison.picheli@gmail.com

Não é novidade entre os estudos que se ocupam do fenômeno da manumissão no Brasil escravista o predomínio e a importância das mulheres escravizadas em tal processo. Já há algum tempo, a historiografia tem demonstrado as melhores oportunidades de obtenção da alforria reservadas a elas e chamado a atenção para o fato de que, não raro, o protagonismo dessas mulheres não se encerrava na luta pela conquista de suas próprias liberdades – ele se estendia também à luta pela libertação de outras pessoas com as quais conviviam, via de regra, seus familiares. Os expedientes dos quais elas lançavam mão para alcançar esse objetivo foram os mais variados e estiveram, em grande medida, ligados às especificidades de suas experiências sob o jugo do cativo. Entre outros fatores, eram determinantes, por exemplo, as características do mundo em que viviam, os lugares por onde circulavam, as pessoas com as quais se relacionavam e as redes de solidariedade que conseguiam construir. Para muitas, as relações de trabalho das quais faziam parte e suas vivências enquanto trabalhadoras foram elementos fundamentais em suas batalhas cotidianas, pois, não obstante as dificuldades e limitações próprias da condição escrava, viabilizaram estratégias que iam desde o estabelecimento de boas relações com seus proprietários e proprietárias, e o cultivo de favores destes, até o acúmulo de pecúlio a ser utilizado na compra da alforria. Tais questões ficam ainda mais evidentes quando olhamos para os casos daquelas mulheres que habitavam pequenas propriedades e que pertenciam a senhores que, em maior ou menor grau, dependiam do trabalho delas para sobreviver. É o que pretendo discutir em minha comunicação, por meio da análise das trajetórias de quatro trabalhadoras escravizadas que viveram na Campinas oitocentista – análise essa possibilitada pelo cruzamento nominativo de fontes eclesiásticas, censitárias e cartoriais. Embora não possuíssem qualquer tipo de ligação aparente entre si, as histórias dessas mulheres contêm pontos em comum que merecem destaque e que estarão no centro da discussão: eram contemporâneas umas as outras, moravam em regiões mais próximas do centro do município campineiro, pertenciam a senhoras pouco abastadas e, por isso mesmo, tiveram relativo sucesso em suas lutas, que resultaram nas alforrias de mais de um membro de seu grupo familiar. As estratégias empregadas por elas, nesse sentido, também foram semelhantes, e estiveram associadas sobretudo às suas experiências enquanto trabalhadoras de pequenas posses. Anos depois de terem seus filhos libertados incondicionalmente na pia

batismal, elas próprias foram manumitidas por suas proprietárias mediante o cumprimento de determinadas condições, o que demonstra que, se por um lado as relações de trabalho permeadas por vínculos de mútua dependência possibilitavam a obtenção de ganhos consideráveis; por outro, elas também impuseram limitações importantes às experiências de conquista da liberdade dessas mulheres.

Palavras-chave: Escravidão. Alforria. Liberdade. Trabalho.

NOTAS DE PESQUISA SOBRE AS ALFORRIAS CARTORIAIS NO TEMPO DA LEI DO VENTRE LIVRE (1870-1872)

Tayse Jessica da Cruz Barros
tayse.jcb@outlook.com

Carta de liberdade, alforria, manumissão ou ocasionalmente título de liberdade são sinônimos duma mudança de status social e jurídico, ou seja, o indivíduo que foi escravizado e recebeu pelas vias das negociações este documento, era então considerado liberto ou forro. Foram algumas possibilidades para a aquisição das alforrias, poderiam começar desde o nascimento ao ser passada na Pia de batismo, no lançamento aos Livros de Notas ou aquelas sob as últimas vontades declaradas nos Testamentos. O historiador Eduardo França Paiva argumenta que a história das alforrias é tão antiga quanto à escravidão, aliás, as alforrias são componentes da escravidão. (PAIVA, 2018, p. 62). No cartório do Tabelião João Antunes da Costa Rodrigues para o ano de 1870 foram lavradas 139 alforrias, que libertou 153 pessoas. Nesta discussão consultei e transcrevi a quantidade das alforrias já anunciadas, tendo como fonte principal as alforrias na Cidade da Bahia, a pedra de toque é apresentar e discutir o papel do agenciamento das mulheres negras em relação à conquista da liberdade dos seus filhos, bem como a participação relevante da Sociedade Libertadora Sete de Setembro junto aos arranjos para a conquista da alforria. As veias abertas para a emancipação, tendo em vista as ações estratégicas de escravizados, libertos e instituições, aliadas ao advento de dois movimentos do contexto, a saber: o abolicionismo como movimento social e o percurso da emancipação pelas leis graduais, demonstram como os acordos envolvendo a compra de alforrias atalharam pela negociação. Vejamos a história de Adélia Parda, que foi libertada em 14 de setembro de 1870. Segundo sua carta de liberdade a dita possuía nove meses de idade, de cor parda e filha da escrava Julieta. Seu antigo senhor, Antônio Rodrigues Nogueira, disse conceder à liberdade a sua cria pelo valor de duzentos mil réis, sendo cento e dez mil réis agenciados por sua mãe e noventa mil réis pela Sociedade Libertadora Sete de Setembro. As principais hipóteses revelam os acordos envolvendo as mães e outras Instituições de cunho abolicionistas atalharam para a compra da alforria. Outro elemento liga-se a seleção estratégica daqueles que receberiam parte do dinheiro para quitar o excedente. Foram as crias, idade inferior a dois anos e as mulheres os grupos privilegiados pela compra da alforria por recurso das sociedades abolicionistas.

Palavras-chave: Alforrias. Lei do Ventre Livre. Sociedades Abolicionistas. Mães.

**NEGRAS MEMÓRIAS: TRABALHO E FAMÍLIA DAS CHARUTEIRAS
NO RECÔNCAVO BAIANO ENTRE 1950 - 1990**

Viviane dos Santos Silva
vi_viane.santos@hotmail.com

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as memórias das mulheres charuteiras, que desempenharam suas atividades nas Fábricas Dannemann e Pimentel no Recôncavo Baiano, utilizando como chave de análise o pós-abolição e a configuração social, política e econômica que se constitui a partir da década de 1950, na Bahia. A discussão prioriza a construção histórica e cultural das relações sociais nos espaços de trabalho e familiar, considerando, sobretudo, a perspectiva interseccional de raça, gênero e classe no intuito de entender o processo de produção de charutaria e como foi o envolvimento das mulheres nessa dinâmica, o que lhe constituiu uma identidade feminina, negra e trabalhadora.

Palavras-chaves: Pós abolição. Mulheres. Trabalho. Escravidão.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 6:
ESTUDOS COLONIAIS: A BAHIA
NO IMPÉRIO PORTUGUÊS**

COORDENAÇÃO:

**SUZANA MARIA DE SOUSA SANTOS SEVERS
RAIZA CRISTINA CANUTA DA HORA
ADRIANA DANTAS REIS**

**AS MULHERES NEGRAS NO ATLÂNTICO MODERNO: UMA
EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DECOLONIAL E INTERSECCIONAL
PARA A HISTÓRIA DO BRASIL**

Adriana Dantas Reis
adreis@uefs.br

Na última década, e eu diria que mais intensamente, nos últimos cinco anos, o feminismo negro no Brasil tem se organizado e produzido debates distintos para pensar as mulheres negras e suas múltiplas possibilidades. Um fenômeno que tem crescido no Brasil através de reflexões em publicações de livros, blogs, contas ou perfis nas redes sociais e plataformas disponíveis, para debater, promover eventos, divulgar publicações e serviços voltados às mulheres negras. Ao mesmo tempo, nas Universidades, os/as estudantes negros/as demonstram cada vez mais interesses de pesquisas voltadas para a temática da história das mulheres negras, proporcionando revisões nos programas das disciplinas e nos fazem debruçar sobre bibliografias escritas por e sobre mulheres negras. Inspirada nesse contexto de efervescência intelectual e ativismo dentro e fora da academia, proponho reflexões epistemológicas para repensar as mulheres negras no Atlântico moderno, a partir dos conceitos de decolonialidade e interseccionalidade.

Palavras-chave: Mulheres negras. Decolonialidade. Interseccionalidade. Atlântico moderno.

**O “PECADO” DA SODOMIA: PERSEGUIÇÃO E CONDENAÇÃO ÀS
PRÁTICAS SODOMÍTIAS ENTRE OS INDÍGENAS PELO OLHAR DA
INQUISIÇÃO NA COLÔNIA PORTUGUESA – SÉC. XVII**

André Paulo Rios de Souza Brito
andrepios@hotmail.com

A Inquisição, por mais de três séculos, foi um dos órgãos que mais perseguiu, condenou e exterminou centenas de pessoas por diversas práticas, as quais a Igreja católica julgava ser um atentado à moral. Por ser um agente vinculado diretamente à Igreja, o Tribunal do Santo Ofício desempenhou um papel importante nesse processo de “caça às bruxas”. A Sodomia, ou pecado nefando - e que hoje recebe o nome de homossexualidade - era uma das heresias mais abomináveis consideradas pela Igreja e que até hoje, em algumas culturas, o ódio à diversidade mina de um viés religioso e extremista. Durante muito tempo, os grupos indígenas conviveram com essa prática da forma mais natural possível, pois tais condutas sexuais não eram interpretadas por esses povos como uma conduta herética e pecaminosa. As práticas homoafetivas, em algumas comunidades indígenas, não eram criminalizadas, entretanto a chegada dos colonizadores abriu portas para a perseguição e demonização, pois para o cristianismo tal prática era considerada um atentado à moral e a relação entre duas pessoas do mesmo sexo era algo anormal e de cunho satânico. A associação dos povos indígenas à promiscuidade e as piores

heresias que se pode imaginar reverberou nesse momento histórico justamente por essas práticas, em especial a sodomia, serem diferentes daquelas conhecidas dentro dos parâmetros do cristianismo.

Palavras-chave: Sodomia. Inquisição. Indígenas.

É FIADO OU EM DINHEIRO DE CONTADO? O NÍVEL DE LIQUIDEZ MONETÁRIA NA BAHIA COLONIAL

Augusto Fagundes da Silva dos Santos
augustofagundes@uefs.br

A presente comunicação tem como objetivo demonstrar o nível de liquidez monetária na Bahia do final do período colonial. Utilizando os livros de notas disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia entre os anos de 1777 e 1808, é possível demonstrar que não havia escassez monetária na Bahia do período. Sabe-se que uma historiografia tradicional, baseando-se principalmente em fontes oficiais e relatos de cronistas e viajantes enfatizou excessivamente a questão da exiguidade pecuniária como uma das características básicas da economia colonial. Os resultados empíricos da análise documental refutam estas afirmativas, demonstrando que a economia baiana, entre 1777 e 1808, vivia uma conjuntura de maior liquidez se comparada com outros momentos da economia colonial. Diante deste quadro que vai de encontro às teorias mais tradicionais sobre a escassez pecuniária na colônia, compreendemos ser necessário pensar a questão do crédito, e, sobretudo, do meio circulante, não como algo estático, mas como um elemento de características conjunturais, que a exemplo da produção e da circulação, sofreram com as sazonalidades da economia. Deste modo, pensar a economia baiana no final do período colonial é compreender que o contexto de retomada de economia de exportação impulsionou a dinamização e a ampliação do setor creditício e promoveu maior liquidez na praça comercial de Salvador.

Palavras-chave: Economia colonial. Capitania da Bahia. Nível de liquidez. “Retomada das exportações”.

GOVERNADORES E MINISTROS DA RELAÇÃO E OS PROBLEMAS NO GOVERNO DA CAPITANIA DA BAHIA (1753 - 1777)

Charles Nascimento de Sá
cnsa@uneb.br

O objetivo proposto neste texto centra-se em entender e analisar a ação dos governadores da capitania da Bahia em suas interações, disputas e contendas com os ministros do Tribunal da Relação da Bahia, instância máxima da justiça na América portuguesa entre os anos de 1750 e 1777, período de governo de D. José I. Os documentos aqui compilados fazem parte da coleção Castro de Almeida, do

Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal, e se encontram disponibilizados no site do Projeto Resgate. As Fontes coligidas aludem aos choques, disputas e dilemas vivenciados pelos governadores do período pombalino em suas interações com membros do Tribunal de Relação da Bahia. Entre os assuntos analisados e que fizeram parte dos problemas vivenciados pelos governadores no período pombalino, temas ainda hoje atuais se fazem presentes, tais como: remuneração, intrigas palacianas, disputas por poder ou status, brigas, casos amorosos, lucros indevidos. Para a abordagem desse estudo utilizou-se autores como Stuart Schwartz, Pierre Verger, Russell-Wood, Rodrigo Bentes Monteiro, Charles Boxer, Nuno Gonçalo Monteiro, Mafalda Soares da Cunha, dentre outros. Governar não era de modo algum algo fácil. A existência de problemas na capitania da Bahia entre 1750 a 1777 foi algo comum, corriqueiro e que se mostrou uma fonte perene de preocupações e barreiras para o exercício da autoridade dos governadores na Bahia Setecentista.

Palavras-chave: Governadores. Bahia. Problemas. Período pombalino. Tribunal da Relação. Império português.

AS DENÚNCIAS DE FEITIÇARIA CONTRA AS PESSOAS DE COR EM MARIANA: UMA BREVE ANÁLISE DOS CADERNOS DO PROMOTOR DE MEADOS DO SÉCULO XVIII

Dimas Catai Santos Junior
hellmans1@gmail.com

Ao longo do século XVIII, o crescimento constante da população escravizada e o seu processo de inserção no mundo católico através do batismo, conversão e apreensão da fé tornaram-se um problema cada vez mais aparente para a Igreja. Se as demandas econômicas exigiam dos navios negreiros quantitativos maiores de população escravizada para o Brasil, é importante lembrar que os seres humanos traficados traziam consigo um conjunto de experiências religiosas e de sociabilizações que escapavam da lógica católica e ao tipo de papel social designado a eles no Novo Mundo. Era necessário para a formação do bom súdito, do bom escravizado e para salvação da alma uma inserção eficiente no mundo católico que construísse um sujeito capaz de incorporar a moral de uma nova fé e que aceitasse com resignação o seu lugar numa sociedade barroca e bem hierarquizada, como a do Antigo Regime. Para atender a todas essas demandas, lançaram mão de ações que variavam desde o incentivo para formação de irmandades religiosas e a divulgação de cultos a alguns santos específicos e das suas hagiografias – próximas ao que se esperava destas comunidades pretas – até mesmo o emprego de instrumentos mais duros, como a dissolução de comunidades de práticas religiosas africanas, prisões, castigos físicos e processos movidos pelo Santo Ofício, Tribunal Eclesiástico ou as instâncias jurídicas e administrativas pertencentes diretamente à Coroa. Por conta dessas questões, teremos como palco deste trabalho os anos entre 1745 e finais do XVIII no Bispado de Mariana. Essa praça concentrava quantitativo importante de mão de obra escravizada e uma estrutura eclesiástica e Inquisitorial

solidificada ao longo do período analisado. Buscaremos falar um pouco sobre os instrumentos de disciplinamento desenvolvidos pela Igreja e pelo Estado para os povos pretos na colônia e como eles circulavam entre a conversão e a repressão.

Palavras-chave: Catolicismo. Práticas Religiosas. Igreja. Santo Ofício.

AS MULHERES DITAS SODOMITAS PROCESSADAS NA PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO À BAHIA: GÊNERO E INTERSECÇÃO

Iara Silva de Jesus
iarasillva1702@gmail.com

O lugar das mulheres no ambiente colonial não foi rigidamente o colocado pelo patriarcado, houve mulheres que romperam com os padrões impostos. Muitas buscavam saciar o desejo por outras mulheres, conforme afirmado ao Visitador, gostavam de mulheres ou tornaram público seus romances. A sodomia *foeminarum* foi um campo que confundiu e enganou aqueles clérigos que tentaram conhecê-la e desvendá-la, seja em razão do desconhecimento e certo desinteresse sobre o corpo feminino, seja por causa da gravidade em que era apreciado o pecado. A presente comunicação tem como proposta de estudo abordar os casos de sodomia feminina na cidade da Bahia, na Primeira Visitação do Santo Ofício (1591-1595). Buscamos compreender a sodomia feminina interligada com as questões de gênero e sexualidade, apontaremos como sendo fruto de uma construção social, enquadrada em conceitos culturais do masculino e do feminino, adquiridos por meio de processos de socialização, predeterminados por comportamentos ditos de cada gênero. Desta forma, almejamos discutir sobre o universo em que essas mulheres estavam inseridas e os mecanismos que usaram para transgredir as regras religiosas e morais para expressarem suas sexualidades. Utilizaremos a perspectiva interseccional, para designar a interdependência dos marcadores sociais, ou seja, os lugares que as mulheres ocupavam descreviam um ponto de vista, a partir das experiências e das relações de poder.

Palavras-chave: Sodomia. Mulher. Gênero. Intersecção.

TRAJETÓRIAS DE AFRICANOS LIBERTOS NA BAHIA SETECENTISTA: CASAMENTOS, STATUS E CONDIÇÕES MATERIAIS

Raiza Cristina Canuta da Hora
raizacanuta@outlook.com

O presente artigo apresenta o perfil de alguns africanos libertos que se casaram de acordo com as regras estabelecidas pela Igreja Católica. O estudo objetiva analisar possíveis significados e motivações de uniões formais entre a população africana da Cidade da Bahia, na segunda metade do século XVIII. Pretende-se dimensionar a importância da celebração do matrimônio católico na trajetória desses indivíduos.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

Para tanto, recorro à análise de inventários e testamentos, em combinação com os livros de membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos das Portas do Carmo (hoje do Pelourinho), livros de patentes, petições e alvarás e com a documentação eclesiástica. Estabeleço, ainda, um diálogo com a bibliografia sobre o tema visando estabelecer comparações entre aspectos das trajetórias, condições de vida e bens desses personagens.

Palavras-chave: Africanos libertos. Bahia colonial. Século XVIII.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 7:
EXPANSÃO PORTUGUESA NO
PERÍODO MODERNO:
RELIGIOSIDADES, CONFLITOS E
INTERAÇÕES SOCIAIS**

COORDENAÇÃO:

**TÂNIA MARIA PINTO DE SANTANA
MÁRCIA GABRIELA DE AGUIAR BARRETO
EMILY DE JESUS MACHADO**

VIDA E MORTE EM PROCISSÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CULTO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Antonio Gomes da Silva Neto
sillvaneto@gmail.com

A vida dos santos católicos constitui um importante meio de transmissão do sentido da fé, no qual sua trajetória terrestre, e até mesmo o momento da morte, pode tornar-se um exemplo de conduta cristã. O destaque a um determinado modelo de santo é histórico e, em uma sociedade, pode revelar elementos que podem traduzir representações coletivas integradas por crenças e práticas culturais (CHARTIER, 2002). No município de Cachoeira, situado no Recôncavo da Bahia, um grupo de mulheres negras prestam o culto a Nossa Senhora da Boa Morte e promovem anualmente missas e procissões. As procissões assumem uma importante função de exteriorização da fé. Trata-se também da recriação e da (re) atualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico (ELIADE, 1992, p. 38). Nas procissões em honra a Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, as imagens de Maria, mãe de Jesus, auxiliam na manutenção do imaginário religioso, cuja dramatização das devotas, juntamente com a retórica litúrgica, realizam a representação do fim terrestre da Virgem. Na primeira semana do mês de agosto, as devotas realizam uma procissão, sem a presença da hierarquia eclesiástica, com uma pequena imagem de Nossa Senhora da Boa Morte - representação da Virgem jacente com as mãos em posição piedosa. A procissão se inicia na residência da devota eleita provedora da festa em honra mencionada invocação mariana e termina na sua capela própria onde é recebida com pipocas. No dia 13 de agosto acontece a procissão da “Saída do Corpo” de Nossa Senhora da Boa Morte, com outra imagem, e percorre as principais ruas da cidade. Trata-se do anúncio público da morte da Virgem. No dia seguinte, realiza-se a sua “Procissão do Enterro”. Cânticos de saudações aos orixás e à Virgem santa são entoados durante o percurso. No dia 15 de agosto acontece a “Procissão Festiva” com uma imagem de Nossa Senhora da Glória posta de pé em um andor e usando uma coroa ou diadema, uma vez que, segundo os fundamentos teológicos marianos, após ser assumta aos céus por Jesus Cristo, Maria encontra-se ao lado da trindade celeste sendo coroada e glorificada. Estas procissões possuem um conjunto de códigos essenciais aos simbolismos cristãos da vitória dos justos sobre a morte, bem como justaposições com os pressupostos religiosos africanos acerca da infinidade do ser. Portanto, o objetivo desta comunicação consiste em apresentar o oculto dedicado à Nossa Senhora da Boa Morte no município de Cachoeira entre os anos de 1970-2012, com ênfase nos cortejos processionais e seus simbolismos. Utilizamos a metodologia da História Oral para a análise dos depoimentos concedidos pelas devotas, documentários e jornais publicados no período estudado, fotografias e as imagens sacras utilizadas nos cortejos. Salientamos que o presente trabalho faz parte da minha pesquisa de mestrado, do PPGHIS/UNEB.

Palavras-chave: Culto. Nossa Senhora da Boa Morte. Procissão.

**AS VÁRIAS ESPOSAS DOS “HOMENS DO MAR”: INQUISIÇÃO,
BIGAMIA E RELAÇÕES FAMILIARES NO ATLÂNTICO PORTUGUÊS
DO SÉCULO XVII**

Emily de Jesus Machado
emily.jmachado@gmail.com

Durante a primeira modernidade, o império marítimo português desbravou rotas comerciais que conectaram a Europa, a África, o Novo Mundo e o Oriente em uma proporção nunca vista antes do século XVI. Junto com as especiarias, os portugueses fizeram circular também projetos político-religiosos, trocas culturais e experiências de trabalho. Na base do funcionamento daquele projeto estavam milhares de homens e mulheres pobres que circulavam pelos oceanos – voluntariamente ou não – exercendo as funções necessárias para a articulação do comércio e manutenção dos territórios conquistados ao redor do globo. A circulação de pessoas através do Atlântico e por todo o império português, em algumas ocasiões, atuava como elemento desestabilizador das uniões matrimoniais. A distância entre os cônjuges, imposta pelas circunstâncias, por vezes causava o desvanecimento do matrimônio ou simplesmente era utilizada como oportunidade de novo enlace. O mesmo oceano que tão eficazmente unia continentes, afastava pessoas. Os mais de mil e trezentos processos abertos pela Inquisição portuguesa contra indivíduos que incorreram em bigamia nos fornecem indicativos de como a distância poderia ser um elemento facilitador – ou impulsionador – da busca por um novo matrimônio e a construção de uma nova vida. A prática da bigamia ofendia o sacramento do matrimônio ao atentar contra a sua indissolubilidade, casar segunda vez sendo o primeiro e legítimo cônjuge ainda vivo era delito grave e que recaía sob a jurisdição da Inquisição portuguesa. Ainda assim, movidos por interesses pessoais e acobertados pelas distâncias que dificultavam a descoberta do delito, muitos arriscaram incorrer em tal prática. Foi o caso do marinheiro João Martins Farto, processado por bigamia em 1660. João era um cristão-velho, residente no Rio de Janeiro e natural de Lisboa, cidade onde deixara sua legítima esposa antes de se envolver em um novo – e ilícito – enlace matrimonial na América portuguesa. Utilizando o processo inquisitorial aberto contra João Farto como fio condutor, buscaremos analisar nesta comunicação como as vontades dos sujeitos, as oportunidades oferecidas pelas distâncias e a interiorização da disciplina, imposta pela Igreja e pelo Estado, se entrelaçavam de maneira que possibilitavam formações familiares que, ao tentarem se enquadrar no modelo entendido à época como legítimo, resultavam em núcleos familiares estruturados de maneira absolutamente ilícita.

Palavras-chave: Bigamia. Inquisição. Atlântico português.

**ENTRE A MISSA E A JUREMA: RESISTÊNCIAS E ADAPTAÇÕES NOS
ALDEAMENTOS JESUÍTICOS DA BAHIA ÀS VÉSPERAS DA
EXPULSÃO (1758-1759)**

Fabricio Lyrio Santos
fabriciolyrio@gmail.com

Em meados do século XVIII, a partir do reinado de D. José (1750-1777), a legislação colonial portuguesa foi profundamente modificada. O objetivo era promover, entre outras medidas, uma nova política de integração e assimilação dos povos indígenas por meio da aprovação de importantes leis e alvarás datados entre 1755 e 1758, com destaque para o Diretório dos Índios, de 1757, tornado lei no ano seguinte. Tal política teve como principais protagonistas o secretário de estado Sebastião José de Carvalho e Mello, futuro Marquês de Pombal, e seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Como consequência dos conflitos derivados da implementação destas medidas, em meio a outros fatores, os jesuítas – principais agentes da política oficial de missão dos povos indígenas até aquele momento – foram afastados dos aldeamentos e tiveram que enfrentar, na sequência, o decreto régio de expulsão e desnaturalização, assinado em 3 de setembro de 1759, que envolveu a prisão e o exílio de centenas de religiosos. Em meio a este processo, os agentes civis responsáveis pela execução das novas leis na colônia produziram interessantes relatos sobre o cotidiano dos indígenas aldeados. Por meio da leitura atenta desta documentação, o trabalho pretende evidenciar a percepção da alteridade indígena revelada pelo olhar europeu, suas nuances e contradições. A ideia central a ser defendida é que as descrições construídas nos documentos analisados sugerem que a tentativa de imposição da cultura europeia por meio da catequese logrou pouco êxito frente aos costumes e modo de vida indígenas, o que tampouco foi visto como impedimento para que aqueles sujeitos fossem reconhecidos e se reconhecessem enquanto súditos da monarquia portuguesa, ou seja, inseridos na sociedade colonial e no cristianismo. O protagonismo da população aldeada se evidencia naquelas descrições pela presença de elementos tidos como contrários ao cristianismo, como o uso da bebida jurema, associada ao xamanismo indígena. Como pretendemos demonstrar nesta comunicação, a ideia de passividade atribuída aos indígenas aldeados – bastante difundida na historiografia e nos manuais didáticos – não encontra respaldo nesta documentação. Apesar do caráter pretensamente totalizante da catequese, os aldeados afirmavam-se enquanto sujeitos ativos, logrando manter um relativo grau de autonomia frente à catequese e à colonização. Os aldeamentos retratados na documentação revelam-se, portanto, espaços dinâmicos e plurais, marcados por um cotidiano permeado pela criatividade e perpassado por elementos culturais que escapavam à vigilância dos missionários e subvertiam, em alguma medida, o ordenamento colonial.

Palavras-chave: Política Colonial. Resistência indígena. Cultura. Século XVIII.

**A IGREJA DE TAFARÉU: PRÁTICAS DE CURA NO MUNICÍPIO DE
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS - BA (1999- 2018)**

Jociane Gomes dos Santos
jacy.dj@hotmail.com

A finalidade deste trabalho é analisar as práticas de cura realizadas por Israel Santos Lima, “Tafaréu”, na Capela de Nossa Senhora das Dores, conhecida como “Igreja de Tafaréu” no município de São Gonçalo dos Campos – BA, entre os anos de 1999 e 2018. Pela metodologia da História Oral, utilizamos o depoimento do senhor Israel, colhido através de entrevista semiestruturada. Procuramos investigar como se deu o processo de construção da capela, quais e como são realizadas as curas, a eficácia atribuída a elas e os motivos que levam à sua grande procura na Capela de Nossa Senhora das Dores, quando há também uma diversidade de oferta, através de outros meios. A prática e a procura por curas mágico-religiosas resistem e se reinventam ao longo dos séculos, em decorrência das transformações que acontecem em nossa sociedade, pois entendemos a religião ancorada aos aspectos sociais e políticos. Com a ampliação do mercado de bens religiosos nas últimas décadas, surgem novas ofertas de cura para atender às necessidades dos novos sujeitos da sociedade contemporânea. Esta pesquisa traz um olhar e resultados novos para este fenômeno vivido em outros espaços e épocas no Brasil, contribuindo para a produção historiográfica sobre o tema, dando ênfase a sujeitos históricos das classes populares. Dessa forma, sendo a religião parte integrante da cultura, incluímos este estudo nos meandros da história social da cultura. Verificamos que as práticas de cura oficializadas por Tafaréu são o principal motivo para as pessoas frequentarem a capela. Entretanto, não o único; contribuem, também, para isso, o carisma do oficiante, bem como a forma que o catolicismo é ressignificado no local. Isso porque as experiências religiosas anteriores de Tafaréu contribuíram para um culto cheio de especificidades, com elementos do catolicismo popular, do neopentecostalismo e da Renovação Carismática Católica. Consideramos que essa pesquisa pode ser ampliada através de outras fontes orais, da perspectiva dos sujeitos que receberam as curas, o que poderá evidenciar outros elementos para a compreensão da busca por cura na “Igreja de Tafaréu”.

Palavras-chave: Práticas de cura. Religião. História Oral.

**A NEGAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NAS
DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX EM SÃO FELIPE, BAHIA**

Joseane Portugal dos Santos
joseaneportugal@outlook.com

Os questionamentos a respeito desse tema surgiram durante a minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC), que foi defendida na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, neste ano de 2021, em que foi analisada uma procissão em

devoção a São Roque, que acontecia em uma comunidade rural do município de São Felipe, conhecida como Tapera do Jaguaripe, na década de 1930, criada pelo senhor Aurino Rocha dos Santos, que na época era um famoso curador da região. Essa é uma localidade de pessoas em sua grande maioria negras, que nos dias atuais se declaram pertencer à religião cristã, característica comum ao restante do município, situado no Recôncavo Sul, a 170 quilômetros de Salvador, com população estimada de pouco mais de 21.000 pessoas segundo dados atuais do IBGE. Na pesquisa que realizamos para entendermos o contexto de criação da procissão por seu Aurino, foram ouvidos familiares (filhos), deste curador e pessoas que participavam das festas e trabalhos na casa do mesmo. Um dos fatos que nos chamou atenção na pesquisa era o momento em que as pessoas falavam da vida do curador e seus trabalhos de cura, pois os depoentes sempre o definiam com palavras e justificativas que o distanciassem das religiões de matriz africana, principalmente o Candomblé, usando definições como “espiritismo” e “trabalho limpo”. Em alguns momentos, ao remeterem à fala do curador, os entrevistados diziam que ele costumava afirmar o seguinte: “não trabalho com a polícia, não tenho autorização”. Dialogando com a bibliografia, tivemos conhecimento das perseguições ocorridas em outras cidades do Recôncavo, assim como em Salvador e no Rio de Janeiro, mas não encontramos nada sobre São Felipe. Assim, não podemos afirmar que essa negação seja fruto de perseguições, ou que atividades fossem tidas como ilegais no município, porém, consideramos importante destacar sua presença nos depoimentos, apontando para esta negação das religiões de matriz africana na região. Ressaltando que durante a pesquisa optamos por usar o termo “Casas de Cura”, já que os depoimentos não fazem uso do termo “Terreiros”, associados ao Candomblé. A base da pesquisa é a fonte oral, onde analisamos os depoimentos que foram colhidos durante a pesquisa anterior. Destacamos que essa comunicação aponta para a necessidade de aprofundarmos mais a questão, a fim de identificar os motivos que levaram a essa negação das religiões de matriz africana pelos depoentes.

Palavras-chave: Religião. Candomblé. Casa de cura. São Felipe (Bahia).

O LIVRO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA E A ESCRITA CARTORIAL NA BAHIA NOS TEMPOS DA COLÔNIA E DA PROVÍNCIA

Márcia Gabriela de Aguiar Barreto
marciagabriela.ab@gmail.com

Na cidade da Bahia, encontramos os beneditinos instalados na Freguesia de São Pedro Velho onde se localizava o Mosteiro de São Sebastião, fundado em 1582, a casa mãe dos beneditinos na América Portuguesa. Mais comumente chamado Mosteiro de São Bento da Bahia, no tempo da expansão portuguesa e da formação do Estado do Brasil, o mosteiro baiano encontrava-se vinculado à Congregação Beneditina Portuguesa, sob o comando do Mosteiro de Tibães, situado na região Norte de Portugal onde abundavam as casas da referida ordem. O Livro do Tombo

e sua escrita mais ligada ao uso administrativo monástico é uma prática de registro trazida pelos monges portugueses e aqui mantida, que pode nos ajudar a compreender a circulação e a conservação das práticas culturais no Mundo Atlântico. De grande importância não apenas para o seu fim primeiro, que era registrar as doações realizadas ao mosteiro, como também para percebermos alguns aspectos da vida cotidiana e das relações estabelecidas entre os monges e a sociedade baiana, o livro do Tombo, conservado no Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia, nos permite discutir os diversos usos dos livros no cenóbio baiano e as possibilidades investigativas dessa fonte histórica para os campos da História Religiosa e da Cultura Escrita no enquadramento da Expansão Portuguesa, quando o mosteiro baiano era a sede da província Beneditina no Brasil, muito embora a história da presença beneditina na Bahia sob a Congregação Brasileira após a Independência avance também pelas fases do Império e da República chegando aos nossos dias. A leitura atenta do Livro Tombo nos permite, portanto, compreender o processo de constituição do patrimônio da ordem na cidade da Bahia a partir das doações e legados que passaram a propriedade de terras e ermidas, em diversas regiões da cidade a exemplo da Lapa, da Mouraria, do Rosário, das Mercês, da Vitória, do Monteserrat, aos monges beneditinos.

Palavras-chave: História da Bahia. Ordem de São Bento. Livro do Tombo. Expansão Portuguesa.

A CURA PELA FÉ: PRÁTICAS DE CURA POR MEIOS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIXA GRANDE EM MURITIBA - BAHIA

Maria do Carmo Soares da Silva dos Santos
llsdocarmo@gmail.com

A Comunidade Quilombola de Baixa Grande está localizada no distrito de São José do Itaporã, próximo ao município de Cruz das Almas, mas é pertencente a Muritiba. Possui aproximadamente 300 famílias, majoritariamente negras, formadas por laços de parentescos. Em 2016, Baixa Grande foi certificada pela Fundação Cultural Palmares com o título de remanescente de quilombo graças ao esforço da comunidade através do Coletivo Chico Vêi (nome que foi escolhido em homenagem ao primeiro morador da localidade). Foram colhidos depoimentos de moradores mais velhos e, por meio da oralidade, foi possível a certificação da comunidade. O presente trabalho buscou investigar como se dão as práticas de cura por meio das rezas na referida comunidade, no período de 1985 até a atualidade. A prática da reza de cura na comunidade quilombola de Baixa Grande, segundo foi relatado pelos entrevistados, depende da fé de quem reza e de quem é rezado para acontecer à cura esperada, pois as pessoas que buscam pela reza já possuem uma fé católica com devoção aos seus santos protetores. Na Baixa Grande, o padroeiro é Santo Antônio, que é muito citado pelos rezadores e rezadeiras na prática das rezas, assim como é possível observar altares repletos de imagens deste e de outros santos

católicos tanto nas casas dos rezadores e rezadeiras como nas casas das pessoas que são rezadas. Imagens de Nossa Senhora das Graças, São Romão de Roma, São Roque, São Cosme e São Damião, entre outros, fazem parte do convívio familiar dos moradores, inclusive foi relatado pelos entrevistados a realização de cultos domésticos em agradecimentos aos santos por alguma graça alcançada, não se limitando apenas ao templo da igreja católica local para praticarem suas devoções. A pesquisa foi estruturada no diálogo com a bibliografia sobre rezadeiras, rezadores, cultura, representações e oralidade, ou seja, textos teórico-metodológicos e historiográficos pertinentes ao tema proposto, seguido da coleta e análise das entrevistas, buscando proceder a uma análise histórico-qualitativa dos relatos produzidos por rezadeiras, rezadores e moradores da comunidade. Diante do material coletado foi possível observar que existe, atualmente, a influência de outras dominações ou vertentes religiosas (principalmente evangélicos e integrantes da Renovação Carismática Católica) na comunidade, acarretando na diminuição da procura pela reza de cura por serem práticas religiosas que não fazem uso da reza de cura.

Palavras-chave: Reza de cura. Prática. Baixa Grande. Comunidade quilomola.

CRENÇAS E DEVOÇÕES NA ZONA RURAL DE MURITIBA-BA (1970-2000)

Mirian Flores de Jesus da Silva
myrianborgess@gmail.com

A presente comunicação visa apresentar a proposta de pesquisa que estou desenvolvendo para o meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A pesquisa tem por objetivo geral: analisar as crenças e devoções encontradas na zona rural do município de Muritiba (Recôncavo Baiano), entre os anos de 1970 a 2000, especificamente nas comunidades de Carro Quebrado, Tabuleiro da Baiana, Pernambuco e Baixa Grande. Os objetivos específicos consistem nos seguintes: investigar as origens das práticas católicas no Brasil, com recorte para a zona rural de Muritiba; caracterizar as práticas desenvolvidas pelas rezadeiras; verificar a influência do catolicismo popular no cotidiano das rezadeiras e das comunidades pesquisadas; compreender a prática da devoção aos santos católicos entre as rezadeiras nas comunidades estudadas, considerando o contexto histórico no qual estavam inseridas. Para tanto, será levado em consideração a vivência de algumas pessoas praticantes dos ofícios da benzeção e das rezas, ao mesmo tempo relatar como o Catolicismo Popular aparece na vida dessas pessoas, através da devoção e culto aos santos, além da participação em romarias e novenas, e da relação com o sagrado através da posse de imagens, oratórios e de objetos religiosos, como o terço, relíquias, livro de catecismo, etc. No tocante a estruturação metodológica, a pesquisa em foco fundamenta-se nos recursos oferecidos pela História Oral, principalmente com a adoção da técnica de entrevista, quando pretende-se entrevistar algumas pessoas que desenvolveram ou desenvolvem as práticas de

crenças e devoção no período destacado. Para além dos registros orais, outras fontes serão utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, a exemplo daquelas relacionadas a iconografia (imagens de santos, oratórios, fotografias de romarias, camisetas com imagens e outras), bem como as fontes escritas (livros de catecismo e liturgia, bilhetes de viagens a santuários, cartazes de festas religiosas, folhetos de cânticos e outros). Em relação a fundamentação teórica, a pesquisa será sustentada nos estudos historiográficos da História Social e Cultural, principalmente aqueles que sugeriram a partir da Escola dos Annales, que permitiram novos olhares para a construção da narrativa histórica. Acerca da temática crenças e devoções, a investigação histórica em tela, buscará dialogar com diversos autores e autoras, que pesquisam as referidas temáticas, dentre os/as quais destacam-se: Elen Cristina Dias de Moura, Alaize dos Santos Conceição, Denilson Lessa dos Santos, Elivaldo Souza de Jesus, Alberto M. Quintana, Cândido da Costa e Silva, e outros. Espera-se, com a mencionada pesquisa, alcançar resultados que possibilitem tornar visíveis as crenças e práticas religiosas das rezadeiras no aludido espaço geográfico, bem como no marco temporal explicitado e a importância social e cultural dessas práticas.

Palavras-chave: Rezadeiras. Devoção. Crenças. Catolicismo Popular

REZADEIRAS, RELIGIOSIDADE E PRÁTICAS DE CURA EM MUNIZ FERREIRA - BA

Roberta Cristina Santos Leite Rocha
robertarocha2@hotmail.com

As análises e reflexões desenvolvidas nesta comunicação, bem como a fundamentação da crítica das fontes, são parte integrante do estudo que venho desenvolvendo no âmbito de minha dissertação de mestrado, pesquisa essa que vem sendo desenvolvida desde a graduação em História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, no ano de 2018. O resultado inicial desse estudo foi a produção de um projeto de pesquisa que buscava analisar as práticas de curas presentes na reza realizadas por mulheres da cidade de Muniz Ferreira, no Recôncavo da Bahia, bem como a relação dessas rezadeiras com as igrejas protestantes locais. Nesse sentido, objetivamos analisar nessa comunicação as rezas e práticas de cura que acontecem por intermédio de mulheres denominadas rezadeiras de Muniz Ferreira-Ba, que encontram no uso de palavras, folhas e santos a cura de algumas enfermidades do corpo ou do espírito. A utilização de plantas e ervas medicinais nos rituais das rezadeiras vem como complemento importante nos vários tipos de rezas que tem o intuito específico de curar o mal. Cabe salientar que desde os primeiros tempos da colonização, a valorização da natureza brasileira esteve atrelada aos usos medicinais das ervas conhecidas pelos povos indígenas e africanos, das quais se valeram os jesuítas e os colonos. Para esse efeito utilizamos a metodologia da História Oral levando em consideração todos os cuidados que esse método requer, assim como devemos ter com qualquer outro método que utilize

outros tipos de fontes. Refletiremos também sobre as heranças presentes nas rezas, que provém das culturas que se cruzaram e influenciaram na produção do que hoje entendemos por rezas curativas, que remetem às Portuguesas, Africanas e Indígenas, e percebemos elementos de todas essas presentes nas práticas atuais, ainda que tenham sofrido algumas alterações provenientes da interação entre as mesmas. Orações, benzeduras, invocação dos nomes santos, uso de plantas nas rezas é o resultado do hibridismo entre cultura popular e cultura erudita. Elas sintetizavam os saberes das culturas africana, indígena e europeia. É a forma como as rezadeiras se apropriam da sua religião e as utilizam em suas práticas fora do espaço da Igreja Católica, mas que não se opõe às suas crenças dentro do espaço oficial, sendo assim uma vertente do catolicismo popular. Nesse sentido, adotamos o conceito de Circularidade Cultural, de Carlo Ginzburg, segundo o qual os envolvidos no sistema religioso foram doadores bem como receptores de informações culturais (GINZBURG, 2002). Analisamos, também, a relação estabelecida entre as rezadeiras e os adeptos das religiões protestantes, bem como da religião católica.

Palavras-chave: Rezadeira. Religiosidade. Muniz Ferreira. Práticas de Cura.

IRMÃOS NA VIDA E NA MORTE: O BEM MORRER NOS COMPROMISSOS DAS IRMANDADES DE NEGROS DA BAHIA (SÉCULO XVIII)

Tânia Maria Pinto de Santana
tmpsant@ufrb.edu.br

A busca pela salvação da alma e pela abreviação do tempo de purgação delas no Purgatório, ocupou um importante lugar no contexto das sociedades católicas modernas. Esta preocupação estimulou a disseminação de um conjunto de práticas que visavam a preparação dos fiéis para o momento da morte - quando ocorreria o julgamento da sua alma -, através dos sacramentos, orações e ritos realizados pela Igreja. Dentre estas práticas que visavam o bem morrer do fiel, destacamos a administração ao enfermo dos últimos sacramentos pelo sacerdote designado para a função (penitência, eucaristia e extrema unção), a organização dos rituais fúnebres (amortalhamento, acompanhamento do féretro, ofícios fúnebres e sepultamento), bem como a celebração de sufrágios em favor das almas e a distribuição de esmolas. O objetivo desta comunicação é analisar o papel desempenhado pelas irmandades na difusão das práticas relativas ao bem morrer entre os negros nas sociedades do recôncavo baiano, no século XVIII. As irmandades foram instituições leigas de auxílio mútuo, que abrigaram diferentes sujeitos, organizando-se a partir de critérios de hierarquização social. Entre os seus deveres temos a devoção ao santo orago da irmandade, o cuidado com a salvação da alma dos seus membros e de familiares, através da realização de rituais fúnebres, de sufrágios em favor das almas e da prática da caridade. As irmandades se propagaram entre os negros cristianizados, funcionando em altares laterais das matrizes e capelas paroquiais e conventuais, bem como em igrejas próprias. As fontes desta pesquisa foram o

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

compromisso da Irmandade de São Benedito do Convento de São Francisco da Cidade da Bahia, datado de 1770, o compromisso da irmandade de Nosso Senhor dos Martírios dos Homens Pretos Jejes, que funcionou no Convento da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, datado de 1780 e o compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, da Freguesia de São José das Itaporocas, datado de 1786. O estudo destas fontes nos permitiu identificar os tipos de rituais de bem morrer mantidos por estas irmandades, bem como os critérios para que os membros tivessem acesso aos mesmos. Salientamos que a análise comparativa também nos permitiu identificar semelhanças e distinções na normatização das práticas de bem morrer destas irmandades, oriundas de contextos sociais e geográficos distintos – Salvador, recôncavo e sertão.

Palavras-chave: Irmandade Negras. Bahia colonial. Catolicismo.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 8: GÊNERO, RAÇA E HISTÓRIA: QUESTÕES INTERSECCIONAIS

COORDENAÇÃO:

**DAILZA ARAUJO LOPES
LUCIANA FALCÃO LESSA
WELLINGTON PEREIRA SANTOS**

**MULHERES ESCRAVIZADAS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS
DOS ANÚNCIOS DO JORNAL O PUBLICADOR NA PARAHYBA DO
NORTE (1864-1869)**

Aldenize da Silva Ladislau
denize.silva2015@hotmail.com

A pesquisa visa entender como as mulheres na condição de escravizadas durante o período marcado pela negação da liberdade aos que se encontravam sem o direito de perceberem-se como seres humanos, exerciam atividades relacionadas às funções sociais de cuidado e manutenção da condição de livre dos seus senhores. Amas de leite, cozinheiras, cuidadoras de crianças, realizando os serviços de limpeza da casa ou no trabalho da roça, a essas mulheres eram atribuídos papéis sociais recusados de serem vivenciados por seus donos ou donas. E isso acontecia por uma ideia de manutenção dos *status* sociais das famílias das elites no período da escravidão. Para esta análise, utilizou-se como fonte o jornal paraibano O Publicador, com suas edições entre os anos 1864-1869, momento em que este periódico teve circulação diária na província e as quais se encontram disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira, acessível na internet. Os periódicos destacavam as informações por seções, entre elas encontramos a seção denominada Anuncios. Como um dos meios de comunicação de massa, os jornais serviram-se de um noticiário variado e da divulgação de anúncios das diversas esferas da vida cotidiana, desde a venda de itens de consumo até a oferta da prestação de serviços eram publicações corriqueiras nos folhetins. Professores, médicos, advogados, dentistas e outros profissionais recorriam aos jornais para comunicar a população da disponibilidade de seus trabalhos. Percebemos também anúncios de pedidos por serviços de escravizados, sobretudo, escravizadas, onde descreviam as atividades que os seus compradores ou vendedores desejavam adquirir. A partir da seleção destes anúncios e do cruzamento de bibliografia da história das mulheres no Brasil, é possível conhecer e compreender quem são essas mulheres que experimentaram o trabalho na condição de escravizadas, através do conceito de experiência de E. Thompson. Assim, reconhece-se as suas identidades negadas e ocultadas por trás dos trabalhos por elas realizados.

Palavras-chave: Mulheres. Escravizadas. Imprensa. Parahyba do Norte. Século XIX.

**DISCUTINDO INTERSECCIONALIDADE: O CASO DA ASSOCIAÇÃO
PROFISSIONAL DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DA BAHIA**

Deyse Vieira Quinto
quintodeyse@gmail.com

Nesta comunicação, pretendo analisar como os pensamentos e práticas dos movimentos sociais de mulheres negras foram “traduzidos” para a linguagem

acadêmica. Parto da concepção de Patricia Hill Collins (2017) de que a academia traduz ideias e práticas dos movimentos sociais, os nomeando e legitimando. Trato especialmente da Associação Profissional de Trabalhadoras Domésticas da Bahia que, nas décadas de 1980 e de 1990, atuava a partir de noções interligadas de raça, classe, gênero e geração, mantendo constante diálogo com o Movimento Negro Unificado, com as feministas e com outros sindicatos. A partir de relatórios dos eventos realizados pelas associações das trabalhadoras domésticas do Brasil na década de 1980, discuto como essas mulheres questionavam e criticavam os entendimentos que se produziam sobre o trabalho doméstico na academia, na legislação e entre sindicatos de trabalhadores. Entendendo interseccionalidade como um conceito fundado por mulheres racializadas mobilizadas em movimentos sociais (COLLINS, 2017), discuto as articulações (ou a ausência delas) que as intelectuais brancas faziam entre as categorias de raça, gênero e classe para, assim, recuperar o pensamento da associação de mulheres negras domésticas baianas, que, apesar de excluídas do espaço acadêmico, tinham suas práticas interseccionais traduzidas, nomeadas e legitimadas ali. Mas não só, já que quando suas ideias eram marginalizadas, as domésticas baianas questionavam as concepções alheias. Resgato três pesquisas de diferentes autoras: o livro *Emprego doméstico e capitalismo* (1979) de Heleieth Saffioti e os artigos *Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos* (1992) e *Emprego doméstico no capitalismo – o caso de Salvador* (1981) de Mary Garcia Catro e Alda Britto da Motta, respectivamente. Por se tratar de uma pesquisa que está em curso, pretendo aqui sugerir algumas reflexões iniciais sobre o tema. Tendo em vista que “nossos passos vêm de longe” (WERNECK, 2010), a intenção aqui é somar às investigações que os recuperam para dar indícios de que o amplo uso do conceito e da prática interseccional que são observados no Brasil hoje não são simples influências da pauta internacional.

Palavras-chave: Trabalhadoras domésticas. Associativismo. Feminismo negro. Interseccionalidade.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SALVADOR: A ATUAÇÃO DAS ESTUDANTES DO COLÉGIO CENTRAL DA BAHIA NA RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR

Regina Mel Cintra Carvalho Garcez
reginamelccg@gmail.com

Este trabalho esboça o período mais sombrio da História do Brasil, antepondo as estudantes das escolas públicas da cidade de Salvador no processo de resistência à repressão. Abordando, como epicentro da luta estudantil contra a ditadura civil militar, o Colégio Central, entre os anos de 1964 a 1985, contextualizando os primeiros reflexos do golpe, até os desdobramentos sociais e os aparatos repressivos que alcançaram a capital da Bahia. O objetivo principal é entender como funcionaram as relações de gênero dentro do universo secundarista, sobretudo do Colégio Central, durante as duras imposições do regime militar. Observar essa

abordagem através dos periódicos e das vozes das mulheres que sobreviveram e vivenciaram o cotidiano dos anos de chumbo.

Palavras-chave: Ditadura. Mulheres militantes. Estudantes. Colégio Central.

AQUILOMBAMENTO, ESCRIVÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCRITA DA HISTÓRIA DE MULHERES QUILOMBOLAS NA BAHIA

Silvana Santos Bispo
silvana.bispo@ufba.br

A presente proposta de trabalho tem como objetivo expor algumas reflexões teórico-metodológicas que fazem parte de minha pesquisa de doutoramento que tem como título provisório: Feminismo Negro Quilombola na Bahia: ativismos, territorialidades e política de posicionamento. A finalidade é analisar como as mulheres quilombolas, a partir da sua organização política, acionam, alimentam e retroalimentam a teoria e prática feminista negra. É possível pensar essas mulheres dentro do corpo-território feminista negro? Quais as estratégias usadas para se formarem enquanto representações em suas comunidades? Para tal, lanço mão de perspectivas discursivas do aquilombamento, das escrituras e da interseccionalidade como referenciais importantes para realização de minha pesquisa. A teoria feminista negra como um conhecimento filosófico-epistemológico, interseccionado à perspectiva da afrocentricidade e dos estudos acerca as relações étnicorraciais são dimensões importantes para construção do trabalho doutoral. Estes métodos de investigação foram possíveis graças às bases epistemológicas desenvolvidas por teóricas/os negras/os das mais diversas áreas. É importante salientar que as participantes da pesquisa são mulheres de quilombos urbanos e rurais e que têm nas vivências contra o racismo e sexismo um campo de luta histórico e de ativismo político. A crítica à ideia de suposta unidade entre as mulheres, como se todas experimentassem o mesmo processo de subordinação e invisibilidade, é foco de contestação por parte da teoria feminista negra, bem como a negação de um saber cientificista de tradição universalizante branco e masculina. Neste ínterim, desestabilizar tais construções de subordinações é também parte da teoria feminista negra que reconfigura uma autoconsciência e constroi seu empoderamento dentro do espectro da coletividade negra. Outro aspecto de delimitação do universo da pesquisa é que a maior parte das depoentes são lideranças em suas comunidades. A fim de analisar como as mulheres quilombolas se constituem enquanto lideranças, vozes ativas e comprometidas com a mudança social, recorro ao uso dos dimensionamentos teórico-metodológicos acima citados no intuito de apreender as memórias, identidades e trajetórias políticas de mulheres quilombolas em território baiano.

Palavras-chave: Mulheres Quilombolas. Interseccionalidade. Aquilombamento. Escrituras.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 9:
HISTÓRIA DA ÁFRICA
CONTEMPORÂNEA E DO TEMPO
PRESENTE: PROJETOS DE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

COORDENAÇÃO:

**DANILO FERREIRA DA FONSECA
IVALDO MARCIANO DE FRANÇA LIMA
RODRIGO CASTRO REZENDE**

OS INDESEJÁVEIS DO PASSEIO: SEGREGAÇÃO ESPACIAL EM LOURENÇO MARQUES (1938-1953)

Cristiane Soares de Santana
crssantana@uneb.br

A tentativa de manter o meio urbano desafricanizado se manifestou por meio de leis, regulamentos e códigos que criminalizavam a presença da população negra nos centros de Lourenço Marques. Segundo Fanon (1968), o mundo colonial era dividido em compartimentos, sendo a zona habitada pelos colonos não complementar à zona dos colonizados, sendo o limite dessa fronteira marcada pela presença da polícia. Serão justamente os registros de polícia e justiça produzidos entre 1938 e 1953, encontrados no Fundo da Direcção dos Serviços dos Negócios Indígenas, que estão embasando essa pesquisa em andamento. Através da análise dessas fontes, será possível conhecer o perfil desses corpos negros criminalizados por estender a mão à caridade ou até por estarem sem documento, os quais, mesmo com toda regulamentação jurídica existente, insistiam em ocupar aquele espaço que era visto por muitos como um lugar que não os cabia.

Palavras-chave: Moçambique. Segregação Urbana. Processos Crimes.

CENTROS DE MEMÓRIA E ENSINO: A FRENTE PATRIÓTICA RUANDESA E A DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO GENOCÍDIO DE RUANDA

Danilo Ferreira da Fonseca
daniloffonseca@gmail.com

Em julho de 1994, a Frente Patriótica Ruandesa conquistou boa parte do território ruandês, prendendo ou expulsando muitos perpetradores do genocídio e apoiadores do antigo regime do Presidente General Juvenal Habyarimana. O grupo opositor, constituído majoritariamente por exilados políticos e seus familiares (e/ou descendentes) de diferentes momentos do pós independência de Ruanda, deu fim a um dos maiores genocídios do século XX, em que grupos apoiadores do governo da Segunda República Ruandesa, constituídos majoritariamente por ruandeses ligados a partidos governistas, suas violentas milícias e o Exército ruandês que se identificavam como Hutus assassinaram centenas de milhares de ruandeses que eram entendidos e se identificavam como tutsis, assim como milhares de hutus que faziam parte da oposição política, ou que eram contrários ao genocídio. O ciclo de violência em Ruanda não se encerra com o fim do genocídio. Milhares de ruandeses hutus fogem do país com medo de represálias, mesmo que a maioria deles fossem inocentes, e se refugiam em campos de refugiados do Congo, local que ocorre o contra-genocídio, com o extermínio de milhares de ruandeses, muitos dos quais crianças e mulheres. No entanto, ao contrário do genocídio de 1994, esta história é pouco contada e ainda não julgada pelas cortes internacionais, assim como

as diversas violências cometidas pelo novo regime ruandês, controlado pelo General Paul Kagame, líder da Frente Patriótica Ruandesa, e a principal figura política ruandesa desde o fim do genocídio, comandando as tropas ruandesas na invasão da República Democrática do Congo nas duas Guerras do Congo. No poder como presidente desde 2001, Kagame comanda Ruanda de forma dura e autoritária, não dando margem para a oposição, para a imprensa livre, para eleições e, na mesma medida, para a História. O modo de se narrar e ensinar a história ruandesa se tornou monolítica e diretamente alinhada com os interesses de um regime autoritário que já se perdura por mais de 20 anos no poder. A presente comunicação visa discutir como ocorre o ensino e a difusão da história ruandesa após o genocídio de 1994, tendo como principal foco os Centros Memoriais do Genocídio de Ruanda que possuem uma participação ativa na construção de uma visão e consciência histórica em Ruanda. Tais centros divulgam informações não só do genocídio de Ruanda, mas também de outras temporalidades ruandesas que acabam por balizar a própria visão do governo acerca dos eventos de 1994. Para conseguirmos compreender este problema, analisamos o material divulgado em sites de 10 memoriais e do Arquivo do genocídio de Ruanda, que é um dos responsáveis por articular o funcionamento de tais instituições.

Palavras-chave: Ruanda. Frente Patriótica Ruandesa. Ensino de História.

A RENASCENÇA INTELLECTUAL AFRICANA DOS FILHOS DO PAÍS: RACISMO, NAÇÃO E CRÍTICA ANTICOLONIAL (1880-1890)

Eduardo Antonio Estevam Santos
eduardoestevame@unilab.edu.br

Este trabalho interpreta, do ponto de vista crítico da política colonial e da ideia de raça, a dimensão histórica das práticas políticas dos filhos do país, por meio das suas atuações na imprensa periódica. Acreditamos que o fator racial com base nos critérios biológicos e/ou civilizacionais foi decisivo na estrutura da sociedade colonial. Dessa forma, pretendemos demonstrar como esse fator condicionou as ideias protonacionalistas, de forma que as reivindicações por uma maior autonomia para a colônia fossem catalisadas, em grande medida, pelos conflitos de ordem racial, ainda que apresentassem posições ambivalentes. Pretendemos enfatizar o caráter racial dos protestos dos filhos do país, procurando desconstruir a tese de que esse movimento foi um “mero” ressentimento social e econômico.

Palavras-chave: Imprensa. Política Colonial. Crítica anticolonial. Raça.

O REINO DO CONGO VIVE? ALGUMAS QUESTÕES SOBRE MEMÓRIAS E DISCURSOS

Maxsuel de Jesus Ribeiro
maxsuelthebest@gmail.com

Este trabalho objetiva discutir celebrações e rituais que reivindicam memórias da vivência do sagrado inscritas em espaços-tempo do Congo, ressignificadas em contextos diversos, e que em certa medida aludem ao período da escravidão no Brasil. Há no Brasil práticas e costumes culturais que reivindicam liames com o Reino do Congo, seja sob a forma de representações, seja sob discursos de uma dada ancestralidade. O congado, as diversas alusões para as coroações dos reis do Congo, como também o candomblé de Angola/Congo, constituem parte deste contexto. A questão da pesquisa para este trabalho, nesse sentido, foi a de compreender os modos e as formas como as heranças advindas do Reino do Congo, sob diferentes contextos, foram ressignificados e reinterpretados no Brasil. A metodologia adotada apoiou-se na análise de documentos, entrevistas de praticantes das religiões e manifestações culturais, bem como revisão bibliográfica. É ainda uma pesquisa em andamento, apesar dos seus resultados parciais.

Palavras-chave: Congo. Reino do Congo. Angola. Congados. Brasil. Representatividade. Representação.

MOÇAMBICANIDADE E CURRÍCULO LOCAL: QUESTÕES, CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS

Noliene Silva de Oliveira
noliene.s.o@gmail.com

Entendendo a História da(s) África(s) como de importância impar para os historiadores brasileiros e para a população em geral, a fim de ampliar as formas de pensar acerca das questões que liga África e Brasil, a exemplo do processo de colonização. Trago como objeto o caso da permanência do pensamento colonialista presente nas instituições de ensino e como estão representadas as comunidades tradicionais destes espaços, em específico abordarei como no currículo da Educação Básica do Brasil e de Moçambique estão representados a cultura dos povos locais tradicionais. Visto que as representações da África no Brasil perpassam por representações essencializadas do continente africano, das relações étnico-raciais que focam essencialmente nos negros “diaspóricos” brasileiros, baseadas no estereótipo das “Matrizes Africanas” e da “Mama África”. No Brasil, a obrigatoriedade advinda com a Lei no 10.639/2003 possibilitou a visibilidade do currículo extremamente universalizador, homogêneo e eurocêntrico, trazendo à tona a importância da Educação das Relações Étnico-Raciais com a Educação Quilombola, Educação do Campo e Educação Indígena e as formas contraditórias de atuação dos profissionais de educação em lidar na prática com elas. Neste sentido

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

que me proponho, ainda estando em fase bastante inicial de pesquisa, pautado em revisão bibliográfica, analisar: de que modo a ideia de pertencimento, identidade e os conhecimentos dos povos locais constam no currículo escolar institucional de Moçambique, mais especificamente no Currículo Local; entender os mecanismos de engendramento dessas construções históricas e sociais; e como estas retroalimentam as representações produzidas nos currículos escolares; sobretudo analisar se o Currículo Local põe por terra o conceito de Moçambicanidade ventilado no país. O desejo em pesquisar como o Currículo Local derruba a concepção de Moçambicanidade é fruto de pesquisa constituída durante o mestrado e dos diálogos constituídos pelo Grupo de Pesquisa África no Século XXI. Enquanto resultado da dissertação (Representações e Discursos de Quilombo, realidade pluriidentitária: a Escola Municipal da Comunidade de Praia Grande/Ilha de Maré) pude aferir que é possível assinalar que as “identidades” são constructos projetados nas escolas onde o uso das narrativas históricas são utilizadas para (re)posicionar os “mareseiros quilombolas” frente às posturas de (in)visibilidade constante, estando também tais discursos imbricados de representações ideológicas sociais militantes. Acredito que a apresentação dessa proposta de pesquisa no presente Simpósio Temática possua relevância para proporcionar trocas significativas e ampliação de perspectivas sobre esse trabalho.

Palavras-chave: Moçambicanidade. Currículo Local. Brasil. Moçambique. Educação.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 10:
HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E
LITERATURA DOS POVOS
INDÍGENAS: ENTRE PESQUISAS,
SABERES E AFETOS**

COORDENAÇÃO:

**RENATA FERREIRA DE OLIVEIRA
MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO
RAFAEL XUCURU KARIRI**

**A VIRADA AFETIVA NAS CARTAS INDÍGENAS:
CORRESPONDÊNCIAS DE APOIO AOS GUARANI KAIOWÁ**

Beatriz Rodrigues de Barros
biarbarros7@gmail.com

Essa comunicação se baseia nos estudos realizados pelo projeto As Cartas dos Povos Indígenas ao Brasil, com o objetivo de, através da leitura de cartas escritas por indígenas, apontar o olhar para o afeto presente nas palavras escritas, e observar a maneira como esse afeto, que se movimenta para além das cartas, se manifesta na escrita dos povos originários. Há muito os povos originários contam suas próprias versões do desenrolar da história do Brasil. Seja por meio da oralidade ou da escrita, os indígenas lideram suas reivindicações por direitos e criam uma rede de correspondências. As cartas escritas por diferentes povos e assinadas coletivamente são uma mostra disso. Cartas-manifestos, cartas de apoio e cartas de repúdio vêm sendo trocadas entre os indígenas nos últimos trinta anos. As cartas de apoio, mais especificamente, por serem muitas vezes direcionadas a outros indígenas, são uma fonte do que podemos observar como várias manifestações do afeto, e são maneiras de entender a virada afetiva que podemos perceber nos estudos sobre a escrita epistolar. Para investigar essas afeições nas cartas, pretendemos observar a escrita epistolar registrada pelos indígenas de outros povos como cartas de apoio ao povo Guarani Kaiowá. Busca-se analisar a maneira como esses povos escreveram, a partir da autoria coletiva endereçada aos Guarani-Kaiowá e ao Brasil, um registro histórico de luta que fortalece a identidade, a autobiografia, a perpetuação da memória, e, englobando todos esses aspectos, a presença pulsante do afeto que pode ser lido em todas as linhas de cada carta de apoio.

Palavras-chave: Indígenas. Cartas. Afeto. Autoria Coletiva.

**DOCUMENTOS DA VIDA: POR UMA HISTÓRIA DAS NARRATIVAS
INDÍGENAS**

Carlos Rafael da Silva (Rafael Xucuru-Kariri)
rafaelxucurukariri@gmail.com

As chamadas cartas dos índios Camarões são os únicos escritos indígenas registrados em todo o período colonial. Das 06 correspondências presentes no Arquivo Nacional Holandês, no original em Tupi, apenas duas delas, traduzidas em 1906 por Teodoro Sampaio, encontram-se disponíveis na íntegra, em português, para o público. Diante do descaso da pesquisa por uma história indígena do Brasil e com as fontes narrativas e biográficas, criamos um arquivo digital das cartas indígenas ao Brasil, com foco nos últimos 20 anos. A partir deste material, pretendo apresentar as cartas escritas em torno da autoria indígena, da singularização do Brasil enquanto destinatário, dos assuntos e conceitos elaborados nas correspondências. A pesquisa documental permite traçar o caminho da trilha conceitual criada pelos povos indígenas para interpretar sua relação com o Brasil,

por meio das concepções de retomada, autodemarcação e Bem Viver. O trabalho também permite discutir a importância da pesquisa sobre fontes (auto)biográficas na história indígena.

Palavras-chave: Cartas. Povos indígenas. Retomada. Autodemarcação. Bem Viver.

TEKOHA

Cristina Araripe Fernandes
cafseg@yahoo.com.br

Nesta pesquisa, defendo a tese de que a devoração da palavra pela lógica da mercadoria pode ser descontinuada por percepções e práticas de envolvimento parental com a terra. Tendo em vista que o conceito de Tekoha diz respeito ao lugar-terra do ser aí (dasein) e do vir a ser (devenir) dos povos indígenas, dedico-me a cartografá-lo na obra *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015) como um gesto de aproximação aos seus significados e produção de materialidades para replacento da palavra desterrada. Para demarcar a relação íntima entre terra e palavra na obra em questão, trabalho a partir de experimentações imagético-analíticas em torno da ideia de uma terra sem males (Clastres, 1978) a fim de compreender as questões suscitadas pelas urgências do ponto de não retorno da floresta, de um mundo pandêmico e das mudanças climáticas naquilo que estes temas afetam as dimensões da palavra. Na perspectiva de uma Literatura fora de si, porque ativada pelo encontro com outras textualidades, e aqui mais especificamente com as artes visuais, faço uso da noção de inespecificidade estética (Garramuño, 2014) para ler de ouvido (Librandi, 2021) as palavras do xamã. Tratando o livro de Kopenawa como uma carta gravada em papel, faço o exercício de respondê-la com a voz, pois vejo no grão da voz (Barthes, 2004) a dicção de uma palavra sempre aberta para novos significantes e germinações, ou como dirá Maria Gabriela Llansol: “passei para o lado da natureza” (Llansol, 2000b, p. 117).

Palavras-chave: Yanomami do Brasil. A queda do céu. Tekoha. Carta.

O QUE SÃO CARTAS-IMAGENS? UMA LEITURA DA “CARTA AO VELHO MUNDO” DE JAIDER ESBELL

Érica Damasceno das Mercês
ericadasmerces@gmail.com

Nesta comunicação, pretendemos apresentar uma discussão sobre a noção de carta-imagem, através de uma leitura crítica da obra *Carta ao velho mundo*, produzida pelo ativista indígena Jaider Esbell. Analisando o que seria pensar uma carta, e seus outros usos na cena contemporânea, mais pelo gesto de quem ainda a produz do que pelo nome próprio de quem a envia ou a recebe, discutiremos como a obra

do Jaider rasga temporalidades e se situa no nosso presente, deslocando paisagens coloniais e instituindo outras composições do sensível. Para tanto, demonstraremos como Jaider inscreve sua arte na cena política dos nossos dias, criando complexas redes de correspondências entre indígenas e não-indígenas. Para fundamentar teoricamente nossa análise, leremos a ideia de reAntropofagia, apresentada por Denilson Baniwa, como pressuposto crítico do tipo de montagem criado por Jaider Esbell.

Palavras-chave: Carta-imagem. Indígena. Jaider Esbell. ReAntropofagia.

A LEI 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO RECÔNCAVO BAIANO: PROBLEMATIZANDO AS REPRESENTAÇÕES PRESENTES ENTRE EDUCADORES

Herllen Souza Paiva
herllen.spaiva@aluno.ufrb.edu.br

Este trabalho se propõe a apresentar uma pesquisa ainda em andamento (com o apoio PIBIC/FAPESB) que investiga as representações e abordagens que cercam a cultura indígena, para o ensino da história desses povos, nas escolas públicas da região do recôncavo da Bahia. Ela integra o projeto Os índios no recôncavo da Bahia: trajetórias e representações (séculos XVI-XXI), que busca analisar o impacto da Lei 11.645/2008 na educação básica da região. A partir de um questionário aplicado aos docentes da educação básica, questionamos o conhecimento dos mesmos sobre a lei, suas abordagens em sala de aula, questões ideológicas que cercam o romance Iracema e as perspectivas sobre a melhor forma de ensinar a história indígena. Assim, por meio desses questionamentos, buscamos analisar e problematizar a efetivação da Lei 11.645/2008 nas instituições escolares e se o romance utilizado como material didático e paradidático pode contribuir para a aplicação da lei, apontando a relevância dos povos indígenas, não só na formação da sociedade brasileira, como também nas lutas existentes na sociedade atual. A partir das respostas fornecidas pelos educadores podemos observar algumas dificuldades das instituições escolares em abordar pautas indígenas, como: o preconceito enraizado no que tange a temática, reduzindo as trajetórias desses povos ao momento do “descobrimento”, impossibilitando interpretações atuais. O tempo destinado nas ementas escolares também se torna um problema, pois dificulta discussões mais profundas sobre uma educação que valorize e reconheça a diversidade que existe na sociedade. Para que os alunos entendam e respeitem a relevância da presença indígena na sociedade brasileira, como assegurado na Lei 11.645/2008, sugerimos que no âmbito pedagógico se busque uma perspectiva contrária à História Nacional que nos é narrada perante as sociedades indígenas, questionando o imaginário do “índio” que está enraizado, incluindo essas pautas no ensino fundamental para que o discente logo nos anos iniciais perceba a existência de outros povos e culturas na formação do Brasil. Dessa forma, a pesquisa busca investigar as abordagens realizadas pelas instituições escolares, através do questionário, e assim atribuir o papel de agentes históricos e políticos que os foram

negados e negligenciados ao longo da história oficial, ressaltando o protagonismo dos povos indígenas que foram/são resultado de preconceitos étnicos e atitudes etnocêntricas, mas que resistiram a esse cenário, preservando a identidade e cultura dos seus povos.

Palavras-chave: Lei 11.645/2008. Povos indígenas. Representações. Educação Básica. Recôncavo.

RECÔNCAVO AFRO INDÍGENA: REFLEXÕES EM TORNO DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS PRIMEIROS MOCAMBOS

Jamille Macedo Oliveira Santos
jamilleoliveira19@gmail.com

Na presente comunicação, buscamos investigar o entrelaçamento das resistências indígena e negra no limiar do século XVI – com as fugas dos chamados escravos de Guiné para os domínios da Santidade – à primeira metade do século XVII, por meio da emergência dos primeiros mocambos. No século XVII, a região de Jaguaripe e todo o Recôncavo tornaram-se um lugar de constantes incursões por parte de índios que se levantaram contra os engenhos e fazendas de açúcar, motivados pelo ímpeto da Santidade. Desta maneira, na documentação administrativa, parece que a Santidade converteu-se em sinônimo de levantes, movidos por negros e índios, ou comunidades de escravos fugidos. O termo foi usado no período seiscentista para designar não apenas os movimentos indígenas, mas também os ajuntamentos de índios e africanos que lutavam contra os empreendimentos coloniais. É possível então que, aliada à resistência escrava, as Santidades reconfiguraram-se ao longo do século XVII no interior de mocambos.

Palavras-chave: Santidades. Mocambos, Indígenas. Negros de Guiné. Resistência.

LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEITO DE AUTORIA A PARTIR DE DAVI KOPENAWA

Kévia Daniele da Silva
keviads15@gmail.com

O presente trabalho busca refletir, a partir das produções literárias dos intelectuais indígenas, em específico, de Davi Kopenawa Yanomami, as marcas da oralidade e da escrita que atravessam as suas textualidades, as quais são perpassadas pela transdisciplinaridade. Deste modo, percebemos nas produções dos autores indígenas entre uma das suas características, a utilização simultânea de diversos gêneros, a saber: contos, mitos, autobiografias, poesias, visões e narrativas xamânicas, etc. Devido a essa diversidade de abordagem, exige-se uma releitura de noções canônicas ocidentais, como autoria, literatura, texto escrito, entre outros, por acreditar que elas são forjadas a partir de um enquadramento ocidentalcêntrico e

escriptrocêntrico. O conceito de autoria, por exemplo, tem suas raízes na emergência da noção de individualismo dentro do sistema capitalista. O mesmo não se verifica quando tomamos a noção de autoria a partir de uma perspectiva antropológica indígena (Yanomami, por exemplo). Para estes, a voz que emana de suas obras transcende a lógica individualista e reverbera uma multivocalidade autoral. Diante disso, esta pesquisa objetiva analisar aqueles conceitos a partir da produção literária de A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Para tanto, meu percurso metodológico baseia-se numa pesquisa bibliográfica, em particular, em uma revisão sistemática.

Palavras-chave: Autoria. Davi Kopenawa. Literatura indígena.

O REGULAMENTO DE CATEQUESE E CIVILIZAÇÃO INDÍGENA E SUA APLICAÇÃO NA REGIÃO DO RIO JEQUITINHONHA

Renata Ferreira de Oliveira
renataconquista@gmail.com

A proposta desta comunicação é discutir a aplicação do Regulamento de Catequese e Civilização indígena de 1845, na região do Jequitinhonha, compreendendo as províncias da Bahia e Minas Gerais. Interpretar a Legislação indigenista imperial é importante, uma vez que ela está associada à questão da terra e usufruto do trabalho indígena pelo Estado e por particulares que, em muitos casos, os submetiam a um regime análogo à escravidão. Ainda, os governos de ambas as províncias viam no projeto de civilização e catequese encabeçado pelo Decreto 426, uma saída para atrair aos aldeamentos os indígenas considerados bravios, com a finalidade de inseri-los no projeto civilizador, incorporando-os ao Estado enquanto trabalhadores pobres. Para isso, era necessário implementar o que dispunha o Art. 6º do Regulamento que dizia respeito à presença de missionários, tanto em aldeamentos já existentes, quanto para aqueles que se pretendiam reerguer. Todavia, a finalidade do Estado não era somente absorver os indígenas aldeados como mão de obra ou converter os aldeamentos em auto-sustentáveis, mas, também, ir transformando as terras indígenas em pequenas porções, descaracterizando os assentamentos ao passo que se cumpria o Decreto e a Lei de Terras. Por isso, a política indigenista de 1845 pode ser considerada a anti-sala do esbulho fundiário. Assim, o discurso de desaparecimento indígena ia criando substância, principalmente quando veiculado pela própria Diretoria Geral, que foi um órgão criado a partir do Decreto e era responsável pelos indígenas das províncias. Em contornos gerais, é possível afirmar que o projeto de catequese e civilização indígena no século XIX estava assentado nas concepções de civilidade, moralidade, miscigenação e negação da identidade étnica. Uma vez que, atingidos esses objetivos, os indígenas deixavam de serem considerados como tal e, por essa razão, o Decreto 426 ia perdendo o sentido, ao passo que atingia o seu objetivo.

Palavras-chave: Indígenas. Império. Jequitinhonha. Legislação I.

HISTÓRIAS QUE MINHA AVÓ NÃO ME CONTOU: A LITERATURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE HISTÓRIA

Vatuze Conceição Servilha
vcservilha@gmail.com

A temática do estudo que apresentamos relaciona-se à representação do indígena nos paradidáticos infantojuvenis, produzidos por escritores e escritoras indígenas, utilizados como recurso de aprendizagem nas aulas de história dos anos finais do ensino fundamental. A partir da lei 11.645/08, temos o primeiro esforço em termos educacionais de inclusão dos povos indígenas na escola como sujeitos históricos ativos. A lei de 10 de março de 2008, que modifica ou acrescenta à lei 10.639/03 a obrigatoriedade de ensino da História e cultura indígena e afro-brasileira, trouxe grande contribuição para a inserção da temática na sala de aula. Por meio dela é possível traçar alguns caminhos para o ensino de História da África e Indígena, “tais como a luta dos povos indígenas no Brasil, a cultura indígena brasileira e o índio na formação da sociedade nacional, valorizando suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”. É fundamental para o cumprimento da lei a construção de um ensino de História que tenha como ponto de partida as próprias narrativas dos povos indígenas e o seu protagonismo, e através das literaturas de autoria indígena é possível essa construção. Portanto, partindo da literatura indígena infantojuvenil, temos como objetivo geral desenvolver uma reflexão do papel destas obras na desconstrução de mitos e estereótipos acerca dos povos indígenas brasileiros e o exercício da interculturalidade no ambiente escolar. A metodologia utilizada pautar-se-á em pesquisa bibliográfica, por meio de um diálogo com os autores que já se debruçaram nessas obras, na análise de livros infantojuvenis escritos por indígenas e na construção de uma solução mediadora de aprendizagem para o alunado dos anos finais do ensino fundamental que possibilite o encontro dos estudantes com as sociodiversidades indígenas e o entendimento e valorização das diferenças.

Palavras-chave: Literatura. Povos indígenas. Educação antirracista. Âmbito escolar. Aulas de história.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 11:
HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA:
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO,
CLASSE E RAÇA EM PESQUISAS
COM FONTES CRIMINAIS**

COORDENAÇÃO:

**NANCY RITA SENTO SÉ DE ASSIS
STEFANIE ROCHA CARNEIRO PINHO
GILSON SOUZA DE JESUS**

**O VAQUEIRO QUE NÃO ERA MARCA DE GENTE: UMA HISTÓRIA
SOCIAL DAS MASCULINIDADES SERTANEJAS EM FEIRA DE
SANTANA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Alessandro Cerqueira Bastos
cerqueirasandro@hotmail.com

Esta comunicação discute como masculinidades de homens sertanejos, que são oriundos dos segmentos populares, foram construídas, num cenário de profundas transformações socioculturais e políticas vivenciadas ao longo do século XX sob a égide de uma versão de modernidade excludente, cuja ideologia associa-se, em muitos sentidos, a um processo de desafricanização, desruralização, etc das relações sociais. A historiografia que tem sido produzida sobre Feira de Santana tem demonstrado, por um lado, a força dos projetos modernizados sobre a cidade, do outro, uma certa permanência de referências rurais e sertanejas, especialmente, práticas socioculturais negras e populares na cidade. Nesta comunicação, porém, não pretendo enveredar por este longo debate, mas parto do suposto de que, como cidade interiorana do sertão baiano, Feira de Santana tem sua historicidade marcada pelas inúmeras contradições entre o urbano e o rural. E é neste cenário ambíguo que se desenrolará as histórias aqui narradas. Assim, serão desenvolvidos alguns argumentos a partir da análise de uma documentação judiciária, cujas reflexões venho desenvolvendo com maior profundidade em minha pesquisa de mestrado. Dentro das histórias registradas nos autos criminais, destacaram-se não só violências masculinas contra mulheres - companheiras, amásias e esposas-, mas também agressões de homens direcionados a outros homens. Ao tomar essas múltiplas masculinidades em conflito, julgo indispensável contemplar os diversos intercruzamentos, ou interseccionalidades, de raça, cor, região, ruralidade, classe, *status*, etc, de modo a revelar um colorido dinâmico e complexo que perpassam pelas tensas relações entre os sujeitos. Por fim, destaco que uma história social das masculinidades sertanejas ou populares, como também tenho conceituado, é capaz de, no meu entender, jogar luzes sobre outros capítulos da história do gênero. Rompendo, pois, com voluntarismos e vilanizações diversos quando o assunto são os homens e suas masculinidades.

Palavras-chave: Masculinidades. Relações de gênero. Violência.

**“DECAÍDAS”, “EMBRIGADAS” E “RAIVOSAS”: O CENÁRIO DA
PROSTITUIÇÃO SOTEROPOLITANA SOB A ÓTICA DA DELEGACIA
DE JOGOS E COSTUMES (1960- 1970)**

Amanda Silva
amandaunebiana2015@gmail.com

A escolha do tema “Decaídas”, “embriagadas” e “raivosas”: O cenário da prostituição soteropolitana sob a ótica da Delegacia de Jogos e Costumes (1960-

1970) surgiu enquanto aluna da graduação, diante da necessidade em pensar o sujeito histórico concreto, com novos questionamentos distantes de abordagens que privilegiassem somente os aspectos políticos e/ou econômicos. Nesse sentido, o trabalho problematiza as representações das meretrizes pobres, através dos elementos que ancoram essas construções e como tais mulheres, nas suas relações cotidianas, insurgiram-se e impuseram a sua presença na cidade. Optei por pesquisar as prostitutas pobres e suas dinâmicas no contexto do baixo meretrício, inicialmente a partir das ocorrências da Delegacia Especializada em Jogos e Costumes. Ao catalogar os registros, priorizei as anotações das incursões policiais que abordassem assuntos como: importunação da ordem e moralidade, prisões por conduta sexual desregrada, ações que acenassem resistências por parte das meretrizes, dentre outros. A partir dessa documentação, analisei os elementos que formavam a representação dessas mulheres enquanto “raivosas”, “embriagadas”, “débil mental”, classificando-as como “decaídas”, por conta do seu comportamento lascivo, mas, também, por sua postura rebelde, tornando-se sinônimo de desordem pública. Em, “Decaídas”, “embriagadas” e “raivosas”, recorro ao Relatório da Mulher Marginalizada e da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, pensando como instituições com vieses e interesses diferentes contribuíram para a construção das representações da prostituta enquanto mulher “decaída”, seja sob o argumento de desregramento sexual, por parte da concepção religiosa, seja por ocupar uma região da cidade que precisava ser “reativada”, fazendo acreditar na necessidade de higienização, tanto dos escombros, quanto dos corpos femininos, em sua grande maioria negros, que impunham sua presença no Centro Histórico. Nesse contexto, a reflexão acerca das (re) existências das prostitutas do baixo meretrício na cidade de Salvador conduziu a uma investigação, nas entrelinhas das fontes, as intenções por detrás das representações aviltantes daquelas que exerciam o trabalho no ramo da sexualidade. Reconheço que pensar esse sujeito histórico através da perspectiva de quem pretendia dominar, diante da ausência do lugar de fala, se tornou menos embaraçoso ao passo que aguicei os sentidos para ouvir o silêncio das documentações, além do compromisso em fazer uma abordagem humanizada dessas trajetórias.

Palavras-chave: Mulheres. Prostituição. Salvador.

O CRIME DE PELOTAS: A MORTE INFAME DE JOÃO SINHÁ (1897)

Carlos Gilberto Pereira Dias
cgpdias@hotmail.com

A proposta do seguinte trabalho é a de apresentar uma reflexão ainda embrionária sobre um crime ocorrido em Pelotas, no Rio Grande do Sul, quando o *fin-de-siècle* sinalizava o declínio econômico da “Princesa do Sul”. Através de uma longa narrativa estampada na capa de um dos jornais gaúchos de maior circulação na época, somos informados que a vítima – João Pedro dos Reis – era uma “aberração da natureza”, um “degenerado” que “fugia de suas funções masculinas”, a quem a população atribuiu a alcunha desonrosa de João Sinhá. Ao evocar “o crime de

Pelotas”, o argumento narrativo do autor reforça a cada parágrafo que alguém com um caminho “desviante” dificilmente poderia ter um desfecho diferente do que tragicamente teve João Pedro dos Reis. A vulnerabilidade de homossexuais assumidos nesse cenário é estarrecedora, especialmente num contexto em que especialistas difundiam teorias científicas sobre a anormalidade ou a “monstruosidade moral” que os homossexuais representavam para a sociedade. Suscetível às perseguições e aos insultos verbais e/ou físicos, a vida frágil de João Pedro dos Reis se desenvolve num contexto pouquíssimo amistoso. Para além disso, o desafio em tentar reconstruir a morte infame de João Sinhá nos remete não apenas às reverberações do emaranhado que envolve o desfecho trágico de sua vida, tendo sido “o crime de Pelotas” muito repercutido na imprensa gaúcha ao longo do ano de 1897, mas, principalmente, nos instiga a entender como tal caso exemplifica de maneira dramática a violência contra homossexuais. É importante lembrar que o termo homossexual surge nesse contexto, ou seja, em meados do século XIX, portanto, nesse sentido é interessante fazer uma breve reflexão a respeito de como a noção de homossexualidade reverbera socialmente desde então, buscando, assim, entender como esse comportamento foi colocado à margem de uma sociedade efetivamente heteronormativa. A trajetória de João Sinhá insere-se num contexto em que são raríssimas as fontes a respeito dos homossexuais masculinos. Além disso, a maioria desses vestígios não foi produzida por eles próprios. As pistas encontradas na imprensa da época, no processo-crime, no testamento e no inventário de João Sinhá produzidos no contexto de sua morte, nos ajudam a compor um retrato muito revelador de sua vida e da sociedade que o cercava, sugerindo o lugar semiclandestino que, via de regra, homossexuais como ele ocupavam naquela época.

Palavras-chave: Processo-crime. Testamento. Inventário. Microbiografia. Imprensa.

“VAES MORRER!” UM ESTUDO DE CASO DE CRIME PASSIONAL EM RAMOS (DÉCADA DE 1930)

Carolina Valente dos Santos Blanco
carolvalenteb@gmail.com

A presente pesquisa tem como objetivo analisar, à luz de um caso específico, o contexto sócio-histórico acerca dos crimes passionais cometidos na cidade do Rio de Janeiro na década de 1930. Compreende-se, aqui, crimes passionais como crimes contra a vida e/ou tentativas de homicídio motivados por razões entendidas culturalmente como pertencentes à esfera conjugal/amorosa. Trata-se, então, de investigar um caso de crime passionais cometido em 1933, que, em meio ao processo penal, foi requisitado para a perícia por solicitação do juiz, o presidente do Tribunal do Júri. A perícia era solicitada sempre que havia dúvidas quanto ao estado mental do réu/ré, pois o Código Penal do contexto em tela garantia a inimputabilidade aos portadores de doenças mentais. O 4º parágrafo do artigo 27 do Código Penal de

1890, em vigor até 1940, foi um dispositivo amplamente utilizado por advogados de defesa na tentativa de absolver criminosos passionais, sob o rótulo da “perturbação dos sentidos e da inteligência” na circunstância do ato criminal. Objeto de intensas discussões, tal jurisdição revelava disputas profissionais em torno das questões criminais, diferentes interpretações teóricas sobre a caracterização, conceituação e responsabilidade atribuídos ao fenômeno do crime passional, além de atravessar de diferentes formas experiências de vida na conformação de seus encaminhamentos penais. A pesquisa está ancorada teoricamente nos fundamentos de Michel Foucault e seus conceitos de práticas discursivas, dispositivo de poder e saber/poder/verdade (1995; 2008; 2015); da micro-história (REVEL, 1998); dos estudos de gênero (SCOTT, 2019; BANDEIRA, 2019; RAGO, 2019) e do conceito da interseccionalidade (BIROLI; MIGUEL, 2015; CRENSHAW, 2002; COLLINS, 2019). Para contar essa história, mobilizou-se o laudo e parecer psiquiátrico do réu J. (branco, 56 anos, casado, funcionário público, natural de Pernambuco) e uma gama de fontes teóricas publicadas nas três primeiras décadas do século XX, por magistrados e psiquiatras imersos no estilo de pensamento criminológico em torno desse tipo de delito. Além disso, como não foi possível ter acesso ao processo-crime do caso em questão, utilizou-se a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional a fim de buscar informações sobre o julgamento no Tribunal do Júri.

Palavras-chave: Crime passional. Criminologia. Psiquiatria. Violência de gênero.

ALAYDE, ERUDINA, IZABEL, NORBERTA E OUTRAS: OS CRIMES SEXUAIS E A INVISIBILIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA MASCULINA

Larissa Cheyenne Nepomuceno de Jesus
lainepomuceno@gmail.com

Processos criminais são documentos que, apesar de terem sido produzidos a partir da mediação de profissionais da área jurídica, possibilitam aos historiadores e historiadoras refletirem sobre variados temas, como também permite que resgatemos, como destaca Vera Lúcia Puga (2006), novos sujeitos e sujeitas históricos que, durante muito tempo, foram relegados ao ostracismo. Desta forma, por meio da análise dos autos, temos condições de estudarmos tanto os discursos quanto as práticas/comportamentos de homens e mulheres pertencentes aos segmentos populares. Ao nos debruçarmos sobre essa fonte, em especial sobre os processos de homicídio, lesão corporal, como também de crimes sexuais produzidos nas primeiras décadas do século XX no município de Catu (BA), o tema da violência contra as mulheres emerge em suas folhas. Nesse ponto, é importante destacar que esse tipo de violência é um problema social que possui contornos históricos e culturais que, ainda hoje, condicionam a naturalização desse tipo de prática que está ligada a desigualdades de gênero, como também de raça e classe. Como destaca a pesquisadora Stefanie R. C. Pinho (2021), a consciência da necessidade em intervir nos casos de agressão contra mulheres é uma preocupação recente, fruto, principalmente, do trabalho dos movimentos feministas a partir das

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

décadas de 1970 e 1980. Assim, o presente trabalho é uma amostra que pertence a uma pesquisa maior que está sendo realizada no mestrado em História Regional e Local, em Santo Antônio de Jesus, preocupada em analisar, a partir de uma perspectiva interseccional, as diversas situações de violência vivenciadas por mulheres pobres, majoritariamente, negras que viveram no município de Sant'anna de Catú - Ba no período da primeira república. No período estudado, os crimes sexuais recebiam uma atenção especial da justiça, pois eram crimes que, segundo os segmentos dominantes, colocavam em risco a constituição saudável da instituição mais importante daquele momento histórico: a família. Essa preocupação em defender a honra (virgindade feminina), segundo a literatura sobre o tema, influenciou a forma como os autos, tanto na polícia, quanto na justiça, eram manejados. Nesse cenário, diversas situações de violência sexual foram negligenciadas por essas instituições e as mulheres “ofendidas”, ao longo dos autos, tiveram suas falas e seus comportamentos questionados, postos em dúvida. A partir dessa perspectiva me debrucei sobre alguns processos crimes que registraram a ocorrência dos chamados crimes sexuais em Catu e, a partir da análise dos discursos presentes nos mesmos, busquei observar qual o caminho percorrido pela justiça nesses casos? A violência foi investigada? Ou o que prevaleceu foi a preocupação com as convenções de gênero divulgadas no período?

Palavras-chave: Crimes sexuais. Catu. Gênero. Violência.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 12:
INFÂNCIAS E JUVENTUDES:
GÊNERO, SEXUALIDADES,
EDUCABILIDADES E RAÇA E
TRABALHO: ANTIGUIDADE,
OUTROS PERÍODOS E
TEMPORALIDADES
BRASILEIRAS**

COORDENAÇÃO:

**ANDRÉA DA ROCHA RODRIGUES PEREIRA BARBOSA
BRIAN GORDON LUTALO KIBUUKA
IONE CELESTE JESUS DE SOUSA**

A MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO BAIANO: PRÁTICAS E PRESCRIÇÕES NA REFORMA GÓES CALMON (1925)

Cristina Ferreira de Assis
cristinaferreiraassis@gmail.com

A presente proposta é parte de uma pesquisa em desenvolvimento que busca evidenciar os aspectos civilizacionais na produção e circulação de livros didáticos no ensino primário da Bahia, durante a Reforma de Góes Calmon. Por sua vez, o recorte deste estudo visa enveredar pela história da educação baiana, objetivando compreender as estratégias de Anísio Teixeira para modernizar a educação na perspectiva dos ideais do movimento da Escola Nova. Para isso, a discussão em tema concentra-se no contexto de recepção dessas obras selecionadas pela diretoria de ensino, liderada por Anísio Teixeira, no âmbito da década de 1920. Atentando-se para um cenário de difusão dos ideais da Escola nova, lançamos as seguintes indagações: quais foram as finalidades projetadas para o ensino primário mediante a proposição da reforma de Góes Calmon? Quais medidas foram traçadas pelo governo estadual para solucionar o problema do analfabetismo na Bahia e de que modo isso se assemelha ou se distancia de outros estados? Nos percursos da Nova História Cultural, a discussão promove um entrecruzamento entre os aspectos de modernização presentes no programa, tais como formas, códigos e práticas, e demais elementos que vinculam Anísio Teixeira ao movimento da Escola Nova, a partir do Relatório produzido em 1928 e do Programa de ensino de 1925. Ao nos debruçar sobre esses discursos e sobre sua produção, nos concentramos nas dissidências e desdobramentos das estratégias do educador para a cultura escolar pretendida, reconhecendo, entretanto, que a escola não se concebe a partir de uma transposição de saberes ou práticas e nem mesmo como resultado de um programa de ensino oficial. Encontramos nas práticas culturais de Anísio Teixeira as singularidades regionais que não se limitam ou se restringem a um modelo. Por isso, amparando-se em Chartier (1991, p.177) sugere-se articular as práticas prescritas no referido programa a um mundo social atravessado pela “diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados”. A partir das análises iniciais sobre os impressos, Anísio Teixeira empreendeu uma série de práticas, pautando-se especialmente em duas influências de pensamento: a primeira delas seriam os métodos americanos de Omer Buyse; e a segunda seria o movimento da Escola Nova. De suas viagens aos Estados Unidos, em 1927 e 1928, o diretor concentrou-se na criação de um modelo de ensino menos teórico e pautado em experiências na prática. Por sua vez, as influências da Escola Nova se refletiram na adoção de estratégias onde os alunos tivessem maior experiência com o contexto social em que viviam, assim como a universalização e obrigatoriedade do ensino. Assim, ambas as estratégias se configuraram nas práticas que através de seus discursos prescrevem, ordenam, representam e designam modos de ser e de agir.

Palavras-chave: Ensino primário. Práticas. Modernização. Anísio Teixeira.

**“DESAPARECEO HUM MULEQUE POR NOME...”: FUGAS
ESCRAVAS NA CAPITANIA DA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS
DO SÉCULO XIX**

Jessica Souza da Silva Santana
santsoujes@gmail.com

Resistir das mais diversas formas sempre esteve na ordem do dia para milhares de africanos e seus descendentes escravizados, nas diversas localidades do território brasileiro. Durante os mais de trezentos anos em que o regime escravista existiu no Brasil, foram incontáveis as oportunidades nas quais os cativos, individual ou coletivamente, tentaram superar o sistema de opressão ao qual estavam submetidos. Este artigo é uma tentativa de analisar os aspectos preliminares de um levantamento sobre as fugas noticiadas na seção de avisos do periódico *Idade D'ouro do Brazil*, entre os anos de 1811 e 1823, no qual foi possível identificar cerca de 120 fugas noticiadas, sendo mais da metade jovens e crianças, através de elementos que possam contribuir para os estudos dos aspectos fundamentais dessa que pode ter sido a mais corriqueira entre as demonstrações de resistência ao sistema escravocrata na colônia portuguesa, sobretudo em Salvador.

Palavras-chave: Escravidão. Infância. Século XIX.

**A FIGURA DAS BACANTES NA REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA
DE ATENAS NO SÉCULO V AEC**

Karolini Batzakas de Souza Matos
karolini.batzakas@gmail.com

A mulher ideal enfatizada nos textos escritos são representações possíveis do imaginário grego, mas não verdades absolutas. Assim, quando vamos às imagens e traçamos novos conceitos para estudar a antiguidade, percebemos que a normatização de gênero feminino é uma construção discursiva e, portanto, não podemos tratar as mulheres de Atenas, ou de qualquer período histórico, de maneira uniforme. Aqui vale pensar uma proposição assinalada por Schimitt Pantel (1994, p.24), na qual os documentos que temos contato para tratar das mulheres e de sua forma transgressora não foram produzidos pelas mesmas, portanto, a imagem das mulheres, traçada na antiguidade, é determinada pelo discurso masculino, o que, de certa forma, enviesa a formação da imagem feminina. Ao estudar outras possibilidades de feminino no mundo antigo, em destaque as bacantes, percebemos uma multiplicidade de mulheres. Se olharmos para a representação das bacantes, percebemos que o discurso no qual as mulheres são domésticas natas dá espaço para narrativa de loucas/selvagens que vão a lugares ermos gritar a Iaco. Nesse sentido, o presente trabalho tem a pretensão de pensar e problematizar algumas iconografias dionisiacas, dando ênfase às bacantes.

Palavras-chave: Bacantes. Mulheres. Dioniso. Atenas. Iconografia.

**SAMBA JUNINO NO BEIRU: TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL
NA HISTÓRIA DO CABULA**

Luciano Silva dos Santos
lucianots8@gmail.com

Este artigo investiga a construção do universo musical e histórico do Samba Junino no bairro do Beiru, considerando a importância dessa tradição cultural para a afirmação da memória e identidade étnica da comunidade do Cabula. No contexto histórico complexo e de profundas transformações sociais e econômicas ocasionadas pela expansão habitacional das décadas de 1980 e 1990 do século XX, essa manifestação cultural também significou luta pela sobrevivência e trabalho. A questão central investigada foi a performance artística e a riqueza rítmica e poética desse estilo musical no movimento mais amplo de resistências do samba urbano tradicional em Salvador e no Recôncavo, diante de contextos de invenções de tradições e disputas simbólicas pelos espaços festivos da cidade e pelos ritmos musicais que deveriam representar a cultura popular de Salvador. Através da análise das memórias coletadas através de registros das narrativas orais de antigos moradores do Beiru, foi possível dialogar com os sujeitos que construíram com muito talento e envolvimento uma História de luta por representação política, identidade étnica e fundamentalmente preservação de uma musicalidade ancestral e quilombola. Houve uma clara pretensão em deixar registrado e difundir os sentidos públicos contidos na poesia, no ritmo do samba duro, samba de caboclo oriundo dos terreiros de candomblé que fazem do Samba Junino do Cabula um patrimônio Imaterial da Bahia e um registro das expectativas e necessidades do cabuleiro em Sambar.

Palavras-chave: Samba Junino. Quilombo do Cabula. Expansão urbana.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 13:
NOS CAMINHOS DO TEMPO:
(AUTO) BIOGRAFIAS E
TRAJETÓRIAS ENTRE
POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

COORDENAÇÃO:

**ARY ALBUQUERQUE CAVALCANTI JUNIOR
GABRIEL JOSÉ BRANDÃO DE SOUZA
MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA**

DO ESQUECIMENTO AO PROTAGONISMO: AMÉLIA REGINALDO PELAS LENTES DE UMA HISTORIADORA

Aluizia do Nascimento Freire
aluizia.freire@hotmail.com

O protagonismo da participação feminina no movimento insurrecional de 1935, sobre o qual fazemos uma abordagem acerca do papel desempenhado por Amélia Reginaldo, líder militante da Insurreição Comunista de 1935, na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, o objetivo é dar ênfase à sua participação, a partir do olhar de uma historiadora, em que contextualiza o movimento de 1935, ocorrido durante o governo de Getúlio Vargas, sendo considerado como primeiro e único “governo popular revolucionário”, já estabelecido no Brasil. Ocorreram levantes semelhantes em mais duas capitais: Rio de Janeiro e Recife. Através de um estudo histórico descritivo, analítico e exploratório, em que utilizamos como instrumentos de análise documentos existentes no acervo público do Estado e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Portanto, a exposição e a análise dos acontecimentos são baseadas na bibliografia sobre o tema e nos relatórios, denúncias, julgamentos e apelações, além dos processos instaurados pelo Tribunal de Segurança Nacional, editoriais dos jornais oficiais A República e A Ordem, no período de 1935, constantes no acervo do IHGRN. Além dessas fontes, obtivemos informações de vários familiares de Amélia Reginaldo, através do seu acervo pessoal. Porém, não podemos esquecer que durante muito tempo as mulheres foram invisibilizadas, não eram vistas como sujeitos históricos, portanto excluídas inclusive de participar da vida política. A pouca importância dada às mulheres potiguares que participaram da Insurreição Comunista, representa o não reconhecimento da atitude feminina enquanto comportamento de luta. Assim, esperamos estar contribuindo no sentido de resgatar historicamente a personagem Amélia Reginaldo, colocando-a na posição de protagonista, vista como importante militante na luta por direitos.

Palavras-chave: Insurreição Comunista. Protagonismo. Mulheres. Movimento.

DO ENSINO SECUNDÁRIO À LUTA ARMADA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES BAIANAS NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
academicoary@gmail.com

Ainda que passados quase sessenta anos do golpe que originou um dos períodos mais tenebrosos da história recente brasileira, a ditadura militar, esta nunca esteve tão em evidência como nos últimos anos, devido aos últimos acontecimentos de nossa frágil democracia. No âmbito da historiografia, desde a redemocratização, os debates cresceram de forma considerável, perpassando diferentes temáticas e questões acerca do período e seus diferentes personagens. Contudo, ainda há uma

concentração dos estudos voltados para o eixo Rio-São Paulo, trazendo a falsa impressão de que em regiões como o Norte e o Nordeste não tiveram ações tão repressivas, como nos espaços destacados inicialmente. Nesse cenário, personagens como as mulheres, silenciadas durante muito tempo no que tange ao seu protagonismo histórico, passaram a conquistar estudos importantes, os quais passaram a destacar a presença feminina nos diferentes espaços de luta contra a ditadura militar. Dessa forma, o presente trabalho busca destacar a participação feminina e baiana no processo de resistência à ditadura militar, buscando contribuir não apenas com os debates sobre a temática, mas, também, no âmbito da historiografia baiana e da importância da Bahia. Tendo com isso, o intuito de compreender as heterogeneidades de atuação militante e repressiva nos anos ditatoriais do país e seus espaços de luta e engajamento político.

Palavras-chave: Ditadura. Mulheres. Resistência. Gênero. Bahia.

“UM POLÍTICO DA ANTIGA ESCOLA”: A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO CORONEL ANTÔNIO PESSOA DA COSTA E SILVA E AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NA REGIÃO CACAUEIRA

Gabriel José Brandão de Souza
brandao.gabriel@live.com

A partir de meados do século XIX e início do XX, a cidade de Ilhéus ganhou projeção na Bahia como um dos principais polos exportadores do Estado, por conta da expansão das plantações de cacau. Como consequência desse movimento econômico, a cidade vivenciou um intenso fluxo migratório, principalmente do Norte do país, e a formação de grupos enriquecidos que buscaram disputar a hegemonia do poder político local. Duas facções, de cunho personalista, ganharam projeção nesse processo e mantiveram uma relação extremamente violenta. Os Adamistas, liderados pelo coronel Domingos Adami de Sá e os Pessoaístas, comandados pelo coronel Antônio Pessoa da Costa e Silva, um advogado provisionado oriundo da cidade de Jeremoabo – BA. Objetivamos neste trabalho fazer uma reflexão, a partir do recorte da pesquisa elaborada e defendido em 2017 pelo Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, intitulada CONSTRUINDO E (DES)CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA LOCAL: A RELAÇÃO ENTRE OS CORONÉIS DO CACAU E A IMPRENSA ILHEENSE (1900-1915). Assim, buscaremos analisar a importância da trajetória do coronel Antônio Pessoa no processo de formação de uma cultura política na cidade de Ilhéus, tomando como ponto de partida a sua chegada na região e a construção de uma rede de relações que possibilitaram a expansão do seu capital político e social. Desta maneira, observaremos como o seu grupo construiu pontes junto a J. J. Seabra e as elites soteropolitanas que possibilitaram subverter uma hegemonia imposta por quase vinte anos seguidos pelos partidários do coronel Domingos Adami. Assim, refletiremos as mudanças políticas, sociais e estruturais na cidade de Ilhéus sob o comando do coronel Antônio Pessoa e as estratégias utilizadas pelo político para construir uma nova hegemonia legitimada pelas linhas editoriais do seu jornal. Por

fim, discutiremos a sua rápida projeção entre as oligarquias estaduais, e como este se adaptou às inúmeras mudanças no tabuleiro político baiano até o golpe de 1930, quando observa uma intervenção direta do governo na cidade de Ilhéus.

Palavras-chave: Coronel Antônio Pessoa. Relações de poder. Trajetória. Região cacauífera.

SOB O OLHAR DOS SEUS BIÓGRAFOS: AS REPRESENTAÇÕES DA TRAJETÓRIA FEMININA NAS BIOGRAFIAS DA PRINCESA ISABEL (1941-1989)

Laís Paiva da Ressureição
laispaivar@gmail.com

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança foi a segunda filha, a primeira menina, do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina, nasceu em 29 de julho de 1846, no Palácio de São Cristóvão, e seguindo a ordem regular de primogenitura contida na Constituição do Império do Brasil de 1824 se tornou herdeira do trono em agosto de 1850 após a morte de seu irmão D. Pedro Afonso. Concedido o título de Princesa imperial, Isabel esteve entre uma das nove mulheres do mundo no século XIX, e única na América, a frente de um cargo máximo de poder de um Estado nacional (BARMAN, 2005). Sendo Princesa Regente, deteve três vezes do Poder Moderador entre os anos de 1871 a 1888, enquanto seu pai estava em viagem à Europa ou doente. O objetivo desta pesquisa é empregar o gênero como categoria de análise histórica (SCOTT, 1999) e identificar as representações (CHARTIER, 1990) construídas sobre a Princesa Isabel através dos olhares de seus biógrafos (CALMON, 1941; VIEIRA, 1941; VIEIRA, 1989; LACOMBE, 1989) nas publicações entre os anos de 1941 a 1989, consistindo assim nas quatro primeiras biografias produzidas sobre a Princesa. Acreditamos que essas biografias pertencem a um campo memorialista, e que a forma de abordagem ou a ausência dela a respeito da questão em torno do gênero de D. Isabel represente a trajetória da construção de uma imagem do feminino que se perpetuou na historiografia ainda no século XX. A intenção é evidenciar os termos qualitativos e os predicados empregados por diferentes biógrafos, ainda que, homens, em tempos históricos distintos, mas que ainda tenham contribuído para um silenciamento historiográfico quanto a problemática de uma figura feminina como herdeira da Coroa Imperial e Princesa Regente na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Princesa Isabel. Gênero. Trajetória. Feminino. Biografias.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE FRANZ STANGL EM “NO MEIO DAS TREVAS” DA AUTORA GITTA SERENY, EM 1981

Nathara Marriel Mariano
marrielmariano.nathara@gmail.com

O projeto se propõe a analisar o livro biográfico “No meio das trevas - Da Eutanásia ao assassinato em massa: Um exame de consciência”, de Gitta Sereny, e compreender qual imagem de Franz Stangl, o biografado, está sendo criada neste livro, e por que é criada desta forma. O estudo se serve para pensar em, como um autor cria uma personagem quando escreve uma biografia. Reflete-se sobre como esse autor fez surgir essa personagem, que meios usou para isso, e em como esse resultado está diretamente ligado ao que o autor entende sobre o indivíduo que está biografando.

Palavras-chave: Biografia. Nazismo. Holocausto. Perpetradores.

“TERMINAR NOSSAS VELHAS COISAS”: ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE E. P. THOMPSON A PARTIR DE AGENDA PARA UNA HISTORIA RADICAL

Saulo Artur Cordeiro Leite Julião
saulo_historia@hotmail.com

Pouco antes de falecer, o célebre historiador e ativista político E. P. Thompson reuniu uma série de textos com sugestões teórico-metodológicas que propunham uma escrita radical da história. Todavia, em razão de seu falecimento em 1993, essas reflexões não chegaram a ser publicadas. Alguns anos depois, em 2000, o editor e historiador Josep Fontana viabilizou a publicação desses escritos por meio da coleção Historia y Teoría (editora Crítica), da qual fazia parte da direção. A partir de determinada perspectiva, tal volume, publicado sob o título de Agenda para una historia radical, configura tanto uma série de elaborações teóricas, como uma forma de escrita de si, afinal sua produção tem como base a construção de um legado historiográfico e político por parte de E. P. Thompson. O próprio autor encarava a obra como resultado de um exercício de esclarecimento de suas opiniões em torno da escrita de uma história engajada/progressista e como proposta política socialista construída a “partir de baixo”. Esse sentido de fechamento explica porque descreveu tal obra como voltada a “terminar nuestras viejas cosas”. No mais, Agenda para una historia radical faz parte ainda de uma trama de construção do memorial que visa organizar e divulgar certa concepção sobre a trajetória intelectual de E. P. Thompson, pois, de modo geral, a atuação de Josep Fontana em torno da publicação de obras do historiador inglês buscou promover uma nova percepção acerca da relação entre escrita historiográfica e intervenção política que estava fortemente fundamentada na figura do autor. Nesse sentido, Fontana, juntamente com outros historiadores, não ensejava um resgate da obra de E. P. Thompson restrito apenas à Espanha, mas que também compreendesse uma política ampla de

institucionalização dessa memória. Para Fontana e outros historiadores espanhóis envolvidos, como Xavier Domènech Sampere, construir nova interpretação de Thompson vincula-se à necessidade contemporânea de pensar novas estratégias narrativas para a escrita de uma história engajada no mundo social. Para tanto, cabe arrancar Thompson da perspectiva museológica na qual este foi encerrado, pois tal visão elenca o historiador inglês como o representante de uma forma de escrita da história interessante, porém ultrapassada. Em resumo, tais historiadores desejam fazer irromper no presente um Thompson “atualizado” nos termos de Walter Benjamin, de modo que a publicação de Agenda para uma historia radical pode ser apreendida como parte de um processo de atualização. Desse modo, a partir de Agenda para uma historia radical, enseja-se a seguinte pergunta: qual é a visão que Thompson desejou legar sobre sua atuação social como historiador e ativista? E qual é a perspectiva acerca da trajetória de E. P. Thompson que alguns de seus legatários, como Josep Fontana, desejam perpetuar?

Palavras-chave: E. P. Thompson. Escrita de si. Construção da memória.

A TESSITURA DO PASSADO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Silvano Fidelis de Lira
silvanohistoria@gmail.com

O trabalho no qual me debruço nessa apresentação é um recorte de minha dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB) em maio de 2015, em que analiso a importância de algumas narrativas orais de trabalhadores dos campos e motores de agave de Cubati/PB. Entendo que essas narrativas são construções, invenções de si e de um passado que não mais existe, mas que é, em grande medida, inventado pelas memórias, e impregnadas de sensibilidades, afetos e construções subjetivas.

Palavras-chave: Memórias. Sensibilidades. Invenção de si.

NO MEIO DE EXALTAÇÕES E DESPREZOS: AS HISTÓRIAS DO GÊNERO BIOGRÁFICO

Thaís França Guimarães
guimaraesthaisf@outlook.com
Marcela de Oliveira Santos Silva
marcela.oliveir@yahoo.com.br

A biografia, paulatinamente, torna-se terreno fértil entre os historiadores que encaram a responsabilidade de escrever a narrativa de uma vida. Em contraponto, almejar a biografia como objeto historiográfico, ainda é um campo de incertezas. Neste trabalho, ao compreender a biografia como escrita da história e como fonte

histórica, buscaremos delimitar as possibilidades teóricas e metodológicas de investigação dessa narrativa que, ao longo do tempo, sofreu diversas mudanças, sejam em relação ao seu estilo, ou a sua recepção junto aos biógrafos e leitores.

Palavras-chave: Biografia. Historiografia. Metodologia.

**COLÉGIO LUZIA SILVA: PRÁTICAS DISCIPLINARES,
NORMATIZAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NO
CONTEXTO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA-BA
(1950-1980)**

Wallace Sousa de Moura
wallace_sousa123@hotmail.com

Jaguaquara é um município localizado no Vale do Jiquiriçá, na Microrregião de Jequié, no Sudoeste do Estado da Bahia, e o processo histórico de sua fundação está diretamente ligado à chegada do português Guilherme Martins do Eirado e Silva, no Brasil. A partir de todo o potencial econômico existente na região e da expansão populacional, atrelada ao desenvolvimento de municípios próximos como os de Santo Antônio de Jesus, Jequié, Nazaré, Amargosa e Brejões, que Jaguaquara, através da Lei estadual no 1472 de 18 de maio de 1921, foi elevada da categoria de Vila a Município. Um outro elemento importante no processo de formação e expansão da cidade de Jaguaquara está na relação direta com a chegada de um grande contingente de imigrantes, principalmente a partir dos impactos trazidos pela Segunda Guerra Mundial, entre eles, italianos, portugueses e japoneses. Com o crescimento de Jaguaquara, houve um investimento na educação, tendo a influência religiosa uma intensa preponderância, sendo um fator de extrema relevância na formação moral e social das famílias jaguaquarenses. Essa educação estava sempre entrelaçada à religião numa relação de dependência e, dentro desse contexto, “as escolas se tornariam um centro de aplicação de moral e disciplina”. Em Jaguaquara havia quatro colégios voltados para a educação dos jovens de elite: o colégio católico masculino Pio XII, o colégio Batista misto Taylor Egídio, o colégio Carneiro Ribeiro e o colégio católico feminino Luzia Silva. Fica evidente que o quesito religioso foi um importante elemento impulsionador para a instalação dessas instituições de ensino no município. Com o intuito de problematizar questões referentes ao perfil da educação destinada ao sexo feminino, na década de 1950, havia uma demanda das elites e uma preocupação dos religiosos da cidade de Jaguaquara com a instalação de um colégio católico que pudesse garantir a educação das jovens do município, uma vez que não havia um ambiente que atendesse às moças das famílias abastadas. Nesse sentido, o Colégio Luzia Silva foi instalado para atender a vontade das famílias das moças ricas e católicas que desejavam para suas filhas noções de instrução e disciplina. Na instituição, elas aprenderiam, além do português e da matemática, cursos que as preparariam para assumir funções destinadas a torná-las boas esposas, mães e donas de casa. Dentro do contexto de instalação do colégio, tivemos a oportunidade de analisar a trajetória de uma personagem inserida nesse ambiente educacional: trata-se de Luísa Souza

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

Gonzaga, ex-freira franciscana que atuou como professora do colégio na década de 70 e desenvolveu um trabalho pautado na missão religiosa e educacional, atrelada à promoção humana.

Palavras-chave: Educação. Confessionalismo. Poder. Gênero. Trajetória.

VII Simpósio de História Regional e Local
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
09 a 12/11/2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14: RELIGIOSIDADES, TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL

COORDENAÇÃO:

**ERIVALDO SALES NUNES
LAIS VIENA DE SOUZA**

AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA (1892-1930)

Cristiane Nascimento de Souza Sacramento
cnshistoria-2008@hotmail.com

Nessa comunicação, iremos realizar uma breve análise sobre as atividades profissionais dos membros da Ordem Terceira do Carmo da cidade de Cachoeira, durante a primeira república, especialmente daqueles que ocuparam cargo na mesa administrativa, com o objetivo de traçar um perfil socioeconômico dos homens e mulheres que pertenceram a essa estimada instituição, que ainda hoje guarda marcas do seu passado luxuoso expresso em sua arquitetura patrimonial, localizada na cidade de Cachoeira, no recôncavo da Bahia. A Ordem Terceira do Carmo, se constitui como um movimento de leigos que buscam viver os ensinamentos de Cristo sob a proteção da Vigem Maria, intitulada nossa Senhora do Carmo, entre outras especificidades. Atualmente, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo constitui como um valioso patrimônio cultural, está situada em uma das cidades do recôncavo da Bahia que assumiu uma importância econômica ao longo dos anos, e possui um significativo acervo cultural do Brasil por contemplar Igrejas de diferentes tipologias. As fontes principais em que se baseia esse trabalho, se constituem em fontes manuscritas produzidas pela própria instituição. O regulamento interno, o livro de entrada de irmãos, referente aos anos de 1891-1914, e o livro de óbito dos irmãos 1894 – 1930. Por compreendermos que cada momento histórico traz consigo uma série de especificidades, que não devemos desprezá-las, quando analisamos uma instituição, como a Ordem Terceira do Carmo, a partir de suas especificidades. Daí, faz necessário conhecermos melhor esses sujeitos com o intuito de nos ajudar a conhecer um pouco mais a história da comunidade local e seu valioso acervo cultural que atraem sempre novos pesquisadores e visitantes brasileiros e estrangeiros.

Palavras-chave: Ordem Terceira do Carmo. Primeira república. Membros.

EXPERIÊNCIAS COM A FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE RELIGIOSIDADES E PATRIMÔNIO CULTURAL

Erivaldo Sales Nunes
erivalldosn@gmail.com
Lais Viena de Souza
laisvsouza@yahoo.com.br

Entre 2020 e 2021, o Instituto Federal da Bahia-IFBA, campus de Salvador, ofertou o curso de Formação Continuada intitulado Religiosidades e Patrimônio Material e Imaterial na Bahia, que teve como objetivo principal promover atividade extensionista para profissionais da área de Turismo. Ampara-se na missão extensionista da Rede Federal estabelecer uma conexão dialógica entre os saberes

acadêmicos, as atividades de ensino e o mundo do trabalho, além de contribuir para a cultura de paz na sociedade brasileira. No formato on-line e na modalidade à distância, contou-se com a colaboração de docentes e discentes do ensino médio para execução deste evento. Ao promover o referido curso para guias e agentes de turismo na cidade de Salvador em pleno contexto da crise sanitária mundial gerado pela Covid-19, buscou-se reflexões sobre a História da Bahia, cotejando abordagens do patrimônio religioso material e imaterial. Com isso, identificamos espaços de religiosidades, enquanto lugares de memória, história e representações culturais. Acrescenta-se ainda que as reflexões perpassam por políticas públicas. Enquanto patrimônios culturais, destacam-se espaços, imaginárias, peças de liturgias, eventos, celebrações, saberes e modos de fazer. Como se trata de curso ofertado na modalidade EAD-Ensino à Distância, utilizou-se ferramentas digitais disponibilizadas no AVA-Plataforma Google Classroom. As atividades desenvolvidas pelos cursistas foram baseadas num processo avaliativo, ancoradas na produção do conhecimento através da coautoria, de modo cooperativo e colaborativo. A difusão desse curso de formação continuada demonstra ainda mais sua importância na sociedade e na construção de práxis democráticas no campo da educação. As trocas de conhecimentos entre docentes, discentes do ensino médio e cursistas possibilitaram exercer atividades cidadãs em torno da diversidade, da valorização da História da Bahia e do fomento da cultura de paz. Com isso, essa experiência cursista evidencia a integração com o mundo e o estímulo às práticas de tolerância religiosa na Bahia, desde o século XVI ao XX, e não deixa de ser uma forma de integrar pesquisa, ensino e extensão. A presente comunicação busca evidenciar os resultados obtidos no curso de formação continuada, contribuindo para ampliar discussões teóricas/práticas envolvendo Patrimônio Cultural, Espaços de Religiosidades, Turismo e História.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. História. Turismo. Religiosidades. Formação Continuada.

PRESEVAR PRA QUÊ? A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Johnadson de Jesus Vitoria
johnadson.vitoria@gmail.com

O presente artigo visa compreender como a Educação Patrimonial pode se articular às aulas de História, na busca de aproximação dos estudantes das aulas de História através de um ensino mais local, pois existe um distanciamento da realidade destes estudantes com a disciplina. Com a metodologia da educação patrimonial no ensino de História, a partir das pinturas rupestres e das atividades com as mesmas, propomos uma articulação do conhecimento teórico com o prático na busca de um ensino de forma lúdica. O procedimento consiste em um levantamento bibliográfico e na realização de oficinas com educação patrimonial no Centro Educacional Manoel Teixeira Leite - Iraquara, onde permite que os estudantes pudessem, de forma empírica, aprender sobre patrimônio no ensino de História.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Ensino de História. Patrimônio Cultural.

O CANDOMBLÉ NO TERREIRO ILÊ AXÉ ALÁ OFUN: O LEGADO NA MEMÓRIA DE UM POVO NO BAIRRO CANSANÇÃO EM JEQUIÉ-BA

Paulo Roberto Nogueira Silva
pnogueirasilva@yahoo.com.br
Maria de Fátima Araújo Di Gregorio
f_digregorio@hotmail.com

O presente trabalho investiga, em uma perspectiva teórica e interpretativa, como o candomblé, religião de matriz africana e seu sistema religioso, teve sua origem no Brasil, cultuada pelos escravizados na época da colonização. Faz-se uma contextualização histórica sobre o candomblé e como ele é cultuado nos terreiros. Para tanto, objetivos específicos são: identificar se a presença das religiões africanas se deu a partir do tráfico dos escravizados trazidos para o Brasil, com o culto aos orixás e o uso das folhas nos rituais. Através de relatos dos membros do Terreiro Ilê Axé Alá Ofun (yalorixá, babalaxé e ogans) sobre a organização, a hierarquia, as atividades, descreve-se o terreiro através da pesquisa qualitativa, empírica, utilizando a metodologia da História Oral (HO), com a abordagem narrativa que põe em evidência o trabalho desenvolvido no terreiro de candomblé. Trata-se de uma pesquisa empírica e de abordagem narrativa, e mostra as perspectivas dos membros do terreiro em relação ao candomblé. Investiga a presença das religiões de matriz africana como resultante do tráfico dos negros escravizados, quando os mesmos, trazidos para o Brasil em diáspora via tráfico transatlântico, marcaram a presença no século XVI, além da presença de cultos aos orixás. Cultos esses que recorriam ao uso de folhas nos rituais realizados em terreiros e que estão nas memórias do povo brasileiro. Nessa investigação, os relatos dos membros do Terreiro Ilê Axé Alá Ofun abrem espaço para conhecer a sua organização, as atividades desenvolvidas, o culto aos orixás e o uso das folhas nos rituais. Recorremos à história dos negros escravizados quando estes chegaram ao Brasil oriundos da África, de variados reinos e grupos étnicos, trazendo suas crenças e rituais, e que, no decorrer do tempo, sofreram influência de outras culturas. Essa aculturação não foi passiva, mas sim de forma drástica, sendo convertidos ao catolicismo que era a religião oficial do Brasil Colônia. Então, o candomblé sendo criado no Brasil pelos negros escravizados, representa uma estratégia dos negros para transmissão do conhecimento, de saberes, uma expressão viva de luta que ocorre através da oralidade, da sonoridade e da evocação de entes espirituais. O candomblé vindo da união de diversos escravizados oriundos de várias regiões, acontece com base no processo de miscigenação e fundamenta na fé e respeito aos orixás. A pesquisa tem cunho social, qualitativa, recorrendo a abordagem narrativa que põe em evidência as falas de quem vivencia o candomblé.

Palavras-chave: Candomblé. Religião de matriz africana. Escravizados. Terreiro.

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

PROGRAMAÇÃO DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST 1

A HISTÓRIA REGIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ANTÔNIO CARLOS COQUEIRO PEREIRA	A FORMAÇÃO CONTINUADA: A QUALIDADE DO ENSINO PARA O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ANTONIO VILAS BOAS	ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	LEONARDO SOARES DOS SANTOS	HISTÓRIA REGIONAL E HISTÓRIAS DE VIDA: TRABALHANDO CONCEITOS JUNTO A TURMAS DA DISCIPLINA HISTÓRIA ORAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	DOUGLAS NOVAIS DA SILVA	A TRAJETÓRIA DE MARIA DA CRUZ: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	LUCAS BORGHI FELISBERTO AILTON PEREIRA MORILA	O ENCRUZO MATEENSE: A (TRANS)FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO ONDE HOJE É O BAIRRO LITORÂNEO EM SÃO MATEUS/ES	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	WILKER MARCOS FRANCESCHI	O DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS QUADRINIZADAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	ADRIANA DA SILVA OLIVEIRA	ENTRECRUZANDO SABERES: CONSTRUINDO DIÁLOGO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NAS COMUNIDADES EM CRUZ DAS ALMAS-BA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	GABRIEL COSTA DE SOUZA	HISTÓRIA LOCAL NO CONTEXTO LEGISLATIVO: UM MAPEAMENTO DAS NORMATIVAS EDUCACIONAIS DOS ESTADOS BRASILEIROS (1990-2019)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	GERALDO MAGELLA DE MENEZES NETO	A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELÉM E A POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL NO PERÍODO PÓS-DITADURA (DÉCADAS DE 1980 E 1990)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

10	VINICIUS MACHADO FERREIRA	THEODORO BRAGA E A CONSTRUÇÃO DO IDEAL REPUBLICANO EM BELÉM (1900-1910)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
ST 2 ARTE E RESISTÊNCIA EM TEMPOS SOMBRIOS: PESQUISA, ENSINO E HISTÓRIA PÚBLICA			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	GEORGE GENESIS ALVES GAMA	“O SHOW DO ENCONTRO”: CAETANO, CHICO, CENSURA E RESISTÊNCIA NA BAHIA.	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ISADORA NADINNE RIBEIRO DA PALMA	A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E AS RESISTÊNCIAS À DITADURA CIVIL-MILITAR DE 1964: ARTE, ESTÉTICA E COMPORTAMENTOS	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	LAYANE DE LIMA DO AMARAL GONÇALVES	“ELA ESTAVA CENSURADA, MAS FOI LIBERADA” UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DA MÚSICA REVOLUÇÃO POR MINUTO FRENTE À ABERTURA POLITICA NO BRASIL	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	PRISCILA GOMES CORREA	O MONSTRO E A BANCA: AS CANÇÕES COMO TESTEMUNHOS AUDITIVOS DE TEMPOS SOMBRIOS	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	ALEXANDRA GOMES DOS SANTOS MATOS	DIÁLOGOS SOCIAIS COMO MANEIRAS DE EFETIVAR O DIREITO AO LETRAMENTO VERNACULAR: OS (DES)CAMINHOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E JURÍDICOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA EM TEMPOS DÍSPARES	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	ARILMA DE SOUSA SOARES	DANÇA DA ABAYOMI: TECENDO ANCESTRALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	ARTUR NASCIMENTO DOS SANTOS TAINARA SILVA AZEVEDO JOAB DE OLIVEIRA JESUS	QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO: UMA OUTRA LINGUAGEM PARA ENSINAR HISTÓRIA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	ITALO NELLI BORGES	O CINEMA BRASILEIRO A CONTRAPELO DA HISTORIOGRAFIA: GLAUBER ROCHA VISTO PELOS CRÍTICOS ANTAGONISTAS	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	PAULA AMALIA ANIAS RODRIGUES	ÁLBUNS PATRIMONIAIS: UMA PROPOSTA PARA O FOMENTO LITERÁRIO E CULTURAL NO RECÔNCAVO	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
ST 3 ATLÂNTICO E DIÁSPORAS: DIÁLOGOS EM TORNO DE HISTÓRIAS, FONTES E NOVOS CONCEITOS			

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	BRUNA SANTOS LIMA FLÁVIO GONÇALVES DOS SANTOS	NO PORTO E PELO PORTO: OPÇÕES DE TRABALHO NA ZONA PORTUÁRIA DE ILHÉUS E SUAS ILUSTRAÇÕES NA LITERATURA BAIANA (1920-1945)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ÉRIKA LUANNA DA MOTA ALCÂNTARA	"AS TRADICIONAIS FESTAS SEBASTIANAS": A PROMOÇÃO DAS FESTAS EM PROL DE SÃO SEBASTIÃO PROMOVIDA PELOS ESTIVADORES DE ILHÉUS (1927-1942)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	JOSÉ RICARDO MORENO PINHO	UM PORTO-QUATRO TEMPOS - HISTÓRIA DO PORTO DA BAHIA E AS DINÂMICAS DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	JOSIVALDO PIRES DE OLIVEIRA	AS CORDAS SONORAS DA AFRO-AMÉRICA: TOCADORES DE ARCOS MUSICAIS NA FICÇÃO ANGOLANA E BRASILEIRA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	LAILA BRICHTA	CINEMA E CARTOONS NA AMÉRICA DO SUL: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA POLÍTICA NO SÉCULO XX	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	MARCELO LOYOLA DE ANDRADE	CACHAÇA E TRÁFICO ATLÂNTICO DE AFRICANOS PARA O BRASIL: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL	VIAGENS, VIAJANTES E O PORTO DE SALVADOR COLONIAL	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 4
DAS MARGENS: GÊNERO E AS INTERSECÇÕES COM RAÇA/ETNIA, CLASSE, SEXUALIDADE E TERRITORIALIDADE

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ANA CLAUDIA FÉLIX GUALBERTO	REBELDIAS E RUPTURAS: AS INSUBMISSAS MULHERES DE MARILENE FELINTO E MARIA VALÉRIA REZENDE	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	DANIELA LUMI NASCIMENTO WATANABE	"O QUE DIZER QUANDO ENCONTRÁ-LO PELA PRIMEIRA VEZ?": ANÁLISE DO FENÔMENO DOS "CASAMENTOS POR FOTOGRAFIA", A PARTIR DA OBRA "O BUDA NO SÓTÃO", DE JULIE OTSUKA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	POLYANA JÉSSICA DO CARMO DE SOUZA	ANÁLISE SOBRE O FEMINISMO TÁTICO DE MULHERES PASTORAS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	TÂNIA MARA PEREIRA VASCONCELOS	ENTRE A TRANSGRESSÃO E A ARMADILHA DO CASAMENTO: MOÇAS "MAL COMPORTADAS" E SUAS FUGAS COM HOMENS CASADOS NO SERTÃO DA BAHIA (1940-1950)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

5	VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS	ESCUTANDO MULHERES: POR UMA ESCUTA APRENDENTE NA PESQUISA HISTÓRICA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	ANA MARIA VEIGA	PODE A SERTANEJA FALAR? UMA PROVOCAÇÃO A PARTIR DE TERRITORIALIDADES NÃO CENTRAIS	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	ANA PAULA ESTRELA	PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA FEMININA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, EM SOUSA-PB (1960-1980)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	DANIEL DOS SANTOS	“EU SOU UM MACACO ORGULHOSO”: ZOOLOGIZAÇÃO DA VIDA E TAXIDERMIA DOS HOMENS NEGROS	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	FABIO DE JESUS RIBEIRO MARIA APARECIDA PRAZERES SANCHES	ENTRE RUAS, GUETOS, UNIVERSIDADE E ONGS: AS DIVERSAS SOCIABILIDADES QUE CONSTRUÍRAM O MOVIMENTO GLBT EM FEIRA DE SANTANA ENTRE OS ANOS DE 1999 A 2016	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
10	FLAVIANO BATISTA FERREIRA	DONA FINHA: MEMÓRIAS DE UMA ANTIGA DONA DE PENSÃO EM ITABAIANA- PB (1968-1988)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
11	JANAINA GUIMARÃES DA FONSECA E SILVA GABRIELA SOARES	NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA MATA NORTE PERNAMBUCANA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 5
ENTRE A ESCRAVIDÃO E O PÓS-ABOLIÇÃO: SUBALTERNIDADES, PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E LUTA POR CIDADANIA NEGRA

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	IARA GONÇALVES DOS ANJOS	ENTRE ILHAS, MARES E MONTES: TERRITÓRIO E IDENTIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GALEÃO-BA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	JOÃO FRANCISCO MOREIRA FILHO	COMUNIDADE QUILOMBOLA CANTO FAZENDA FRADE: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA (OEIRAS - PIAUÍ)	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	SANDRA CRISTINA QUEIROZ PINHEIRO	SABERES E FAZERES DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE LAGOA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980: REFLEXÕES INICIAS DA PESQUISA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	SANDRA DOS SANTOS	TRANÇADOS DA MEMÓRIA: TRABALHO, IDENTIDADE E CULTURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAMPO GRANDE (1925-2007)	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	LETÍCIA CAVALCANTE LIMA SILVA	TRADIÇÃO ORAL AFRO-BRASILEIRA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA ESCOLAR	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

6	LÁZARO DE SOUZA BARBOSA	REPRESENTAÇÕES E HISTÓRIAS SOBRE O ESCRAVO LUCAS DA FEIRA: “UMAS MAL CONTADAS” E “OUTRAS TECIDAS PELAS IMAGINAÇÕES APAVORADAS” NA FEIRA DE SANTANA (1885-1915)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	MAYARA PRISCILLA DE JESUS DOS SANTOS	MALUNGOS NO MUNDO NA MEDICINA: AS TRAJETÓRIAS DOS MÉDICOS NEGROS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1808-1888)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	PEDRO ALBERTO CRUZ DE SOUZA GOMES	“CHAMEM OS AGUADEIROS À POSTURA”: TENTATIVAS DE CONTROLE DOS AGUADEIROS NO PÓS-ABOLIÇÃO - FEIRA DE SANTANA (1900-1940)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	TALISON MENDES PICHELI	EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE LUTA PELA LIBERDADE DE TRABALHADORAS ESCRAVIZADAS EM PEQUENAS POSSES – UM ESTUDO DE CASOS (CAMPINAS, SÉCULO XIX)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
10	TAYSE JESSICA DA CRUZ BARROS	NOTAS DE PESQUISA SOBRE AS ALFORRIAS CARTORIAIS NO TEMPO DA LEI DO VENTRE LIVRE (1870-1872)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
11	DRIELE GONÇALVES SANTOS	“CRIADINHAS MAL ARRANJADAS”: CIVILIDADE, CORPO E RAÇA EM SALVADOR (1925-1926)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
12	EDINELIA MARIA OLIVEIRA SOUZA	“A RAÇA NEGRA ESTÁ REPRESENTADA”: ALINE FRANÇA E A LITERATURA AFROFUTURISTA	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:
13	GLEISSIA SALES SANTOS	ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A MULHER NEGRA BRASILEIRA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1920-1940) ATRAVÉS DA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
14	VIVIANE DOS SANTOS SILVA	NEGRAS MEMÓRIAS: TRABALHO E FAMÍLIA DAS CHARUTEIRAS NO RECÔNCAVO BAIANO ENTRE 1950-1990	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 6
ESTUDOS COLONIAIS: A BAHIA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ANDRÉ PAULO RIOS DE SOUZA BRITO	O “PECADO” DA SODOMIA: PERSEGUIÇÃO E CONDENAÇÃO ÀS PRÁTICAS SODOMÍTIAS ENTRE OS INDÍGENAS PELO OLHAR DA INQUISIÇÃO NA COLÔNIA PORTUGUESA – SÉC. XVII	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	DIMAS CATAI SANTOS JUNIOR	AS DENÚNCIAS DE FEITIÇARIA CONTRA AS PESSOAS DE COR EM MARIANA: UMA BREVE ANÁLISE DOS CADERNOS DO PROMOTOR DE MEADOS DO SÉCULO XVIII	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

3	IARA SILVA DE JESUS	AS MULHERES DITAS SODOMITAS PROCESSADAS NA PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO À BAHIA: GÊNERO E INTERSECÇÃO	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	ADRIANA DANTAS REIS	AS MULHERES NEGRAS NO ATLÂNTICO MODERNO: UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DECOLONIAL E INTERSECIONAL PARA A HISTÓRIA DO BRASIL	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	AUGUSTO FAGUNDES DA SILVA DOS SANTOS	É FIADO OU EM DINHEIRO DE CONTADO? O NÍVEL DE LIQUIDEZ MONETÁRIA NA BAHIA COLONIAL	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	CHARLES NASCIMENTO DE SÁ	GOVERNADORES E MINISTROS DA RELAÇÃO E OS PROBLEMAS NO GOVERNO DA CAPITANIA DA BAHIA (1753-1777)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	RAIZA CRISTINA CANUTA DA HORA	TRAJETÓRIAS DE AFRICANOS LIBERTOS NA BAHIA SETECENTISTA: CASAMENTOS, STATUS E CONDIÇÕES MATERIAIS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 7
EXPANSÃO PORTUGUESA NO PERÍODO MODERNO: RELIGIOSIDADES, CONFLITOS E INTERAÇÕES SOCIAIS

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	EMILY DE JESUS MACHADO	AS VÁRIAS ESPOSAS DOS “HOMENS DO MAR”: INQUISIÇÃO, BIGAMIA E RELAÇÕES FAMILIARES NO ATLÂNTICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	MÁRCIA GABRIELA DE AGUIAR BARRETO	O LIVRO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA E A ESCRITA CARTORIAL NA BAHIA NOS TEMPOS DA COLÔNIA E DA PROVÍNCIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	MARIA DO CARMO SOARES DA SILVA DOS SANTOS	A CURA PELA FÉ: PRÁTICAS DE CURA POR MEIOS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIXA GRANDE EM MURITIBA-BAHIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	MIRIAN FLORES DE JESUS DA SILVA	CRENÇAS E DEVOÇÕES NA ZONA RURAL DE MURITIBA-BA (1970-2000)	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	ROBERTA CRISTINA SANTOS LEITE ROCHA	REZADEIRAS, RELIGIOSIDADE E PRÁTICAS DE CURA EM MUNIZ FERREIRA-BA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	ANTONIO GOMES DA SILVA NETO	VIDA E MORTE EM PROCISSÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CULTO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	FABRICIO LYRIO SANTOS	ENTRE A MISSA E A JUREMA: RESISTÊNCIAS E ADAPTAÇÕES NOS ALDEAMENTOS JESUÍTICOS DA BAHIA ÀS VÉSPERAS DA EXPULSÃO (1758-1759)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

8	JOCIANE GOMES DOS SANTOS	A IGREJA DE TAFARÉU: PRÁTICAS DE CURA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO DOS CAMPOS - BA (1999 - 2018)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	JOSEANE PORTUGAL DOS SANTOS	A NEGAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX EM SÃO FELIPE, BAHIA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
10	TÂNIA MARIA PINTO DE SANTANA	IRMÃOS NA VIDA E NA MORTE: O BEM MORRER NOS COMPROMISSOS DAS IRMANDADES DE NEGROS DA BAHIA (SÉCULO XVIII)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 8
GÊNERO, RAÇA E HISTÓRIA: QUESTÕES INTERSECCIONAIS

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ALDENIZE DA SILVA LADISLAU	MULHERES ESCRAVIZADAS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS DOS ANÚNCIOS DO JORNAL O PUBLICADOR NA PARAHYBA DO NORTE (1864-1869)	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	DEYSE VIEIRA QUINTO	DISCUTINDO INTERSECCIONALIDADE: O CASO DA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DA BAHIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	REGINA MEL CINTRA CARVALHO GARCEZ	AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SALVADOR: A ATUAÇÃO DAS ESTUDANTES DO COLÉGIO CENTRAL DA BAHIA NA RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	SILVANA SANTOS BISPO	AQUILOMBAMENTO, ESCRIVÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCRITA DA HISTÓRIA DE MULHERES QUILOMBOLAS NA BAHIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00

ST 9
**HISTÓRIA DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA E DO TEMPO PRESENTE:
 PROJETOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	CRISTIANE SOARES DE SANTANA	OS INDESEJÁVEIS DO PASSEIO: SEGREGAÇÃO ESPACIAL EM LOURENÇO MARQUES (1938-1953)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	DANILO FERREIRA DA FONSECA	CENTROS DE MEMÓRIA E ENSINO: A FRENTE PATRIÓTICA RUANDESA E A DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO GENOCÍDIO DE RUANDA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

3	EDUARDO ANTONIO ESTEVAM SANTOS	A RENASCENÇA INTELLECTUAL AFRICANA DOS FILHOS DO PAÍS: RACISMO, NAÇÃO E CRÍTICA ANTICOLONIAL (1880-1890)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	MAXSUEL DE JESUS RIBEIRO	O REINO DO CONGO VIVE? ALGUMAS QUESTÕES SOBRE MEMÓRIAS E DISCURSOS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	NOLIENE SILVA DE OLIVEIRA	MOÇAMBICANIDADE E CURRÍCULO LOCAL: QUESTÕES, CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
ST 10 HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS: ENTRE PESQUISAS, SABERES E AFETOS			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	BEATRIZ RODRIGUES DE BARROS	A VIRADA AFETIVA NAS CARTAS INDÍGENAS: CORRESPONDÊNCIAS DE APOIO AOS GUARANI KAIOWÁ	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ÉRICA DAMASCENO DAS MERCÊS	O QUE SÃO CARTAS-IMAGENS? UMA LEITURA DA “CARTA AO VELHO MUNDO” DE JAIDER ESBELL	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	KÉVIA DANIELE DA SILVA	LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEITO DE AUTORIA A PARTIR DE DAVI KOPENAWA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	VATUZE CONCEIÇÃO SERVILHA	HISTÓRIAS QUE MINHA AVÓ NÃO ME CONTOU: A LITERATURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE HISTÓRIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	CARLOS RAFAEL DA SILVA (RAFAEL XUCURU-KARIRI)	DOCUMENTOS DA VIDA: POR UMA HISTÓRIA DAS NARRATIVAS INDÍGENAS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	CRISTINA ARARIPE FERNANDES	TEKOHA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	HERLLEN SOUZA PAIVA	A LEI 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO RECÔNCAVO BAIANO: PROBLEMATIZANDO AS REPRESENTAÇÕES PRESENTES ENTRE EDUCADORES	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	JAMILLE MACEDO OLIVEIRA SANTOS	RECÔNCAVO AFRO INDÍGENA: REFLEXÕES EM TORNO DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS PRIMEIROS MOCAMBOS	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	RENATA FERREIRA DE OLIVEIRA	O REGULAMENTO DE CATEQUESE E CIVILIZAÇÃO INDÍGENA E SUA APLICAÇÃO NA REGIÃO DO RIO JEQUITINHONHA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

ST 11			
HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA EM PESQUISAS COM FONTES CRIMINAIS			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ALESSANDRO CERQUEIRA BASTOS	O VAQUEIRO QUE NÃO ERA MARCA DE GENTE: UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS MASCULINIDADES SERTANEJAS EM FEIRA DE SANTANA ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	AMANDA SILVA	“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO SOTEROPOLITANO SOB ÓTICA DA DELEGACIA DE JOGOS E COSTUMES (1960-1970)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	CARLOS GILBERTO PEREIRA DIAS	O CRIME DE PELOTAS: A MORTE INFAME DE JOÃO SINHÁ (1897)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	CAROLINA VALENTE DOS SANTOS BLANCO	"VAES MORRER!" UM ESTUDO DE CASO DE CRIME PASSIONAL EM RAMOS (DÉCADA DE 1930)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	LARISSA CHEYENNE NEPOMUCENO DE JESUS	ALAYDE, ERUDINA, IZABEL, NORBERTA E OUTRAS: OS CRIMES SEXUAIS E A INVISIBILIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA MASCULINA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
ST 12			
INFÂNCIAS E JUVENTUDES: GÊNERO, SEXUALIDADES, EDUCABILIDADES E RAÇA E TRABALHO: ANTIGUIDADE, OUTROS PERÍODOS E TEMPORALIDADES BRASILEIRAS			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	CRISTINA FERREIRA DE ASSIS	A MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO BAIANO: PRÁTICAS E PRESCRIÇÕES NA REFORMA GÓES CALMON (1925)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	JESSICA SOUZA DA SILVA SANTANA	"DESAPARECEO HUM MULEQUE POR NOME...": FUGAS ESCRAVAS NA CAPITANIA DA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	KAROLINI BATZAKAS DE SOUZA MATOS	A FIGURA DAS BACANTES NA REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE ATENAS NO SÉCULO V AEC	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	LUCIANO SILVA DOS SANTOS	SAMBA JUNINO NO BEIRU TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL NA HISTÓRIA DO CABULA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

ST 13			
NOS CAMINHOS DO TEMPO: (AUTO) BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS ENTRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO
1	ALUIZIA DO NASCIMENTO FREIRE	DO ESQUECIMENTO AO PROTAGONISMO: AMÉLIA REGINALDO PELAS LENTES DE UMA HISTORIADORA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ARY ALBUQUERQUE CAVALCANTI JUNIOR	DO ENSINO SECUNDÁRIO À LUTA ARMADA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES BAIANAS NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:0
3	GABRIEL JOSÉ BRANDÃO DE SOUZA	“UM POLÍTICO DA ANTIGA ESCOLA”: A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO CORONEL ANTÔNIO PESSOA DA COSTA E SILVA E AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NA REGIÃO CACAUEIRA.	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:0
4	LAÍS PAIVA DA RESSUREIÇÃO	SOB O OLHAR DOS SEUS BIÓGRAFOS: AS REPRESENTAÇÕES DA TRAJETÓRIA FEMININA NAS BIOGRAFIAS DA PRINCESA ISABEL (1941-1989)	2ª sessão - 10/11/2021 das 14:00 às 18:00
5	NATHARA MARRIEL MARIANO	A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE FRANZ STANGL EM “NO MEIO DAS TREVAS” DA AUTORA GITTA SERENY, EM 1981	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
6	SAULO ARTUR CORDEIRO LEITE JULIÃO	“TERMINAR NOSSAS VELHAS COISAS”: ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE E. P. THOMPSON A PARTIR DE AGENDA PARA UNA HISTORIA RADICAL	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
7	SILVANO FIDELIS DE LIRA	A TESSITURA DO PASSADO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
8	THAÍS FRANÇA GUIMARÃES MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA	NO MEIO DE EXALTAÇÕES E DESPREZOS: AS HISTÓRIAS DO GÊNERO BIOGRÁFICO	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
9	WALLACE SOUSA DE MOURA	COLÉGIO LUZIA SILVA: PRÁTICAS DISCIPLINARES, NORMATIZAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NO CONTEXTO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA- BA (1950-1980)	3ª sessão - 11/11/2021 das 14:00 às 18:00
ST 14			
RELIGIOSIDADES, TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL			
N.	PROPONENTE (S)	TÍTULO	DATA/HORA DA APRESENTAÇÃO

VII Simpósio de História Regional e Local
 DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS
 09 a 12/11/2021

1	CRISTIANE NASCIMENTO DE SOUZA SACRAMENTO	AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA (1892-1930)	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
2	ERIVALDO SALES NUNES LAIS VIENA DE SOUZA	EXPERIÊNCIAS COM A FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE RELIGIOSIDADES E PATRIMÔNIO CULTURAL	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
3	JOHNADSON DE JESUS VITORIA	PRESERVAR PRA QUÊ? A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00
4	PAULO ROBERTO NOGUEIRA SILVA MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO DI GREGORIO	O CANDOMBLÉ NO TERREIRO ILÊ AXÉ ALÁ OFUN: O LEGADO NA MEMÓRIA DE UM POVO NO BAIRRO CANSANÇÃO EM JEQUIÉ-BA	1ª sessão - 09/11/2021 das 14:00 às 18:00

VII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
DEMOCRACIA: LUTAS, CONQUISTAS E AMEAÇAS

